

HISTÓRIA DAS **COMUNICAÇÕES** **ESPIRITUAIS** NO ESTADO DE **NOVA YORK** **EM 1850**



Eliab Wilkinson **Capron** e Henry Danforth **Barron**

HISTÓRIA DAS
COMUNICAÇÕES
ESPIRITUAIS NO
ESTADO DE
NOVA YORK
EM 1850

Eliab Wilkinson Capron
e Henry Danforth Barron

Título do original: *Explanation and History of the Mysterious Communion with Spirits, comprehending The Rise and Progress of The Mysterious Noises in Western New-York, generally received as Spiritual Communications.* Second Edition, revised and enlarged, with additional proof.

By Eliab Wilkinson Capron and Henry Danforth Barron, – Auburn, New York, Fowlers & Wells, Agents, second edition, March 1850.

Tradutor: Osvaldo C. Bräscher
Nov 2022

HISTÓRIA DAS COMUNICAÇÕES ESPIRITUAIS NO ESTADO DE NOVA YORK EM 1850

Eliab Wilkinson Capron e Henry Danforth Barron

Data da publicação: 28/06/2023

CAPA: Maria Líria de Souza Cortegoso

REVISÃO: Cíntia Cortegoso

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

TRADUÇÃO: Osvaldo C. Bräscher

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

C248h Eliab, Wilkinson Capron.
História das comunicações espirituais no estado de Nova York :
março 1850 / Eliab Wilkinson Capron, Henry Danforth Barron;
tradução de Osvaldo C. Bräscher; revisão Cíntia Cortegoso; capa
Maria Líria de Souza Cortegoso . - Londrina, PR : EVOC, 2023.
198 p.

Título em inglês: Explanation and history of the mysterious
communion with spirits, comprehending the rise and progress of the
mysterious noises in western New York, generally received as
spiritual communications.

1. Espiritismo-Nova York (Estado)-História. 2. Espiritismo. I.
Cortegoso, Cíntia. II. Cortegoso, Maria Líria de Souza. III. Barron,
Henry Danforth. IV. Bräscher, Osvaldo C. V. Título

CDD 133.909747
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

SUMÁRIO

NOTA DO TRADUTOR	6
PREFÁCIO DOS AUTORES à segunda edição	8
CAPÍTULO 1	12
CAPÍTULO 2	19
CAPÍTULO 3	36
CAPÍTULO 4	62
CAPÍTULO 5	71
CAPÍTULO 6	82
CAPÍTULO 7	91
CAPÍTULO 8	105
CAPÍTULO 9	119
APÊNDICE DOS AUTORES	131
ADENDO DO TRADUTOR	159
FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	193

NOTA DO TRADUTOR

A comunidade de Hydesville, na região rural do estado norte-americano de Nova York, deu origem à formação de uma ampla corrente ideológica em favor da sobrevivência e da comunicabilidade dos mortos e mereceu a edição do livro História dos ruídos misteriosos na casa de John D. Fox em Hydesville, dedicado à apresentação pública dos relatos de testemunhas das ocorrências que se deram no lar da família Fox. O movimento espiritualista é marcado pela edição desta segunda obra: História das comunicações espirituais no estado de Nova York, em 1850, surpreendente relato produzido pelo maior historiador desse período, Eliab Wilkinson Capron, com a colaboração do jovem Henry Danforth Barron, relaciona algumas das localidades nas quais se formaram os grupos privados de experimentação. Valendo-se de questionamentos dirigidos aos espíritos batedores, os autores estabelecem as primeiras interpretações filosóficas, teorizam sobre a influência moral dos assistentes, a diferenciação de classes dos espíritos comunicantes e as variantes nos timbres dos ruídos espirituais a partir de experiências ambientadas nos anos de 1848 e 1849, correspondendo aos anos pioneiros do Espiritualismo e antecedendo, em parte, alguns dos entendimentos

proporcionados pelo surgimento do Espiritismo na França.

PREFÁCIO DOS AUTORES à segunda edição

Ao virmos à sua presença, caro leitor, fazemos preito de gratidão à amizade e à simpatia dos amigos que possibilitam que nos mantenhamos intimoratos no enfrentamento dos antagonistas que, brindando-nos com os epítetos de infiéis, impostores e interesseiros arrolam para junto de si os representantes do clero e os ignorantes astutos, melindrados por verem contestadas as suas ultrapassadas crenças e, por agirem, assim, contradizem as próprias convicções religiosas que deveriam conduzi-los à bondade e ao perdão, e buscam com caprichoso zelo tão somente a multiplicação do número de seus fiéis.

Quando, há três meses fizemos o lançamento da primeira edição deste nosso trabalho, começávamos a cumprir a tarefa que nos impuséramos como um dever, sem ignorarmos o gênero do que contra nós se levantaria. Eis a natureza da nossa missão: relatar a realidade dos fenômenos espirituais. Desde o momento em que decidimos publicar o que reconhecíamos como fatos reais e, até a conclusão da última página deste nosso manuscrito, recebemos provas cada vez mais fortes de que estávamos tão somente cumprindo o dever de publicar para o mundo algo que, apesar de não ser inteiramente novo, tem sido frequentemente amordaçado e escondido por aqueles que não ousam

dizer o que têm visto, sentido e ouvido, em consequência dos seus receios das zombarias grosseiras dos escarnecedores.

Um muito conhecido professor de ciência popular recentemente comentou a um cidadão da cidade de Auburn, a respeito das ocorrências espirituais:

“Estas manifestações não representam novidade para mim. Eu já tinha presenciado algo semelhante, produzido por espíritos de amigos meus que morreram há muitos anos. Mas não vou me atrever a divulgar isso publicamente porque se o fizer, serei ridicularizado e rotulado como lunático, o que obviamente afetaria a respeitabilidade que as pessoas têm por mim.”

Esse indivíduo, tendo sido convidado, recusou-se a vir e participar das investigações sobre as manifestações na cidade de Auburn. Não há dúvida de que, se ele viesse a proceder um exame acurado, seria posteriormente instado a emitir sua opinião perante uma comunidade preconceituosa e cética e, ao expressar-se favoravelmente aos fatos, atrairia para si os mesmos ditos maldosos que têm sido lançados contra nós. Outros homens igualmente elevados em posição social investigaram e convenceram-se dos fatos, mas não vêm a público confessar suas convicções porque isso feriria suas reputações.

Incluem-se nesse rol, os editores de jornais que inicialmente afirmaram perante um considerável número de pessoas a sua crença na origem espiritual dos ruídos

misteriosos e nas comunicações que se pode obter quando os espíritos empregam esses mesmos sons para escolher as letras durante a recitação do alfabeto, mas em seus editoriais jornalísticos contradisseram-se afirmando que essas manifestações são a farsa do século XIX. Esse recuo revela o rompimento moral com que ferem a própria consciência adotando uma estratégia comercial que os mantém alinhados com grande parte da classe mais alta da sociedade, cuja opinião é sabidamente de descrença e desinteresse perante a eclosão dos fenômenos espirituais que se verificam há dois anos, desde março de 1848. Reverter os prejuízos causados à opinião pública pelas opiniões preconceituosas e dominantes foi uma das mais fortes razões que nos fez lançar a primeira edição de nosso livro em janeiro deste ano. Enquanto preparávamos o material para a editora, fomos agraciados com comunicações encorajadoras dos generosos espíritos amigos que têm mantido relação conosco nos círculos privados.

Estávamos cientes de que o nosso trabalho suscitaria fortes contestações, e sabíamos de onde essa oposição viria. Um digníssimo clérigo cristão, que é sem sombra de dúvida grande admirador da religião que queimou Yan Huss e Jerônimo de Praga porque não pensavam da mesma forma que seus contemporâneos, e que fez levarem Rogers a uma estaca e também induziu cristãos puritanos a enforcarem os quakers e a chicotear os batistas, comentou na presença de vários membros de sua Igreja, da qual ele é pastor, que os que

creem no Espiritualismo deveriam ser enforcados. Também temos consciência de que essa categoria de pessoas que até aqui tem feito oposição às novas ciências responderá à doce exortação do inspirador dos princípios e práticas dos que preferem retribuir o mal com o bem, e que exclamou em seu último suspiro: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem", e levantarão as mãos contra as verdades que ele afirmou, não obstante tais verdades pertençam ao bom Pastor, de quem confessam-se seguidores. Mas precisamos deixar claro que, de modo algum isso frustrou os nossos propósitos. Aqueles que, como nós, pensam livremente, agirão por si mesmos, independentemente das proibições e do que outras pessoas disserem, e continuarão a investigar esse importante assunto.

Apresentamos a nossa segunda edição, revisada, ampliada e acompanhada do comprovante das declarações apresentadas em nossa primeira edição. Acreditando, como sempre acreditamos, que "a verdade é poderosa e prevalecerá", continuaremos de tempos em tempos a publicar novos fatos que se nos apresentem sobre este assunto, independentemente de que outros venham novamente nos insultar dizendo: "vocês fazem isso por dinheiro".

Auburn, março, 1850.

CAPÍTULO 1

“Há mais coisas entre o céu e a terra
do que supõe a nossa vã filosofia.”

William Shakespeare

Quando, em janeiro do presente ano, fizemos o lançamento da primeira edição desta nossa publicação, não tínhamos expectativa de sermos chamados tão cedo a revisá-lo, pois supúnhamos que a mente do público estivesse suficientemente preparada para avaliar o assunto, independentemente da forma das provas apresentadas, e que estas não seriam imediatamente desconsideradas. Nesta segunda edição, trazemos mais evidências sobre os pontos colocados em questão, e indicamos nomes de pessoas que reconhecem a veracidade das declarações e que se encontram dispostas a testemunhar se for necessário.

Buscando, dessa forma tornar as comprovações suficientemente convincentes, entendemos que a classe de fatos investigados exige elevada positividade dos testemunhos de modo a angariar o convencimento dos homens. Em nossa edição anterior, não tomamos a liberdade de nomear testemunhas sem o consentimento dessas pessoas, e não houve possibilidade de consultá-las depois que aquele primeiro trabalho estava pronto para publicação. Nesta segunda edição, aqueles que exigiram um maior número de testemunhos ficarão satisfeitos, exceção feita à classe de pessoas que não confiam de modo algum em seus semelhantes e não

acreditam em declarações de testemunhas a não ser que elas próprias estivessem presentes quando as ocorrências se deram. Não esperamos convencer este tipo de pessoas, e não cremos que haveria real importância se viéssemos a consegui-lo porque não compartilhamos com posicionamentos sectaristas em que uma teoria deva ser admitida sem contestação, e advertimos àqueles que têm alguma crença nas comunicações espirituais, para que tomem o devido cuidado para não formarem organizações sectárias que podem acabar se transformando em um dos tantos ismos do mundo religioso ou antirreligioso.

Sabemos que a apresentação deste trabalho enfrentará a impopularidade que esse tema sempre desperta. Não desconhecemos a possibilidade de atrairmos zombarias de parte da imprensa e de milhares de leitores que entendem serem as manifestações espirituais uma estória assustadora e frívola de casas mal-assombradas, surgida da imaginação empolgada de pessoas mais atentas a maravilhas do que à realidade e, portanto, facilmente levadas a acreditar em coisas extraordinárias e inexplicáveis, estejam autenticadas ou não por testemunhas. Mas temos a consciência de que nosso exame do assunto transcorreu de forma justa, imparcial e crítica, e podemos dizer que nos últimos dois anos empregamos uma necessária dose de ceticismo nas visitas a várias localidades nas quais os fenômenos se produziram dentro de uma grande variedade de circunstâncias, e que não estamos sozinhos em nossas investigações, mas apoiados por

centenas de homens sérios e atentos, que examinam de forma tão minuciosa e cética quanto nós mesmos o fazemos. Não hesitamos em vir relatar ao mundo os fatos relacionados a um fenômeno que, se não é novo em todos os seus aspectos, certamente é diferente em sua eclosão e que, pela variedade e constância das manifestações, não tem precedentes nos registros históricos mundiais.

Não somos movidos por nenhum desejo de alimentar a credulidade popular ou de excitar a ignorância dos supersticiosos que, por um tempo demasiado longo, têm sido presas das artimanhas de homens astutos. Desejaríamos, sim, repudiar as explicações baseadas na existência de algo sobrenatural, utilizadas pelos exploradores da ignorância humana, com o que logram prejudicar muitas pessoas. Consideramos essencial que as experimentações espiritualistas que estão em curso em várias localidades alcancem, em algum momento, um entendimento mais aprofundado sobre a gênese dos fatos relatados neste trabalho. Deverá ser uma explicação natural e completa dos vários fenômenos, de modo a proporcionar a todos, inclusive aos que vierem a investigar mais detalhadamente, a enfrentarem seus receios e terem menos sentimentos supersticiosos em relação ao assunto. A adesão às atividades de investigação desses fenômenos assegura a todos o despojamento do sentimento de superstição, resultando na compreensão da importância dessas manifestações e da irrefutabilidade da presença dos espíritos, bem como da

capacidade que eles têm de se darem a conhecer a pessoas deste mundo material, a ponto de que o contato com os espíritos torna-se algo tão natural que não mais nos surpreendemos, principalmente quando começamos a compreender os mecanismos pelos quais a comunicação espiritual é colocada em ação.

Ao fazermos este relato, queremos negar toda e qualquer aceitação de nossa parte à defesa do termo 'sobrenatural' como tentativa de descrever esses fenômenos, pois este termo propõe a existência de algo fora da própria natureza e não cremos em tal hipótese. Mantemos uma elevada confiança no perfeito funcionamento das leis da natureza acionadas pelo Grande Espírito, o qual permeia, engloba e governa todas as coisas, e que atribui sentido aos fatos que rapidamente se tem espalhado, e providencia a sua rápida difusão, provendo o influxo direto das influências espirituais no mundo, que é propriamente mais um elo na grande cadeia das leis naturais. O porquê de seu aparecimento apenas nesta época da humanidade, ou a razão pela qual ele não havia ainda se tornado mais amplamente conhecido, somos incapazes de afirmar, e igualmente desconhecemos o porquê de todas as grandes descobertas científicas não terem sido reveladas aos homens de uma única vez, ao invés de termos que acompanhar o lento desenvolvimento do intelecto do homem e, assim, vê-lo preparado para a recepção gradual das poderosas mudanças que ocorreram desde os estágios iniciais do progresso humano até os dias atuais. Assim como a Terra não se

formou em poucos anos para chegar ao seu atual estado de desenvolvimento geológico, também o homem não chegou de uma só vez ao seu presente estado de aperfeiçoamento e inteligência. O desenvolvimento gradual no processo de aperfeiçoamento contínuo parece ser a lei universal da natureza.

Como este é um assunto que está merecendo em todo o mundo uma atenção inusitada, pode ser oportuno para o leitor dedicarmos um pouco de tempo examinando se os fatos estranhos relatados nas páginas a seguir são racionais e possíveis, e prováveis até mesmo para os mais céticos.

A separação total entre espírito e matéria, feita pela filosofia clássica e pela teologia tem levado milhares de estudiosos, interessados em disciplinas do pensamento, a rejeitar completamente a ideia da existência de pessoas sem a forma tangível revestida pelos homens. Os estudos filosóficos falharam completamente ao rejeitar, nas antigas tradições, as provas que eram admitidas como racionais pelos pensadores antigos. Estamos prontos a simpatizar com aqueles que se mostram céticos em relação à admissão de algo além da morte, pois também mantivemos, durante longo tempo, essa mesma forma de pensar. O grande obstáculo que se apresenta no caminho desse entendimento, como já referimos, é a muito comum admissibilidade de um distanciamento entre o que para nós é tangível, daquilo que é substância intangível. O fato de que, no estado normal, os homens não podem ver o ser mais refinado a que damos o nome de espírito,

levou teólogos a negarem a existência de algo intangível e totalmente separado da matéria.

Estudiosos da área filosófica, não tendo a prova positiva da existência dos espíritos, rejeitaram toda teoria que afirmasse a existência de algo que subsistiria após a decadência do corpo visível. Mas os desenvolvimentos dos últimos anos, trazidos pela clarividência e pela ciência da psicologia, convenceram a muitos dos que duvidavam da possibilidade de uma vida futura, de que há uma identificação positiva de espíritos de pessoas que tendo falecido, passaram deste para outro estado de existência.

Os fatos que aqui serão apresentados encontram-se acompanhados de provas positivas e conclusivas no que diz respeito à verificação de sua autenticidade. A ideia de uma fraude, que estaria sendo repetidamente cometida por pessoas cuja integridade nunca foi motivo de dúvida – que lhes trazem incômodos recorrentes e nenhuma compensação em sentido pecuniário –, seria muito mais misteriosa e inexplicável, do que admitir que os fenômenos são apenas aquilo a que se propõem, ou seja, manifestações de espíritos que antes viveram na Terra. Também se deve ter em mente que aqueles que primeiro ouviram esses ruídos em Hydesville não estiveram apenas sujeitos ao incômodo da visitação de centenas de pessoas de todos os tipos e classes, mas foram objeto de ridicularização e motivo de constantes calúnias contra sua honestidade e alvo das insinuações mais grosseiras contra o seu caráter moral. À medida que os fenômenos se espalharam de uma casa para

outra e de uma localidade para outra, os abusos praticados contra o grupo inicial reduziram-se um tanto, divididos entre todas as demais pessoas que resolveram não fechar os olhos e ouvidos para os fatos que se revelam em torno delas.

Depois das investigações públicas realizadas no auditório Corinthian Hall, na cidade de Rochester, muitos se convenceram de que as pessoas em cuja presença os ruídos acontecem não têm participação na sua criação, e nossa expectativa é de que este livro produza o efeito de reabilitar o nome daqueles que foram falsamente acusados de fraude e engodo. É com esse intento que muitos de nossos amigos e também os amigos daqueles que presenciaram o surgimento dos ruídos em Hydesville nos incentivaram a ir em frente com este trabalho.

Se houver alguém que, depois de ponderar cuidadosamente os testemunhos aqui apresentados, ainda duvide da realidade dos fenômenos de comunicação espiritual, então venha investigar e prove ao mundo que se trata de um truque e mostre como essa trapaça é feita, e todos os homens honestos ficarão agradecidos. Se eles falharem em provar que se trata de uma farsa, que encontrem uma solução melhor e mais explicativa para os vários fenômenos, e o mundo inteiro se obrigará a uma gratidão duradoura para com eles.

CAPÍTULO 2

História das primeiras aparições dos sons misteriosos na cidade de arcádia, condado de Wayne, estado de Nova York

A primeira história bem autenticada de ruídos inexplicáveis no estado de Nova York deu-se em uma casa ocupada pelo Sr. Michael Weekman, em uma pequena vila conhecida pelo nome de Hydesville, na cidade de Arcádia, condado de Wayne, neste estado de Nova York.

Ele residiu na casa alugada durante cerca de dezoito meses, e a deixou no ano de 1847. A declaração do Sr. Weekman, proferida a E. E. Lewis, consistiu na explanação que descrevemos a seguir.

Certa noite, próximo à hora de se retirar para dormir, ele ouviu uma batida na porta do lado de fora, e diferente do que costumava fazer, em vez de familiarmente dizer – entre! –, ele foi até a porta e a abriu ele mesmo. Não tinha dúvidas de que de imediato encontraria alguém que desejava entrar, mas, para sua surpresa, não havia ninguém do lado de fora e, fechando a porta, foi se trocar para dormir. Pouco antes de se deitar, ele ouviu nova batida forte. Correu até a porta e rapidamente a abriu, e não vendo ninguém ali, saiu, deu uma volta em torno da casa procurando pela pessoa que estaria se divertindo com isso, mas não conseguiu encontrá-la e voltou para dentro de casa. Alguns

momentos depois, tendo ouvido novamente a mesma batida, decidiu colocar o pé junto da porta e segurou o trinco, para surpreender quem batesse novamente na porta. Com nova repetição da batida, ele afirma que pôde sentir a vibração da porta e a abriu rapidamente, mas não havia ninguém do lado de fora. Ele deu uma segunda volta em torno da casa, mas não encontrou ninguém. Sua esposa e sua filha estavam com medo de que, ao sair, alguém pudesse feri-lo. Ele não encontrou explicação para essa ocorrência, que não se repetiu novamente.

A família Weekman foi então incomodada de um modo mais perturbador. Uma noite, sua pequena filha, então com 8 anos de idade, gritou com medo, colocando toda a família alarmada por volta da meia-noite. Logo os pais correram em seu auxílio e demorou muito até que ela conseguisse se acalmar para falar. Ela disse que uma mão fria havia passado pelo seu rosto e pela cabeça. Demorou vários dias para ela ser convencida a voltar a dormir no seu quarto.

Poderia ser aventada a possibilidade de tratar-se apenas de um pesadelo, caso não tivéssemos evidências de que tais manifestações tornaram-se comuns em vários outros lares onde ocorrências de natureza espiritual passaram a acontecer.

Novas manifestações estranhas naquela casa repetiram-se apenas quando a família do Sr. John Fox veio ocupá-la. Estava reservado a essa família serem os instrumentos de revelação ao mundo deste assunto tão excepcional. Foram eles os primeiros como que, por

acaso, a descobrirem que uma inteligência buscava manifestar-se por meio de ruídos, apesar de que a princípio parecia nada mais que um barulho insistentemente irritante e inexplicável.

A família do Sr. Fox era bem conhecida na vizinhança onde moravam. John e Margareth Fox frequentavam a Igreja Metodista Episcopal em Hydesville, orientação religiosa da qual, por muitos anos, foram profícuos exemplares na cidade de Rochester e mantinham um caráter de credibilidade inimitável. Ninguém que os conhecesse tinha a menor suspeição sobre sua honestidade e veracidade. Na época em que essas ocorrências se iniciaram junto à família Fox, três filhas moravam com os pais, tendo a mais nova doze anos de idade.

Há, provavelmente, poucas famílias nas quais, tendo irrompido fatos dessa natureza, geraram um grau de surpresa e medo tão grande quanto na família Fox. Eles não tinham nenhum conhecimento a respeito de ocorrências similares registradas na história universal, e como todas as pessoas criadas na rotina comum da crença religiosa, encontravam-se totalmente despreparados para aceitarem a possibilidade de espíritos darem-se a conhecer por ruídos perturbadores.

Colhemos da família Fox, o relato dos fatos que narramos a seguir. Eles são, na essência, o que está disposto no livro Ruídos misteriosos na casa de John D. Fox em Hydesville, publicado por E. E. Lewis algumas semanas após a deflagração das manifestações na área rural da cidade de Arcádia.

A família Fox mudou-se para a casa na aldeia de Hydesville (anteriormente alugada ao Sr. Weekman) no início do mês de dezembro de 1847, e em algumas semanas, ruídos estranhos foram percebidos, mas os barulhos mais perturbadores começaram a ser ouvidos no mês de março. A princípio tratavam-se de batidas leves no chão de um dos dormitórios. O ruído acontecia no piso de madeira e era possível sentir, no estrado da cama, a repercussão da vibração produzida. O mesmo tremor foi relatado muitas vezes por pessoas que investigaram a produção de ruídos em outras localidades. A melhor ideia que podemos dar dessa sensação, é dizer que se assemelha à aplicação de uma pilha galvânica em algo que estivesse assentado ao chão, acompanhado de leve tremor do soalho de madeira e que não é produzido por um golpe material. A primeira vez que ouviram isso foi à noite logo depois de se recolherem para dormir. Na ocasião, a família inteira ocupava o mesmo quarto, e todos ouviram os ruídos. Eles se levantaram e utilizaram a luz de velas para tentar encontrar a causa dos barulhos, que continuaram durante todo o tempo que eles estavam procurando, e sempre próximo a um mesmo local. Só conseguiram conciliar o sono por volta da meia-noite, quando os ruídos cessaram. A partir de então, todas as noites passaram a contar com a repetição desses ruídos.

Na noite do dia 31 de março de 1848, eles resolvem chamar os vizinhos. Até aquele momento, os ruídos fortes e repetitivos não tinham sido ouvidos durante o dia por ninguém da família. Na noite aqui

aludida, eles se recolheram mais cedo, para tentar reparar o cansaço da noite anterior, causado pela vã tentativa de descobrir de onde a barulheira se originava. Eles combinaram entre si, que nessa noite não se deixariam perturbar de modo algum, e que assim, conseguiriam descansar.

O Sr. Fox não tinha ainda se recolhido quando os sons habituais começaram. As jovens que ocupavam outra cama no mesmo quarto tentaram imitar aqueles ruídos estalando os dedos. A tentativa foi feita pela primeira vez pela mais nova, então com 12 anos de idade. Quando ela estalou os dedos, os sons foram repetidos por batidas em idêntica quantidade. Quando ela parou de estalar os dedos, os ruídos também cessaram temporariamente. A outra jovem, de 15 anos, começou a bater palmas dizendo: "agora, faça o que eu faço; conte um, dois, três, quatro, cinco, seis". O mesmo número de ruídos foi repetido como na situação anterior. Surpresa e alarmada com a manifestação inteligente, ela desistiu de tentar outros experimentos. A Sra. Margaret Fox disse: "conte até dez", e ouviram-se dez batidas bem nítidas. Ela solicitou que ele dissesse a idade de Cathy (uma das filhas), e a resposta em batidas correspondeu corretamente à idade dela, e de igual modo, a idade de todos os seus outros filhos foi corretamente afirmada pelo visitante invisível.

A Sra. Margaret Fox então perguntou se era um ser humano que estava fazendo aquele barulho, e se fosse, que fizesse novamente um ruído, mas não houve nenhuma batida em resposta a essa pergunta. Ela

solicitou que se ele fosse um espírito, produzisse dois ruídos. Assim que ela terminou de falar, a família ouviu dois ruídos bem nítidos. Ela então perguntou se ele era um espírito que sofrera agressão, e solicitou novamente que respondesse como antes, e o ruído repetiu-se. Por esse modo de comunicação, ela informou-se que se tratava do espírito de um homem, e que ele fora assassinado naquela casa por uma pessoa que a tinha alugado alguns anos antes; que ele era um caixeiro-viajante e que o assassinato se deu por motivo de dinheiro. Para a pergunta sobre quantos anos ele tinha, ouviram-se trinta e um ruídos bem destacados. Ela também se informou, pelos mesmos ruídos, que ele era um homem casado e tinha deixado a esposa e cinco filhos, e que sua esposa morrera há dois anos.

Depois de ter todas as suas questões respondidas, ela perguntou: "você continuará a fazer os ruídos se eu chamar os vizinhos?" A resposta foi um ruído apenas, que significou concordância. Então eles resolveram chamar os vizinhos para ajudarem, se possível, a resolver esse grande mistério.

Os seus vizinhos mais próximos foram os primeiros a chegar e pensavam que iriam rir pelo fato de a família estar com medo; mas quando a primeira vizinha esteve na casa dos Fox constatou que o ruído podia dizer qual era a idade dela batendo o exato número de pancadas, assim como a idade de outros, e dar respostas corretas a perguntas sobre assuntos que a família do Sr. Fox desconhecia completamente. Ela concluiu que havia algo mais do que um motivo de risos em tais comunicações

audíveis e invisíveis. Esses vizinhos saíram para chamar outros, que vieram, e após investigarem, chegaram a mesma conclusão.

A família Fox, estando um pouco alarmada e muito cansada, dividiu-se para pernoitar na casa de vizinhos, exceção ao Sr. Fox que passou a noite junto de alguns vizinhos fazendo perguntas ao visitante invisível. No dia seguinte, o assombro começou a se espalhar pela redondeza, e a casa logo estava cheia de candidatos ansiosos desejando interrogar o comunicante que respondia por meio de ruídos. Era um dia de sábado e, assim como nos dias anteriores, as manifestações das batidas ocorreram de noite. A multidão que veio de várias localidades era muito maior do que a casa podia comportar. Alguns estimaram que naquela noite houve algo como quatro centenas de pessoas reunidas em torno da casa para ouvir os ruídos, tão grande foi a agitação no início dessas ocorrências estranhas. À noite, a comunidade nomeou uma comissão para fazer buscas e relatar o resultado da investigação.

No domingo, dia 2 de abril, os barulhos estiveram presentes desde a manhã e foram ouvidos o dia inteiro por todos que conseguiram entrar na casa.

Para que o leitor possa verificar que o que estamos aqui afirmando não diferiu em nada do que ouvimos da família, transcreveremos o depoimento de William Duesler, morador do loteamento Hydesville, o vizinho mais próximo da casa dos Fox à época dos distúrbios. Veremos que o Sr. Duesler desenvolve uma nova maneira de obter respostas por meio de ruídos.

A declaração foi publicada no livreto de E. E. Lewis, advogado de Canandaigua, estado de Nova York, que contém o testemunho de muitas pessoas daquela vila. O Sr. Duesler declarou o seguinte:

"Eu moro nesta região, mas eu sou do condado de Cayuga, de onde vim no mês de outubro do ano passado. Moro a menos de cem metros da casa onde esses ruídos foram ouvidos. A primeira vez que ouvi essas batidas foi na semana passada, na sexta-feira à noite. A Sra. Redfield veio à nossa casa buscar a minha esposa e a levou até a casa dos Fox. A Sra. Redfield estava muito nervosa. Minha esposa insistiu que eu fosse junto, e eu aceitei. Quando ela nos falou o motivo porque estava nos convidando, confesso que eu ri; e ridicularizei a possibilidade de ser alguma coisa misteriosa. Retruquei que era tudo bobagem e que, com toda certeza, iríamos descobrir a causa do barulho. Eu tinha certeza que seria uma coisa fácil de explicar. Era por volta de 9 horas da noite. Havia lá umas doze ou catorze pessoas quando eu cheguei. Algumas pessoas estavam tão assustadas que não se atreviam a ir até o quarto. Eu fui até o quarto e me sentei na cama. John Fox fez uma pergunta, e eu pude ouvir muito bem o tal ruído do qual todos ali estavam comentando. Eu pude sentir a estrutura da cama tremer a cada ruído emitido. A Sra. Margaret perguntou se ele responderia a perguntas minhas e se concordasse, que fizesse ruídos. Então, ouvimos três pancadas. Resolvi perguntar se era um espírito assassinado? E ele deu uma pancada. Eu perguntei se ele tinha vindo para se vingar de alguma

das pessoas que estavam ali presentes, mas nesse momento não houve nenhum ruído. Eu inverti a questão, perguntando se ele não veio para se vingar, e ele respondeu com uma batida confirmatória. Eu perguntei se eu ou meu pai tínhamos ferido ele? (porque anteriormente tínhamos morado naquela casa) e não houve nenhum ruído. 'Se não fomos nós que te matamos, peço que confirme isso batendo' – e nós todos ouvimos três batidas nítidas. Fui nomeando algumas das famílias que já tinham residido naquela casa e perguntei se tinham sido o assassino dele, e não houve nenhum ruído. Quando perguntei se a pessoa que o matou tinha residido naquela casa, um ruído foi ouvido. Perguntei se o Sr. John Bell (que tinha vivido anteriormente na casa) tinha matado ele e, em caso afirmativo, manifestar por batidas, e ele soou três batidas mais alto do que o normal e as vibrações também foram maiores do que as anteriores. Perguntei se o motivo do crime foi dinheiro, e as batidas confirmaram. Falei que iria mencionar a soma de dinheiro que tinha motivado o assassinato. Perguntei se foi cem dólares, duzentos, trezentos ou quatrocentos e quando eu falei quinhentos dólares, o som foi ouvido. Todos na sala disseram que também ouviram bem. Perguntei novamente se foi quinhentos dólares? E o ruído foi ouvido."

"Depois disso eu saí e fui buscar Artemas Hyde, proprietário das casas deste loteamento. Ao retornar, fiz praticamente todas as mesmas perguntas novamente, e as respostas obtidas foram idênticas às anteriores. O Sr. Redfield foi atrás de David Jewell mais a esposa, e a Sra.

Hyde. Depois que estas pessoas chegaram, repeti as perguntas mais uma vez e o ruído deu as mesmas respostas de antes. Perguntei sobre a forma como ele foi assassinado. Se foi com um golpe na cabeça? E não houve nenhum ruído. Então, inverti a pergunta – você não foi morto com um golpe na cabeça? E ouvimos os ruídos. Perguntei se ele foi esfaqueado no peito? E não houve resposta; ao pedir para bater se não tivesse sido esfaqueado no peito, os ruídos soaram. Geralmente ele dava três batidas para cada resposta das minhas perguntas. Então, perguntei se a garganta dele foi cortada? E ele bateu confirmando. Perguntei se foi com uma faca de açougueiro? E os ruídos confirmaram. Da mesma forma, ficamos sabendo que ele estava dormindo na hora, mas que acordou quando a faca entrou na garganta; que lutou, e fez um pouco de barulho e de resistência. Perguntei a ele se havia mais alguém na casa, além dele? Mas não ocorreu ruído. Perguntei se os dois estavam sozinhos? E o ruído foi ouvido.”

“Então, perguntei se Lucretia Pulver trabalhava lá naquela ocasião? E o ruído disse que sim. Se ela tinha ido embora naquela noite? E se a Sra. Bell também tinha saído? E as duas respostas foram afirmativas. Os sons só aconteciam se fizéssemos perguntas. Então, eu perguntei se alguém em Hydesville, além de John Bell, sabia quem era o assassino? E ouvimos o som bater. Falei o nome de várias pessoas para ele responder se sabiam do assassinato? E não houve nenhum ruído em resposta, mas quando cheguei ao nome da Sra. Bell nós

ouvimos um ruído confirmando. Perguntei se ninguém além de John Bell e a esposa sabiam do crime? E ele fez os ruídos, e se eles eram os únicos que sabiam quem era o assassino? E ele fez os ruídos. Perguntei se o corpo tinha sido colocado no porão? Ele confirmou com um ruído. Perguntei sobre vários lugares onde poderia estar enterrado o corpo no porão e só houve ruído quando perguntei se o corpo estaria no meio do porão.”

“Charles Redfield pegou uma vela e desceu até o porão. Eu disse a ele que caminhasse em direções diferentes, e fui perguntando ao espírito se Redfield estava em cima do local onde foi enterrado o corpo? E o ruído só foi ouvido quando ele se posicionou em determinado lugar no meio do porão. Redfield caminhou para um lado, e então eu refiz a pergunta e não houve ruído. Repetimos isso várias vezes, e somente recebíamos ruído de resposta quando ele retornava àquele mesmo lugar. Redfield disse que de lá do porão ele também conseguia ouvir o ruído produzido no quarto onde eu estava.”

“Então eu fiz perguntas sobre o modo como o corpo foi levado para o porão; se foi pela porta do porão que dá para a rua? E não houve ruído; ou se ele foi levado para baixo passando pela despensa e descendo a escada interna? Ele então fez um ruído. Pedi a ele que dissesse a minha idade – ele fez soarem 30 ruídos na madeira. Esta é a minha idade e acho que além da minha família mais ninguém aqui na vila sabe a minha idade. Pedi para ele dizer a idade da minha esposa e ele fez 30 ruídos também, correspondendo exatamente à idade

dela – muitos que estavam dentro da casa naquele momento contaram em voz alta o número de ruídos produzidos. Pedi que comunicasse a idade de Artemas W. Hyde e ouvimos 32 ruídos – o que foi confirmado por Hyde que estava ali e participou da contagem dos ruídos. E qual era a idade da esposa de Hyde? Ele bateu 31 vezes, e ela, que também estava lá naquele momento, confirmou que era a idade dela. Então, falei o nome de cada uma das demais pessoas presentes no quarto e perguntei as suas idades, e elas confirmaram que ele acertou todas.”

“Então, perguntei o número de crianças em cada uma das famílias da vila? Ele respondeu corretamente a todas as perguntas. Além disso, o número de mortes que tinha acontecido em cada família? E ele respondeu corretamente. Pedi que ele dissesse a sua própria idade, e ouvimos 31 ruídos. Se ao morrer ele tinha deixado uma família? Ele afirmou que sim. Perguntei o número de filhos que ele tinha? Ele deu cinco batidas. Qual o número de meninas? Ele bateu três vezes; qual o número de meninos? Ele bateu duas vezes. Antes disso eu tinha perguntado se ele era um homem? E usando o método das batidas ele respondeu que sim; se ele era um caixeiro-viajante? Ele respondeu que sim.”

“Perguntei sobre o momento em que ocorreu o assassinato, falando os diferentes dias da semana, e as diferentes horas do dia, e soubemos que ele foi assassinado na noite de terça-feira, por volta da meia noite. Ele fez o ruído somente quando o período exato foi mencionado. Quando foi perguntado se ele foi

assassinado numa quarta, quinta ou sexta-feira, não houve nenhum som. Eu perguntei se ele tinha algum baú? E ele bateu que sim. Quantos baús ele tinha? Ele respondeu um. Da mesma forma, constatamos que ele tinha mercadorias no seu baú e que John Bell ficou com elas quando o matou; e que junto havia um outro pacote de mercadorias.”

“Perguntei se sua esposa ainda estava viva? E não houve ruído. Inverti a pergunta, perguntando se ela tinha morrido? Ouvimos um ruído. Então, eu pedi para ele informar há quantos anos sua esposa tinha morrido? E ele fez dois ruídos. Da mesma forma eu confirmei que os seus filhos continuavam vivos e morando neste Estado e, falando em voz alta cada um dos condados, somente ouvimos um ruído quando perguntei se eles viviam no condado de Orleans. Estas perguntas foram repetidas várias vezes e o resultado sempre foi o mesmo.”

“Então, falando cada uma das letras do alfabeto, procurei saber as primeiras letras do nome dele. Comecei pela letra A, para a qual ele não fez ruído. Quando cheguei no C, ouvimos uma batida. Continuei soletrando até o final do alfabeto, mas não ouvimos nenhum ruído. Então, recomecei a soletrar para obter a inicial do seu sobrenome; e quando eu perguntei se era B, ocorreu um ruído. Ainda soletramos todas as outras letras, mas não houve nenhum som. Então, eu perguntei se usando esse método poderíamos saber o seu nome completo? E não ouvimos ruído. Inverti a questão, e o som foi ouvido. Questionado se o assassino seria punido

pela justiça humana por cometer este crime, ele não respondeu. Fiz a pergunta ao contrário e ele respondeu com um ruído. Perguntei por qual motivo? E depois de fazer muitas perguntas diferentes a respeito disso, para as quais não obtive resposta, finalmente perguntei se era porque não havia testemunhas do assassinato? Ele confirmou. Perguntei se o assassino seria punido futuramente? E ele fez um ruído bastante alto. Perguntei, então, se havia punição após a morte? respondeu pelo ruído que sim. Perguntei se ele iria produzir ruídos no sábado à noite? Ouvimos a batida confirmando, e também soubemos que ele iria continuar a bater até que seu corpo fosse encontrado.

“Eu e os outros fizemos outras perguntas naquela noite de sexta-feira de que não me recordo agora, mas posso afirmar que foram prontamente respondidas pelos ruídos. Fiquei na casa do Sr. Fox até perto da meia-noite, e depois voltei para a minha casa. O Sr. Redfield e o Sr. Fox passaram a noite na casa.

“Sábado à noite estive lá novamente, por volta das 19 horas e encontrei a casa cheia de gente e me disseram que os ruídos já tinham recomeçado. Fui até o quarto e os ruídos estavam respondendo às perguntas. Quando chegou a minha vez de perguntar, repeti as mesmas perguntas da noite anterior e ele me deu as mesmas respostas. Fiz novas perguntas que também foram respondidas. Algumas pessoas me pediram que eu saísse do quarto e deixasse outras pessoas perguntarem, então eu vim embora para a minha casa. Calculo que quando ali estive no sábado, havia umas

trezentas pessoas, considerando dentro e fora da casa. Enquanto eu estive lá, vi Hiram Soverhill e Volney Brown fazerem perguntas e ouvi o ruído respondendo para eles.

“Voltei lá no domingo, entre 13 e 14 horas. Eu fui para o porão junto com alguns outros e pedimos que todos que estavam no piso acima de nós saíssem da casa. Então, eu pedi que fosse confirmado se tinha um homem enterrado no porão e que estava tentando se comunicar usando ruídos? No momento em que fiz essa pergunta, aconteceu um som no piso do quarto acima de nós, semelhante à queda de uma vareta de não mais que trinta centímetros de comprimento e com um centímetro de espessura no assoalho do quarto acima das nossas cabeças. Dava a impressão de que não era jogada no chão porque produzia uma única batida. Eu disse a Stephen Smith que subisse para verificar se poderia descobrir qual era a causa do ruído. Ele retornou dizendo que não encontrou nada e que também não havia ninguém lá em cima no quarto e em nenhum outro recinto da casa. Então, eu fiz mais duas perguntas, e ele respondeu batendo da forma habitual. Subimos as escadas, e fizemos uma busca minuciosa em todos os recintos, mas não encontramos ninguém.

“Com uma faca e um garfo tentei fazer o mesmo barulho ao deixá-los cair, mas não consegui. Isso foi tudo que eu ouvi no domingo. Há apenas um assoalho de madeira entre o quarto e o porão não havendo um lugar onde alguém poderia se esconder para produzir os

ruídos. Quando eu estava no quarto e ouvia esse ruído, eu podia sentir um tremor leve no assoalho.

“Tentaram fazer uma escavação no porão na noite de sábado. Eles cavaram até que veio água, e então desistiram. Tinha sido perguntado antes, se seria adequado cavar naquela noite, e não houve resposta. E se seria errado cavar naquela noite, e um ruído soou. Perguntaram se deveríamos cavar no domingo? Não houve som. Na segunda-feira? Então, ouvimos novamente o ruído. No entanto, por insistência de alguns, a escavação foi iniciada naquela mesma noite de domingo, mas sem sucesso. Na segunda-feira à noite, ouvimos os ruídos novamente, e resolvemos fazer as mesmas perguntas que eu já tinha feito, e obtivemos as mesmas respostas. E foi esta a última vez que ouvi os ruídos.

“Não tenho nenhum tipo de explicação para este ruído diferente, que eu e outras pessoas ouvimos. É um mistério para mim, e não sou capaz de resolver. Posso até depor sob juramento que não fui eu que fiz os ruídos ouvidos por nós, e que também não sei de ninguém que pudesse ser capaz de fazer aquelas batidas; e que desde aquelas ocorrências passei bastante tempo tentando entender as suas causas, mas para mim só pode ser mesmo uma causa sobrenatural. Eu morei naquela casa há sete anos, e naquela época não ouvi nenhum ruído desse tipo na parte interna ou na parte externa da casa. Fiquei sabendo que Johnson e outros moraram antes de John Bell mudar para lá, e não tinha nada desses ruídos quando eles ocuparam a casa. Eu nunca acreditei em

casas mal-assombradas, e também nunca ouvi nem vi alguma coisa que eu não pudesse explicar; mas quanto a estas ocorrências, até agora eu ainda não sei explicar.”

12 de abril de 1848.

(Assinado) William Duesler.

No mesmo sentido é o testemunho das seguintes pessoas, cujas declarações estão publicadas na obra aludida, a saber: John D. Fox, Walter Scotten, Elizabeth Jewel, Lorren Penny, James Bridger, Chauncey P. Losey, Benjamin F. Clarke, Elizabeth Fox, Vernelia Culver, William D. Storer, Marvin P. Losey, David S. Fox e Mary Redfield.

Estes são apenas alguns selecionados a partir dos vizinhos imediatos do Sr. Fox. O número de pessoas que examinaram o assunto até este momento chegaria a centenas, talvez a milhares de pessoas.

CAPÍTULO 3

História de manifestações semelhantes na família de Samuel Wesley (pai do reverendo John Wesley), em Epworth, Inglaterra, em 1716

A fim de mostrar que a narrativa sobre a família Fox, apresentada no capítulo anterior não é totalmente sem paralelo na história universal, e que aqueles que são os seus protagonistas não têm direito ao crédito de originalidade, dedicamos o presente capítulo à apresentação de extratos das provas de ocorrências similares na família Wesley, na Inglaterra, em 1716. As informações não são objeto de dúvida porque estão abundantemente autenticadas, e nunca se soube que tenham sido contestadas por alguém que pretendesse diminuir a confiança da palavra daqueles cujo caráter jamais sofreu acusações. Ao todo, nove membros dessa família testemunham as mesmas coisas. Encontramos esta narrativa em um livro intitulado Memórias da Família Wesley, de autoria de Adam Clarke, publicado em Londres, segunda edição, 1846.

Narrativa elaborada pelo Sr. John Wesley, e publicada por ele na Revista Arminiana.

“Quando eu tinha cerca de 13 anos de idade, soube que meu pai escreveu várias cartas para meu irmão mais velho, dando conta de estranhas perturbações que estavam ocorrendo em sua casa em Epworth, região de Lincolnshire.”

“Quando fui para lá no ano de 1720, então com 17 anos, busquei informar-me cuidadosamente sobre todos os pormenores e falei com cada uma das pessoas que estavam na casa à época dos incidentes, e tendo coletado o que cada um testemunhou a partir de sua experiência pessoal, obtive o conjunto de relatos que seguem.”

“Em 2 de dezembro de 1716, um pouco antes das dez da noite, enquanto Robert Brown, o criado de meu pai e uma das empregadas estavam sentados na sala de jantar que dava para o jardim, os dois ouviram uma batida na porta. Robert foi até lá abrir, mas não havia ninguém do outro lado da porta. Ouviram novamente a batida, seguida por um gemido. ‘É o Sr. Turpine’, disse Robert; ‘Ele tem o hábito de gemer assim’. A batida repetiu-se mais três vezes, e ele abriu sempre a porta, mas não viu nada, e, assustado, retirou-se para dormir. Quando Robert chegou ao topo da escada do sótão, ele viu o moinho de mão, que estava um pouco distante, rodopiando em movimentos rápidos. Quando ele me relatou isso, ele disse: ‘Não chegou a me aborrecer, a não ser que estivesse vazio. Eu pensei, então, que se ele estivesse completamente cheio de malte, bem podia moer tudo para mim’. Ainda sem dormir, ele ouviu como se fosse o gorgolejar de um peru perto da cabeceira da cama, e logo depois, o som de alguém tropeçando em suas botas; mas as suas botas não estavam ali, pois ele as tinha deixado lá embaixo. No dia seguinte, ele e a empregada contaram essas coisas para outra empregada, que riu muito e disse: ‘Que par de tolos

vocês são; eu desafio o que quer que seja a vir me assustar'. Depois de bater o leite, de noite, ela colocou a manteiga na bandeja e, assim que a levou para a leiteira, ouviu uma batida na prateleira, primeiro na parte de cima, depois embaixo. Ela pegou a vela e procurou tanto acima quanto abaixo, e não encontrando nada, jogou manteiga, bandeja e tudo o mais no chão e correu da cozinha."

"Na tarde seguinte, entre cinco e seis horas, minha irmã Molly, então com vinte anos de idade, lia sentada na sala de jantar e ouviu passos de alguém caminhando perto da porta que dava para o corredor aberto. Os ruídos assemelhavam-se ao caminhar de alguém que, vestindo uma camisola de seda, a fizesse farfalhar enquanto se arrastava. Parecia se movimentar ao redor de Molly e, em seguida, dirigiu-se para a porta, retornando subitamente para perto dela outra vez; mas ela não via ninguém ali. Molly pensou: 'Não adianta eu tentar fugir, pois, seja o que for, pode correr mais rápido do que eu'. Então ela se levantou, colocou seu livro debaixo do braço, e caminhou lentamente para longe da sala de jantar. Depois do jantar, ela estava sentada com a minha irmã Sukey (um ano mais velha que ela), em uma das saletas, contando-lhe o que tinha acontecido. Sukey fazendo pouco caso do que ouvia, disse-lhe: 'Eu acho que você se assusta fácil demais; eu tenho certeza de que eu não ficaria com medo'. Imediatamente surgiram ruídos debaixo da mesa. Ela pegou a vela e olhou, mas não encontrou nada. Então o batente da janela de ferro e um aquecedor de metal começaram a

tremer. Em seguida, o trinco da porta se moveu para cima e para baixo sem cessar. Ela se levantou, jogou-se na cama sem se trocar, puxou as cobertas sobre a cabeça e não se aventurou a olhar para fora até a manhã seguinte.”

“Uma ou duas noites depois, minha irmã Hetty, um ano mais nova que a minha irmã Molly, estava à espera, como de costume, entre nove e dez horas, para retirar a vela do quarto de meu pai, quando ouviu alguém descendo as escadas do sótão, caminhando lentamente e passando por ela e, em seguida, descer as escadas principais, então subir as escadas de volta, passar por ela novamente e subir as escadas do sótão; a cada passo parecia que a casa tremia de alto a baixo. Só então o meu pai bateu na porta para chamá-la. Ela entrou, pegou a sua vela, e retirou-se para dormir o mais rápido possível. Na parte da manhã ela contou isso para minha irmã mais velha, que lhe disse: ‘Você sabe que eu não acredito em nenhuma dessas coisas; deixe-me tirar a vela esta noite e eu vou descobrir que truque é esse’. Assim, ela tomou o lugar da minha irmã Hetty, e um pouco antes de tirar a vela, ouviu um barulho que vinha lá debaixo.”

“Ela desceu apressadamente as escadas até o corredor, de onde o barulho viera; mas agora ele tinha mudado para a cozinha. Ela correu para a cozinha, e ouviu repetidos ruídos no interior da saleta da saída da cozinha. Quando ela se dirigiu até esse local, o som agora provinha do lado de fora; e assim sempre do lado oposto ao seu. Então ela ouviu uma batida atrás da porta

da cozinha. Ela correu até ali e destravou a porta suavemente, e quando o ruído soou novamente, ela abriu a porta bem rápido, mas não viu ninguém. Assim que ela fechou a porta, as batidas se repetiram. Abriu-a de novo, mas não conseguiu ver nada, e nesse momento, a porta foi fortemente empurrada contra ela; ela deixou a porta abrir sozinha, mas nada apareceu. Ela tentou fechar a porta, mas esta permanecia sendo empurrada contra ela; então ela forçou seu joelho e ombro contra a porta conseguindo fechá-la, e girou a chave. Em seguida, a batida começou novamente, mas Hetty resolveu afastar-se da cozinha e subiu para sua cama. A partir desse momento ela estava plenamente convencida de que não se tratava de um truque.”

“Na manhã seguinte, minha mãe ouviu minha irmã Sukey contar-lhe o que tinha acontecido, e então minha mãe lhe disse: ‘Se eu mesma ouvir alguma coisa, saberei do que se trata’. Logo depois, minha irmã ouviu algo estranho e chamou minha mãe para que se dirigisse até o antigo quarto-berçário. Ela foi e ouviu ruídos localizados no canto do quarto, como se um berço estivesse sendo balançado de forma violenta, mas não havia mais nenhum balanço ali há vários anos. Minha mãe logo ficou convencida de que se tratava de algo sobrenatural, e orou fervorosamente pedindo para que não a importunasse no seu quarto quando estivesse dormindo – e nunca foi perturbada. Minha mãe resolveu contar a meu pai, mas ele ficou muito irritado, e disse: ‘Sukey (que também era o nome de minha mãe), tenho vergonha de você. Nossos filhos e filhas ficam pregando

peças uns nos outros, mas você é uma mulher sensata, não pode se deixar impressionar com bobagens. Não quero ouvir falar mais nada sobre isso’.”

“Às seis da tarde ele fazia as orações familiares, como de costume. Quando ele começou a oração pelo rei, pela primeira vez ouviu aqueles ruídos: as batidas surgiram por todo o quarto; e um ruído trovejante soou logo após ele dizer amém. Isso passou a acontecer todas as manhãs e também à noite, sempre que a oração para o rei era repetida.”

“Fui então informado que o Sr. Hoole, o vigário de Haxey, (um homem eminentemente piedoso e sensato) poderia me dar algumas informações, e então fui até ele. Ele me disse:”

“Robert Brown veio até mim e me disse que seu pai gostaria de falar comigo. Quando cheguei a sua casa, ele me deu conta de tudo o que estava acontecendo, inclusive sobre a bateção durante as orações familiares. Mas, ao final da tarde, para minha grande satisfação, não ocorreram os tais ruídos durante a oração. No entanto, entre nove e dez horas da noite, um criado entrou e disse: ‘O velho Jeffrey vai chegar (este era o nome de um criado que morreu na casa), e logo ouviremos os ruídos’. As batidas ocorriam – eles me informaram – toda noite faltando 15 minutos antes das dez. E nesse horário, ouvimos um som vindo na direção da parte superior da casa, do lado de fora, no canto nordeste, assemelhando-se ao ranger alto de uma serra, ou melhor, parecendo-se com os ruídos próprios do movimento de um moinho de vento. Em seguida,

ouvimos uma batida que parecia provir do andar de cima; e o Sr. Wesley, trazendo uma vela, disse: 'Venha, Senhor, agora ouvirá por si próprio.' Nós subimos as escadas; ele, com muita expectativa; e eu, para dizer a verdade, com muito medo. Quando entramos no quarto de dormir, os ruídos estavam tamborilando na sala ao lado; quando fomos até lá, os ruídos passaram a bater no quarto. E, apesar de termos entrado, as batidas continuaram, particularmente na cabeceira da cama de madeira em que a senhorita Hetty e duas de suas irmãs mais novas se deitaram. O Sr. Wesley, verificando que elas mostravam-se agitadas e que, embora permanecessem dormindo, suavam e tinham tremores, mostrou-se muito irritado e, puxando uma pistola, dirigiu-se para o local de onde vinha o som, e ia disparar. Mas eu o segurei pelo braço e disse: 'Senhor, você está convencido de que isso é algo sobrenatural. Se assim for, você não poderá feri-lo, mas com sua atitude você lhe dá poder para feri-lo'. Ele então ficou bem junto àquele local e disse com firmeza: 'Seu demônio surdo e mudo, por que só importuna essas crianças, que não podem se defender? Venha a mim no meu escritório e enfrente um homem!'. Imediatamente o espírito produziu uma batida que parecia ter o propósito de demolir o piso em pedaços, e não ouvimos mais nada naquela noite."

"Até aquele momento, meu pai não tinha escutado ruídos espirituais em seu escritório. Mas na noite seguinte, ele tentou entrar nessa sala – e somente ele tinha a chave – e quando girou a chave e abriu a porta,

ele foi jogado para trás com tanta violência que chegou a cair no chão. Ele se levantou, empurrou a porta, e entrou. As batidas começaram de um lado da sala, depois passaram para outro e, então moveram-se para a sala ao lado, onde minha irmã Nancy estava. Ele entrou nessa sala, e como o ruído continuasse, desafiou o espírito e dirigiu-lhe uma conjuração, mas foi em vão. Ele, então, disse: 'Esses espíritos gostam das trevas; apagando a vela, talvez ele fale.' Ela apagou sua vela e meu pai repetiu a conjuração; mas as batidas continuaram e nada de sons articulados. Com isso, ele disse: 'Nancy, dois cristãos são demais para o diabo. Vá lá para baixo e me deixe sozinho aqui, então ele vai ter coragem de falar'."

"Quando ela se foi, ele teve uma ideia e disse: "Se tu és o espírito do meu filho Samuel, peço dar três pancadas e nada mais". Mas imediatamente tudo ficou em silêncio e não se ouviram mais ruídos por toda a noite. Eu perguntei à minha irmã Nancy (que na época tinha 15 anos de idade) se ela não teve medo naquela ocasião em que meu pai desafiou o espírito e ela respondeu que teve medo que o espírito resolvesse falar quando ela estivesse dormindo, mas que ela não tinha medo durante o dia quando varria os quartos e o espírito caminhava atrás dela varrendo também. Minhas irmãs estavam tão acostumadas com esses ruídos, que quase não lhes causavam mais incômodos. Um toque leve na cabeceira da cama começava toda noite entre nove e dez horas. Então eles comumente falavam uns para os outros: "Jeffrey está chegando, é hora de ir dormir". E

se eles ouviam um barulho de dia, e dissessem à minha irmã mais nova, 'Kezzy, Jeffrey está batendo lá em cima', ela subia as escadas correndo e perseguia o espírito de quarto em quarto, divertindo-se a valer."

"Algumas noites depois, meu pai e minha mãe tinham recém ido para a cama, quando, com a vela ainda acesa, ouviram séries de três fortíssimas pancadas sobre um baú que ficava ao lado do leito, como se fossem desferidas por um cajado de carvalho. Meu pai imediatamente se levantou, e ouvindo pancadas fortes no térreo, pegou a vela e desceu, com minha mãe andando ao seu lado. Enquanto desciam as escadas amplas, ouviram como se um vaso cheio de moedas fosse despejado sobre minha mãe e caíam tinindo aos seus pés. Imediatamente ouviram ruídos como se uma grande bola de ferro rolasse sobre o chão, atingindo garrafas guardadas embaixo das escadas; mas nada foi quebrado. Logo depois, o nosso grande cão mastim veio correndo e se escondeu entre eles. Nas primeiras perturbações, esse cão se mostrava extremamente agitado antes que qualquer pessoa na sala ouvisse algum barulho, e então latia e pulava junto aos locais onde os ruídos surgiam. Mas depois de dois ou três dias ele passou a tremer e rastejar para longe antes que o barulho começasse. E por isso a família sempre sabia quando as perturbações iam acontecer, e essa observação nunca falhou. Um pouco antes de meu pai e minha mãe chegarem ao corredor, pareceu que uma grande acha de carvão foi violentamente jogada no chão, e correu tudo em pedaços; mas nada foi visto.

Outros sons diferentes ocorreram e meu pai então perguntou: 'Sukey, você ouviu? Toda a nossa prataria está sendo jogada no chão da cozinha'. Mas, quando chegaram à cozinha, não havia nada no chão e os utensílios estavam em seus respectivos lugares. Ressoou bem alto uma pancada na porta dos fundos. Meu pai a abriu, mas não viu nada. O mesmo ruído ressurgiu, agora na porta da frente. Ele correu para abri-la, mas foi esforço em vão: não havia ninguém lá. Depois de reabrir primeiro uma, depois a outra, várias vezes, ele desistiu e subiu para a cama. Mas os ruídos eram tão violentos por toda a casa, que eles só conseguiram dormir depois das quatro horas da manhã."

"Vários senhores e clérigos então aconselharam meu pai a sair daquela casa. Mas ele sempre respondeu: 'Não! Deixe o diabo fugir de mim, eu nunca vou fugir do diabo'. Ele escreveu a meu irmão mais velho em Londres dizendo que voltasse para casa. Quando ele estava se preparando para viajar, recebeu outra carta informando-o que os distúrbios haviam cessado. Eles haviam se estendido por dois meses desde o dia 2 de dezembro, e no mês de janeiro ocorreram tanto de manhã quanto de noite."

A seguir, vamos recorrer à mesma obra Memórias da Família Wesley, de Adam Clarke, para transcrever algumas dentre as quinze cartas que foram trocadas entre os diferentes membros da família sobre o assunto desses distúrbios.

Carta III – do Sr. Samuel Wesley (irmão de John Wesley) para sua mãe, Sukey Wesley.

19 de janeiro de 1716.

“QUERIDA MÃE: – Aqueles que se consideram muito sábios por não acreditarem em ocorrências sobrenaturais, mesmo quando se apresentem muito bem legitimadas, poderiam fazer uma centena de perguntas sobre esses barulhos estranhos a que você aludiu em sua carta; mas, de minha parte, eu não acho que alguma pergunta poderia ser feita, que uma vez respondida aumentaria a minha crença sobre o que você me contou. Algumas pessoas me fizeram perguntas: – se não haveria uma nova empregada doméstica ou um homem na casa que estaria fazendo truques? Havia alguém nos sótãos quando o caminhante invisível estava lá? A família inteira ouviu os ruídos quando estavam em um mesmo quarto e todos os ouviram ao mesmo tempo? Esses espíritos não seriam, na realidade, apenas gatos, ou ratos, ou os cães? Toda a família estava dormindo quando meu pai e você desceram as escadas? Dúvidas como estas uma vez respondidas – embora não possam, como o próprio Deus nos assegura, convencer a quem não crê em Moisés e nos profetas – fortaleceriam ainda mais aqueles que creem. Quanto à minha opinião particular em relação aos eventos produzidos por esses ruídos, eu devo confessar, não tenho opinião formada. Penso que, como não era permitido comentar quando os eventos surgiram, todos os palpites acabam sendo inválidos. O móvel das ações dos espíritos é ainda mais

oculto do que o dos homens, e mesmo este último intriga os políticos mais perspicazes. Que venhamos a ser atingidos de modo a aprendermos a nos preparar decididamente contra qualquer mal, é, possivelmente, um desígnio da Providência. Esse certamente é nosso dever e será sábio assumi-lo. Querida mãe, eu imploro a sua bênção sobre seu filho obediente e carinhoso.”

Samuel Wesley

Dean Yard, Westminster

Carta IV – da Sra. Sukey Wesley para o filho Samuel

25 de janeiro de 1716.

“CARO SAM: – Embora eu não seja uma pessoa que duvida de tudo o que é sobrenatural, estou bastante inclinada a pensar que haveria interações frequentes entre os bons espíritos e nós, se o nosso profundo lapso na sensualidade não impedisse; no entanto demorou muito para que eu pudesse acreditar em qualquer coisa do que as crianças e os criados relataram sobre os ruídos que ouviam em várias partes de nossa casa. Depois que eu mesma ouvi, estava disposta a convencer-me de que eram apenas ratos e doninhas que estavam nos perturbando; e, tendo sido anteriormente perturbados por ratos, que foram afastados fazendo-se soar uma buzina de chifre, mandei arranjar uma e fiz que a soprassem por toda a casa. Mas a partir da noite em que começaram a soprar essa buzina, os ruídos se tornaram mais altos, tanto de dia como de noite; e naquela noite em que seu pai e eu nos levantamos e descemos as

escadas, fiz-me inteiramente convencida de que estava além do poder de qualquer criatura humana fazer barulhos tão estranhos e variados. Quanto às suas perguntas, eu as responderei uma a uma, mas desejo dirigir as minhas respostas unicamente a você, pois eu não gostaria que o assunto fosse comunicado a ninguém mais. Tivemos um empregado e uma empregada novos neste último Dia de São Martinho, mas eu não acredito que qualquer um deles poderia ter ocasionado a perturbação, pela razão que acima expus, e também porque eles eram mais assustados do que todos os outros. Além disso, muitas vezes ouvimos o barulho quando esses empregados estavam na sala perto de nós e a empregada particularmente estava em tal pânico que ela era quase incapaz de cumprir suas funções, nem se atrevia a ir de um quarto a outro, ou ficar sozinha um minuto depois que começava a escurecer.”

“O auxiliar de seu pai, Robert Brown, a quem você bem conhece, foi o mais visitado pelos ruídos quando se encontrava no sótão, e tem se mostrado demasiado assustado, e não acho que poderia ser culpado de tal vilania. Quando os ruídos de alguém caminhando foram ouvidos no sótão, Robert estava na cama no quarto ao lado, em um sono tão profundo que ele não ouviu seu pai a andar para cima e para baixo, embora ele tenha pisado firme no chão, estou certa. Toda a família já ouviu esses ruídos juntos, na mesma sala, ao mesmo tempo, particularmente nas orações familiares. Eles sempre apareceram a todos os presentes no mesmo lugar e ao mesmo tempo; embora muitas vezes antes

de qualquer pessoa poder dizer – está exatamente aqui –, ele se movia para outro lugar.”

“Toda a família, assim como Robert, estavam dormindo quando o seu pai e eu descemos as escadas, e não acordaram quando levamos a vela perto deles; apenas observamos que Hetty tremia muito durante o sono, como sempre fazia antes de ser acordada pelos barulhos. E geralmente o ruído ocorria mais perto dela do que dos outros – foi o que ela notou; e isso a assustava muito porque ela achava que o espírito era mais malicioso com ela do que com os outros. Eu poderia relacionar muitas outras ocorrências, mas prefiro não fazê-lo. Acredito que seu pai vai escrever para você sobre isso em breve. Qual deve ser o desígnio da Providência em permitir essas coisas, eu não sei dizer. Coisas ocultas pertencem a Deus. Mas eu concordo inteiramente com você, que é nosso dever nos prepararmos devidamente para ocorrências de todos os tipos. Sukey Wesley.”

O que se segue é um relato dirigido a Jack Wesley, falando sobre sua irmã Nancy. É uma prova de que muitas das ocorrências relacionadas em nosso livro foram anteriormente conhecidas pela Família Wesley.

“O primeiro ruído que nossa irmã Nancy ouviu foi no quarto grande, com Molly e Sukey; em seguida, papai mandou que ela soprasse a buzina no sótão para assustar os ratos porque era de lá que vinha o barulho. Ela estava com muito medo de ir no escuro; e ajoelhando-se nas escadas desejou que, como ela não

estava indo ao sótão por vontade própria, mas porque era obrigada, que o espírito não a incomodasse. Assim que entrou no sótão, o barulho cessou, e só recomeçou depois das dez com barulhos maiores do que antes.”

“Quando cinco ou seis de nós estivemos juntos no quarto de dormir, os ruídos assemelharam-se a um berço sendo fortemente balançado no quarto acima de nós, embora nunca tenha existido um berço naquele quarto. Uma noite, ela estava sentada em sua cama jogando cartas sobre uma mesa circular junto com minhas irmãs Molly, Hetty, Patty e Kezzy, e também Robert Brown. A cama em que minha irmã Nancy estava sentada elevou-se do chão com ela junto. Ela pulou para baixo, e disse: ‘O velho Jeffrey não conseguiria levar minha cama embora.’ No entanto eles a convenceram a se sentar novamente, o que ela acabou fazendo, e foi novamente levantada várias vezes, a uma altura considerável, tanto que ela se afastou e nada pôde convencê-la a sentar-se novamente lá.”

“Toda vez que eles mencionavam o Sr. S., os ruídos recomeçavam e só paravam se mudassem de assunto. Durante o tempo em que minha irmã Sukey estava escrevendo uma carta para ele, fortes ruídos soaram em todo o quarto; e na noite seguinte à sua partida para Londres, os ruídos bateram até de manhã com intervalos bem curtos.”

“O Sr. Hoole, vigário de Haxey veio fazer orações certa vez, mas os ruídos continuaram soando, como de costume, nas orações do rei e do príncipe que

perduraram por pouco mais de uma semana, no início dos distúrbios.”

Apesar dos distúrbios terem cessado depois de dois meses na casa da família Wesley, temos boas provas de que ocorreram com frequência na presença de uma das filhas por pelo menos trinta e quatro anos. O que se segue é um relato sobre essa situação:

“Mas há um fato do qual os biógrafos do Sr. Wesley ignoram, ou seja, que Jeffrey – como o espírito era chamado – continuou a molestar ao menos um dos membros da família por vários anos. Vimos que a senhorita Emily Wesley foi quem lhe deu o nome de Jeffrey, de um velho homem com o mesmo nome que tinha morrido ali, e que ela foi mais perturbada por ele do que qualquer outro membro da família. Tenho o original de uma carta para seu irmão John, datada de 16 de fevereiro de 1750, trinta e quatro anos depois da época em que Jeffrey cessou suas perturbações em Epworth. Emily era agora a Sra. Harper, depois de ter se casado com um boticário, que viveu em Epworth e depois em Londres. A carta é dirigida ao seu irmão, o Reverendo John Wesley.”

“QUERIDO IRMÃO: – Quero encarecidamente vê-lo, e nos falarmos por algumas horas, como nos tempos passados. Algumas coisas são demasiado difíceis para mim; estas quero que você as resolva. Uma doutrina tua, e de outros mais, afirma: nenhuma felicidade pode ser encontrada em nada das coisas deste mundo, mas como eu tenho 16 anos de experiência própria que se

opõem categoricamente a essa afirmação, eu quero falar com você a respeito. Uma coisa é ainda espantosa – aquelas ocorrências a que denominávamos de ‘Jeffrey’. Você não vai rir de mim por ser supersticiosa, se eu lhe disser que com certeza é algo que continuamente ainda tem me acompanhado com surpresas muito grandes; mas se sabe tão pouco sobre o mundo invisível que eu, pelo menos, não sou capaz de afirmar se se trata de um espírito amistoso ou um espírito maligno.”

Emily Harper

As seguintes observações do Dr. Clarke são tão oportunas à nossa contemporaneidade e ao nosso tema central, que vamos conceder-lhes espaço:

“A história dos distúrbios na casa paroquial em Epworth não é única; eu próprio tive experiências semelhantes e muitas outras pessoas de meu conhecimento testemunharam com seus olhos e ouvidos várias ocorrências dessa natureza, que não poderiam ser atribuídas a algum tipo de truque ou impostura.”

“Dr. Priestley, que primeiro publicou esses documentos da família Wesley, afirma que se trata da história mais bem autenticada e melhor contada, e, apesar de expor a ingenuidade de algumas especulações, ele não a considera indigna de ser publicada. Depois de fazer essa concessão, ele envereda por uma sequência argumentativa, tentando estabelecer que não haveria nada de sobrenatural nessas ocorrências – pois Dr. Priestley, sendo materialista, não pode dar crédito a nenhum relato de espíritos, em cuja

existência ele não acredita; e sem a crença na existência dos espíritos, não pôde explicar as manifestações e concluiu que os fatos são infundados. No entanto a sua descrença não consegue abalar uma história amplamente circunstanciada e testemunhada por um grande número de pessoas habilitadas a identificar quando se trate de uma operação genuína, pois manejam uma capacidade de julgar entre fato e ficção bastante superior à da maioria das pessoas que, em qualquer país e em qualquer época, tenham prestado depoimento sobre um assunto dessa natureza. É do seguinte modo que ele finalmente se livra de toda a questão: 'O que parece mais provável, a esta distância no tempo, no presente caso, é que se tratava de um truque dos criados, auxiliados por alguns dos moradores da vizinhança, e que teve por finalidade divertirem-se intrigando a família; e não é de admirar que tenham tentado manter tudo em segredo para que o assunto nunca fosse desvendado'. Dificilmente podemos supor que esse modo de raciocínio satisfaça a mente do Dr. Priestley. Ele tinha diante de si a carta da Sra. Wesley, que afirmava que os funcionários não poderiam ser admitidos aos serviços, por razões que ela ali aduzia e, especialmente, porque aqueles mesmos serviços estavam muitas vezes na sala com eles quando os distúrbios mostraram-se mais intensos."

"Mas todas as suas suposições são completamente anuladas pela carta da senhora Harper (Emily Wesley), que afirma que, mesmo 34 anos depois, Jeffrey continuava a importuná-la. Será que os servos de seu

pai e os vizinhos de Epworth continuaram a persegui-la de 1716 a 1750, e foram pregar-lhe peças em Londres? Que ridículo e absurdo! E esta é a melhor explicação a que o Dr. Priestley conseguiu chegar para estes fatos, baseada em seu sistema materialista. Considero de grande importância a carta da Sra. Harper, uma vez que remove o último subterfúgio de acintosa incredulidade e falsa filosofia lançadas sobre este assunto.”

“Um filósofo não concordaria com os motivos apresentados pelo Dr. Priestley. Aquele que permanece em uma crença que se opõe a seus próprios sentidos e contraria o testemunho veemente das testemunhas mais respeitáveis faria melhor para preservar o status da sua própria credibilidade perante o público se colocasse a história toda no âmbito da dúvida razoável, na qual todas essas ocorrências, por mais autenticadas que estejam, aguardariam melhor entendimento no futuro.”

“As pessoas que filosofam tomando por base o materialismo, mais não fazem do que optar por não acreditarem no que não podem compreender, chamando de superstição e absurdo os assuntos que não conseguem enquadrar nos princípios bíblicos e na verdadeira filosofia. Mas meu objetivo é apresentar fatos, deixando ao leitor que faça sua própria escolha.”

. . .

Fatos semelhantes ocorreram em Winesburg, Alemanha, de 1825 a 1828, com relatos autenticados por Justino Kerner, em sua obra *A Vidente de Prevorst* publicada em 1845.

Sua paciente, Frederica Hauffe, foi uma clarividente e ambos viram e ouviram os espíritos de várias personalidades.

Da obra de Justino Kerner transcrevemos os seguintes extratos (NT: trechos transcritos de 'Justino Kerner, *A Vidente de Prevorst*, tradução de Carlos Imbassahy, São Paulo: Casa Editora O Clarim, 1973'):

"Os Espíritos podiam ser ouvidos por pessoas de diversas condições, de modo acidental, nunca quando eram esperados. Os sons pareciam leves pancadas nas paredes, na mesa, na cama e, por vezes, no ar; eram ainda um amarfanhar de papéis, o rolar de bolas, o ruído de passos."

Falando sobre as perturbações que se davam na presença de determinado espírito, Kerner afirma:

"A aparição era precedida por pancadas nas paredes, ruídos no ar – sons ouvidos por muitos, como o podem atestar vinte testemunhas dignas de fé."

Tendo-se mantido uma pessoa de confiança da vidente, para dormir próxima a ela, à espera do anunciado retorno de um espírito no período noturno, Kerner relata:

"No dia seguinte narrou-me esta pessoa:

– Deitamo-nos lá pelas dez e ficamos acordadas até às onze. Então adormecemos. À meia-noite a Sra. Hauffe pediu alimento e eu fui acordada pela irmã que saiu do leito para dá-lo. Apenas voltara à cama, ouvimos no assoalho um ruído estranho de estalos e fricções; e depois nas paredes e na cama da Sra. Hauffe, uma espécie de marteladas. Eu observava a Sra. Hauffe; ela estava estendida, absolutamente calma, com os braços em cima da cama; começou logo a falar sem sentar-se. Suas palavras pareciam dirigir-se a alguém que eu não podia ver. Depois dizia:

– O fantasma partiu, mas vai voltar.

E ouviam-se outra vez os ruídos e ela falava de novo. Ouvia-a dizer:

– Abra você mesmo.

E com um temor que nunca sentira, vi a capa do livro, que estava na cama, mover-se e abrir-se como por mão invisível. Foi-me impossível perceber o menor movimento por parte da Sra. Hauffe ou de sua cama.”

O livro de Justinus Kerner arrola casos anteriores como, por exemplo, as ocorrências invulgares relatadas pelo Conselheiro Hahn, no Castelo de Slawensick, na cidade de Silésia, na Polônia, da qual foi uma testemunha ocular e auricular.

. . .

Encontramos no jornal ‘Ontario Repository’, publicado em Canandaigua, neste Estado de Nova York em 26 de novembro de 1834, o artigo seguinte,

transcrito do editorial do 'Newark Daily Advertiser' sob o título "Contos do Maravilhoso".

"Um rumor clamoroso espalha-se por muitas bocas, e um de seus propagadores nos trouxe ontem uma curiosa história, de uma senhora misteriosa, em descrição tão inacreditável que nos vimos obrigados a enviar àquela localidade um observador com suficiente competência para obter informações mais específicas. Após uma completa investigação, nosso representante regressou esta manhã, e comunica os seguintes fatos, que damos conforme ele relata, sem retoques nossos. Na segunda-feira à noite, na semana passada, a família do Sr. Joseph Barron, vivendo no distrito de Woodbridge, cerca de três milhas de Rahway neste condado, ficou alarmada após ter se retirado para dormir, devido a batidas fortes na porta de entrada da casa. A primeira impressão do Sr. Barron, é que uma pessoa estava tentando entrar, mas uma observação mais aprofundada logo o desiludiu. O ruído ressurgiu em intervalos curtos, e o Sr. Barron chamou alguns vizinhos, tendo estes permanecido com a família até amanhecer, quando as batidas então cessaram. Na noite seguinte o ruído retornou, e foi verificada uma conexão com a movimentação de uma criada da família – uma jovem de 14 anos de idade. Ao passar próxima a uma janela na escada, um tremor repentino acompanhado do ruído de uma explosão quebrou o painel de vidro, e a jovem foi tomada por um espasmo violento. Isto, naturalmente, a deixou muito alarmada; e o médico que veio atendê-la, Dr. Drake, empregou o procedimento de sangria, que

não produziu nenhum efeito terapêutico. Os ruídos continuaram a aparecer onde quer que a jovem estivesse, e cada batida produzia nela um espasmo. O médico permaneceu com a família por toda a noite. Ao amanhecer, as batidas cessaram. À noite, os ruídos se repetiram, começando um pouco mais cedo do que antes, o mesmo ocorrendo nas noites seguintes e o início das perturbações dando-se cada vez um pouco mais cedo do que antes, até ontem, quando a pancada começou por volta do meio-dia. As ocorrências foram logo levadas ao conhecimento de todo o distrito – o que produziu grande tumulto ficando a casa lotada de gente de sol a sol durante quase uma semana. Todos os meios imagináveis foram postos em prática a fim de desvendar o fenômeno. A jovem foi colocada em diferentes recintos, mas sem que isso gerasse qualquer mudança perceptível. Onde quer que ela fosse colocada, o barulho a seguia e era ouvido no recinto. Ela foi levada para uma casa vizinha, e o mesmo resultado se deu.”

“Quando levada para fora de casa, no entanto, nenhum ruído era ouvido. Dr. Drake, cuja assistência foi constante durante todo o período, ocasionalmente auxiliado por outros estudiosos, esteve conosco na noite anterior por duas horas, quando gentilmente nos permitiram uma variedade de experimentos com a jovem, além daquelas que já havíamos realizado, para nos certificarmos de que não ocorria nenhuma deliberada intervenção humana no caso, e se possível descobrir o agente secreto do mistério. A jovem estava numa sala do piso superior com uma parte da família

quando chegamos à casa. O ruído se assemelhava, na ocasião, a batidas violentas com a cabeça de um machado sobre o piso, em sucessões de 5 a 6 golpes bruscos, cessando por alguns minutos e, em seguida, repetindo-se em nova série. Fomos logo introduzidos no recinto e autorizados a observar por nós mesmos. A garota parecia estar em perfeita saúde, alegre e livre dos espasmos sentidos anteriormente e completamente aliviada de todo o medo e apreensão que ela manifestara por alguns dias. O ruído, no entanto, continuou a ocorrer como antes, apesar de um pouco diminuído em frequência, enquanto estávamos na sala. A fim de verificar de forma mais satisfatória que ela não o produzia voluntariamente, ela foi colocada sobre uma cadeira assentada sobre um cobertor no centro da sala. A cadeira foi enfeixada com um pano, seus pés foram mantidos presos na parte da frente e as mãos confinadas ao colo. No entanto não ocorreu nenhuma alteração – o bater continuou como antes, exceto que ele não era tão alto. O ruído assemelhava-se a um salto de sapato batendo contra o chão, mas que não partia da garota, pois ela não moveu um membro ou músculo que pudéssemos perceber. Ela permaneceu fixa nessa posição o tempo suficiente para que todos na sala concordassem que ela não estava voluntariamente exercendo alguma iniciativa na produção do barulho. Observou-se que o ruído se tornava mais forte quando ela era mantida afastada de outras pessoas. Nós a colocamos no interior do trocador, e deixamos a porta do recinto entreaberta para permitir que ela ficasse na

passagem. Em menos de um minuto, a porta foi aberta com violência, acompanhada pelo som de uma martelada. Esse movimento e o forte ruído repetiram-se algumas vezes. E em todas as posições em que a garota foi colocada, seja dentro ou fora do recinto, os resultados foram praticamente os mesmos, com pequenas variações determinadas pelas circunstâncias. Não encontramos nenhuma hipótese de truque nesse caso. Quanto a hipóteses, de nossa parte não oferecemos nenhuma, embora Dr. Drake e outros tenham sugerido que o fenômeno é de natureza elétrica. Os ruídos foram ouvidos a uma distância de até cem metros da casa.”

Durante quanto tempo esses ruídos perduraram, não fomos informados, mas soubemos que a família ficou muito irritada com a presença de curiosos inescrupulosos, e viu-se obrigada a tornar conhecido que não receberiam mais visitas, a menos que fossem especialistas indicados por seu médico.

Em relação aos espasmos, cessaram completamente após as primeiras contrações musculares involuntárias e a jovem encontra-se “aparentemente em boas condições de saúde”. Não houve registro de tais efeitos espasmódicos em outros casos de ruídos de que temos conhecimento. Há relatos da sensação de passagem de corrente elétrica através dos braços e pernas quando se está próximo de quem costuma obter os sons com mais frequência, embora as pessoas que parecem ser intermediárias dessas manifestações não experimentam tal sensação. Em dois

casos apenas, ocorreu um choque perceptível, como se fora causado por uma bateria galvânica especialmente quando relacionado a pessoas que tinham sido magnetizadas. Deixamos essas coisas para serem explicadas por quem esteja mais familiarizado com a ciência desses fenômenos. Desejamos que todos os fatos e seus detalhes recebam divulgação por meio de outras publicações, para que se façam análises comparativas a partir das provas de cada caso.

Os relatos aqui apresentados chegaram até nós sustentados por testemunhos positivos e incontestáveis. Mas há casos bem autenticados que vêm ao nosso conhecimento, trazidos por pessoas que se arreceiam em permitir que o mundo se informe do que eles têm testemunhado, preferindo guardar segredo até o dia em que outros mais ousados publiquem fatos semelhantes, quando então adicionarão sua narrativa e seu testemunho.

CAPÍTULO 4

Os ruídos misteriosos e sua provável teoria explicativa

Há, necessariamente, uma causa natural que produz as estranhas ocorrências de ruídos relatadas nas páginas anteriores. Pode-se verificar, com o que até aqui temos exposto, que as respostas obtidas, desde o seu primeiro surgimento no estado de Nova York, mostram um inegável grau de inteligência por parte dos comunicantes invisíveis.

Ao afirmarmos que se tratam de causas naturais, não queremos dizer que as causas teriam sido desvendadas ou que os fenômenos estão sendo produzidos por algum artefato ou conluio humanos. Sabemos que esse não é o caso. Mas como nada pode existir sem uma causa, e como as leis da natureza são o que de mais perfeito se nos torna possível conceber, e como não é aceitável a existência de algo superior ou acima dessas mesmas leis, a não ser a própria fonte de onde elas emanam, reconhecemos, nas leis que regem esse intercâmbio, uma expressão da lei natural. Este é um princípio que deve ser admitido quando se investiga esse assunto.

Não faríamos a separação que alguns fazem, entre espírito e matéria. Estamos convencidos de que tal separação não existe em termos absolutos. Não se pode afirmar que uma coisa existe e ao mesmo tempo não existe. Não há existência própria para algo

completamente imaterial. Aquilo que não é material, não tem existência própria; portanto, o espírito deve ser alguma coisa em si mesmo. É absurdo tentar conceber algo com existência absoluta e completamente isolado da matéria. Que existe matéria muito refinada, sutil e sublimada e inacessível à nossa visão no estado normal, não temos dúvida; e não temos dúvida de que existem seres inteligentes que, invisíveis ao nosso olhar, têm influência sobre nós e são totalmente capazes de se comunicar conosco por meio dos sons, ou impressionando nossos sentidos por vários outros modos.

Não há mais que duvidar da existência das perturbações sonoras. As centenas de pessoas que as ouviram e que, estando em plena posse de seus sentidos, constituem um testemunho irrefutável. Um dos melhores teóricos dos diversos fenômenos da mente humana, escritor psicológico bem conhecido, Reverendo William Fishbough, pertencente à Igreja Universalista, editor do *Univercoelum*, comentou em um editorial, na data de 3 de fevereiro de 1849:

“Não pode haver sombra de dúvida quanto à realidade dessas manifestações sonoras, pois são numerosos os testemunhos semelhantes que tivemos desse assunto vindos de pessoas respeitáveis e merecedoras de confiança. É consenso geral que as batidas são geradas por um agente invisível e intangível para nós. Também consideramos admissível que essas manifestações estejam sendo produzidas por espíritos do outro mundo, mas não exatamente por meio de

batidas, senão que pela produção de pressões sobre os elementos mais refinados da atmosfera, fazendo com que ocorra uma vibração do tímpano e, assim, atingindo o nosso sentido da audição. Podemos ainda citar numerosos exemplos bem autenticados de manifestações espirituais desse tipo, repletas de autenticações, e ainda poderíamos mencionar as lendas que nunca foram consideradas dentro desse contexto, mas que quase todos ouviram falar na infância. Citamos, especialmente, a autoridade irrepreensível do médico Justino Kerner, em sua obra *A Vidente de Prevorst*.”

A conexão entre espírito e matéria, ou entre o mundo visível e o mundo invisível, é ainda pouco compreendida. Somos da opinião de que a conexão é muito mais íntima do que geralmente se concebe. Temos recebido quase diariamente as provas mais positivas e convincentes deste fato. Muitos, estando desacostumados a colocar de lado suas opiniões preconcebidas afim de construírem novas verdades, acabam forçados pelo domínio das suas próprias concepções, a ponto de rejeitarem a evidência positiva de seus sentidos. Mas não estamos dispostos a admitir que, como muitos pensam, nos deixamos convencer muito facilmente. Tampouco estamos dispostos a supor que todos, exceto nós mesmos, sejam tolos ou patifes, quando nos relatam, com boa autoridade, fatos desconhecidos por nós ou que estão além da nossa esfera de investigação.

Seria razoável, perguntamos, imobilizar-se na noção da decadência da organização visível do homem e negar a existência de qualquer inteligência remanescente que a ele pertencia na carne, simplesmente por que não podemos ver sua nova existência? Não há como admitir seriedade nesse argumento. De fato, a partir de várias provas, colocadas em favor da autoridade de muitos estudiosos, a ideia de uma existência futura tornou-se quase universal, e a discussão de estarem ou não suficientemente desenvolvidas filosoficamente não se mostra útil aqui. Nós simplesmente desejamos preparar o entendimento para a aceitação baseada em provas, da estreita ligação entre os dois estados diferentes de existência humana e a influência que podem ter um sobre o outro.

Afirma-se, e nunca vimos desmentido por homens de ciência, que todo o espaço é preenchido por substâncias sólidas e fluidos imponderáveis, e que quaisquer dois objetos, independentemente do espaço maior ou menor entre eles, são necessariamente ligados de várias formas por substâncias existentes no espaço que os intermedeia. É uma questão bem estabelecida por filósofos e homens de ciência, que todas as partículas da matéria, onde quer que estejam, agem sob influência recíproca, e que nenhum ato tem absoluta independência em relação ao todo; em uma palavra, não existe a independência individual absoluta no Universo.

A mais elevada forma de organização da qual temos concepção, e que provavelmente é a mais elevada, é a que manifesta inteligência. As formas de

inteligência, ou as suas manifestações, são várias – definidas por alguns como instinto e razão. É inútil, neste ponto, tentar realizar a tarefa de rastreá-los pelas suas diferentes formas e gradações, até os mais altos desenvolvimentos da razão. Há nisto, como em todas as diferentes formas de vida vegetal e animal, uma ligação tão íntima e perfeita, que é impossível dizer onde se encerram os limites inferiores e começam os superiores, tão intimamente entrelaçados são os elos da grande corrente de que cada coisa faz parte.

Não podemos, então, estabelecer com segurança, a extensão do progresso que o homem pode alcançar além do seu atual estado de existência, mas é justo afirmar que a mudança que ocorre no fenômeno natural da morte, não é tão ampla e tão súbita como o mundo geralmente supõe. Mais uma vez, não podemos deixar de citar as palavras do Reverendo Sr. Fishbough na edição de número 21 de *Univercoelum*, de 21 de abril de 1849.

“Desde a instauração do processo da morte e até sua conclusão, o espírito decerto passará por sucessivos estágios de desligamento do corpo. Esses sucessivos graus de desprendimento operariam em conjunto, preservando o espírito sua completa identidade ao longo de todo o processo. Esses momentos de liberação comportariam linhas inseparáveis que conectam a vida futura com a presente. Imediatamente após o completo desligamento do corpo, o indivíduo sentirá que, essencialmente, ele permanece o mesmo ser interior que ele era antes de deixar o corpo. Não demonstra esse

raciocínio, uma relação de similaridade entre os espíritos que se encontram muito próximos da matéria e aqueles que, na vida terrena encontram-se mais próximos do mundo espiritual? E na medida em que os espíritos liberados têm viva lembrança de suas antigas condições e simpatia por aqueles amigos que ainda estão no corpo, e considerando ainda que, muitos desses amigos terrenos, por meio de sua intuição beiram o estado espiritual da mente, não pode haver motivo possível para supor que os espíritos fora do corpo físico podem se comunicar com os espíritos encarnados, pela infusão de seus pensamentos de acordo com as leis de simpatia espiritual, que foram indubitavelmente exemplificadas em dez mil casos, pelos fenômenos do magnetismo humano?”

“É bastante evidente que os habitantes das regiões do mundo espiritual diretamente relacionados a este mundo terreno, habitaram este planeta e passaram por condições sucessivas que foram graus de conquista para as condições que agora eles ocupam.”

Sobre as mudanças, nem sempre perceptíveis para o espírito que deixa o corpo, o vidente sueco Emanuel Swedenborg afirma:

“Quanto ao que em geral diz respeito à vida das almas ou espíritos imediatamente após seu falecimento, foi-me dado a compreender, por meio de várias experiências, que quando um homem entra na vida espiritual, desconhece estar em outra vida e imagina, sim, que ainda se encontra no mundo, em seu próprio

corpo; tendo sido informado de que é um espírito, ele se vê tomado de grande espanto, porque, em relação a seus sentidos, desejos e pensamentos, ele continua a ser o mesmo de antes, e admira-se com o fato de que nunca tenha acreditado que era um espírito quando vivia na carne. Mas quando a surpresa passa, então os espíritos se perguntam por que sempre esteve a igreja em completa ignorância sobre o estado do homem depois da morte; e por que ela nega a existência do espírito enquanto discute sobre a sua substância, e, enfim, por que construiu-se passo a passo, com suas discussões inócuas, a obstrução para o caminho da compreensão.”

Sobre a mesma temática relatou Andrew Jackson Davis, quando em estado clarividente, conforme anotado em seu livro *Os Princípios da Natureza* (1847):

“E o que pode parecer estranho, é que, geralmente, quando um homem deixa o corpo e passa a viver no mundo espiritual, ele não se dá conta de que realizou tal mudança, pois trata-se de algo imperceptível. Os espíritos conservam a mesma forma corpórea na esfera espiritual, e no início eles se sentem como se tivessem se transferido para um país que não conhecem. No entanto, não muito tempo após a transição da morte, abrem-se as percepções interiores e os espíritos dão-se conta da mudança por que passaram e apreciam as belezas que os cercam. Alguns espíritos admiram-se de não terem sabido disso antes e que nisso não acreditassem enquanto estavam na Terra, porque

agora tudo lhes parece completamente de acordo com os ensinamentos universais da lei natural.”

Adiante, o Sr. Andrew Jackson Davis afirma:

“É um fato que os espíritos se comunicam enquanto um deles está no corpo e o outro nas esferas superiores – o que também ocorre quando a pessoa no corpo está inconsciente durante o influxo espiritual e, portanto, não se recorda da ocorrência; e esta verdade em breve se apresentará na forma de uma demonstração viva.”

Temos, assim, o testemunho dos homens que apresentaram ao mundo alguns dos mais importantes fatos e raciocínios sobre a existência do mundo dos espíritos, invisíveis aos nossos olhos, mas cuja influência faz-se perceptível pela audição e em algumas ocasiões por formas tangíveis. Além disso, temos o testemunho de inumeráveis clarividentes, em quase todas as localidades, que estão em círculos privativos desenvolvendo os grandes fatos aqui expostos, embora seus nomes sejam desconhecidos para o mundo. É incontestável a evidência que eles fornecem do seu poder de apontar pessoas desconhecidas por eles em seu estado normal, que passaram para o mundo dos espíritos e também suas descrições claras do estado em que esses espíritos se encontram, substancializando os fatos profetizados por Swedenborg que afirmou que o ano de 1852 decidirá o destino de sua igreja e de suas doutrinas. A grande repercussão dos fatos dos ruídos misteriosos poderá tornar sua teoria espiritual

amplamente aceita não muito longe do tempo anunciado. Tudo que aqui está relatado pode ser comprovado por testemunhos. Conforme declarou um nobre integrante da religião reformada em Boston: "Não recuaremos um só centímetro e vamos ser ouvidos".

CAPÍTULO 5

Continuação da história das ocorrências no estado de
Nova York

Temos até aqui falado apenas sobre o surgimento e a propagação dos ruídos misteriosos na vila de Hydesville, condado de Arcádia, onde a família Fox e muitos dos vizinhos que os visitaram aprenderam o suficiente para conversar com os ruídos que anunciavam respostas afirmativas e mantinham-se em silêncio para indicar respostas negativas, bem como o emprego do alfabeto, a partir do qual obteve-se um nome ou dois por soletração.

As formas de comunicação melhoraram gradualmente, permitindo aos que têm mantido com frequência os contatos com essa forma de manifestação espiritual, a obtenção de longas comunicações com a aplicação do método do alfabeto. Por várias semanas os ruídos ficaram confinados àquela casa, embora a família do Sr. Fox, por algumas vezes, tenha dela se retirado. Enquanto os vizinhos procediam verificações no chão e nas paredes da casa, e com a família Fox completamente ausente, os sons foram ouvidos tão nitidamente quanto antes. Desejamos que isto fique claramente lembrado, pois muito frequentemente vimos afirmado por pessoas ignorantes dos fatos, ou deliberadamente mal-intencionadas, que os sons não foram ouvidos, a não ser na presença de duas das filhas do Sr. Fox. Os fatos já

reconhecidamente comprovados mostram que os ruídos começaram antes da família Fox ocupar a casa ou mudar-se para a vizinhança.

Posteriormente, no entanto, como foi o caso na família Wesley, da Inglaterra, evidenciou-se uma parcialidade com as manifestações ocorrendo mais acentuadamente na presença das duas filhas mais jovens. Por que isso ocorreu assim, eles não souberam dizer, nem vamos aqui conjecturar. Não se pode afirmar que as ocorrências em Hydesville estão conectadas com o mesmerismo, pois até à época das primeiras manifestações, ninguém da família Fox tinha sido magnetizado. Em breve os ruídos começaram a ser ouvidos, não somente naquela casa, mas também nas casas de alguns vizinhos. Parte da família foi residir na cidade de Rochester, e os ruídos passaram a ser ouvidos tanto na vila de Hydesville quanto nessa cidade. A esta altura, já havia sido descoberto que ruídos com timbres diferentes eram produzidos por diferentes espíritos. Realmente, as provas reunidas mostraram positivamente que se tratava de espíritos porque, se outra fosse a origem dos sons misteriosos, como explicar que o agente desses fenômenos tinha o poder de revelar nomes de pessoas totalmente desconhecidas para a família do Sr. Fox, e algumas vezes comentando sobre algo que aconteceu na família, da qual eles próprios desconheciam? A não ser que os integrantes da família tivessem o poder de ler pensamentos e ver todo o espaço além – o que seria muito mais extraordinário do que aceitar que se trata de espíritos. Após os ruídos

começarem a ser ouvidos por membros da família em Rochester, outras casas dessa cidade apresentaram os mesmos fenômenos como, por exemplo, na casa do Reverendo A. H. Jarvis, clérigo pertencente à Igreja Metodista. De suas mãos, recebemos a seguinte declaração:

“Sr. E. W. Capron,

Há muitos fatos que estiveram sob minha análise e que me convenceram da inteligência e utilidade dessas comunicações de espíritos, os quais passei a entender que estão junto a nós continuamente, e mais familiarizados com nossas escolhas e até mesmo com os nossos pensamentos do que estamos uns com os outros em nossa vida material. Mas falemos do fato a que você se refere, que diz respeito ao meu amigo Pickard. Ele estava na minha casa na tarde de sexta-feira, 6 de abril de 1849. Não havia nenhum membro da família Fox presente. Sentados em torno da mesa de chá, obtivemos comunicações sobre assuntos variados. Pickard foi indicado pelos espíritos a fazer perguntas e ele desejou saber quem iria responder às suas perguntas.”

“A resposta foi: ‘Eu sou sua mãe Mary Pickard’. Nós desconhecíamos o nome de sua mãe, e também não sabíamos que estava morta. Na segunda-feira seguinte, à noite, Pickard, estando na casa do Sr. G., recebeu uma comunicação de sua mãe, dizendo: ‘Seu filho faleceu’. Ele veio imediatamente à minha casa, e disse que deveria pegar a diligência e ir imediatamente para Lockport, que fica a 100 quilômetros de distância. Ele subiu no veículo por volta das 8 horas da manhã. Ao

meio-dia voltei para a minha casa, e minha esposa me entregou um despacho telegráfico contendo a seguinte mensagem:

Rochester, abril, 10, 1849, telégrafo de Lockport para Rev. A. H. Jarvis, No. 4, West Street = Diga ao Sr. Pickard – se você puder encontrá-lo – seu filho morreu esta manhã. Enviado por R. Mallory.”

“Então eu o li para minha esposa, e disse: ‘esta é uma das evidências mais convincentes da inteligência desses seres invisíveis’, e completei: ‘o telégrafo de Deus superou completamente o telégrafo de Morse’.

Atenciosamente,
A. H. Jarvis”

Todos os que têm investigado a questão com profundidade apresentam testemunhos igualmente convincentes. Um grupo de pessoas que investigou cuidadosamente este caso, durante os últimos dois anos, tem mantido um jornal privativo no qual publicam muitas das ocorrências mais singulares que estiveram sob suas observações pessoais. Extratos de algumas dessas ocorrências serão apresentadas em outro capítulo.

Logo após a primeira movimentação em torno desses fenômenos em Rochester e seu espalhamento por vários lugares da cidade, ouvimos falar de manifestações em outras cidades próximas. No condado de Monroe, a cidade de Greece anunciou o registro de sons ouvidos na casa do Diácono Hale. Ele é um homem bem conhecido e de caráter irrepreensível, até o

momento em que pudemos verificar, e sua franqueza e honestidade e sua estrita adesão ao princípio da igreja da qual ele é um diácono, nunca foram colocados em dúvida. Outro fato em relação à sua experiência que consideramos importante, é que ele não tinha presenciado nem tinha qualquer proximidade com a família do Sr. Fox, quando as manifestações começaram em sua casa, e ele continua recebendo comunicações espirituais com frequência. Desconhecemos se alguém de sua família já tenha sido colocado sob a influência do magnetismo animal. As manifestações em sua casa têm sido variadas e incomuns.

O Sr. Lyman Granger, um cidadão bem conhecido de Rochester, membro da Igreja Metodista Episcopal, conheceu essas manifestações em sua própria casa e em vários lugares onde ele esteve, com um fato peculiar que merece aqui ser descrito.

Durante muito tempo, as respostas eram obtidas por duplas formadas por quaisquer dos integrantes da família que se mantivessem próximos; e temos informação de que não houve diferença na frequência com que obtinham respostas, nem preferência particular pela presença deste ou daquele membro da família. Uma das filhas do Sr. Granger, tendo sido colocada sob a influência do magnetismo, tornou-se clarividente e, a partir desse momento, ninguém da família conseguiu novas comunicações a não ser que a filha que fora magnetizada estivesse presente. Este é um fato raro e que o conjunto dos conhecimentos atuais sobre as manifestações não consegue explicar. Para que os

ruídos sejam ouvidos, não é necessário magnetizá-la, basta a sua presença. Porque a comunicação não se produz mais perante os integrantes da família, exceto na presença dessa filha, é um fato que continua inexplicado.

Há várias famílias em Rochester que contam com as mesmas manifestações de ruídos, algumas de modo muito frequente e outras apenas ocasionalmente.

A partir de Rochester e adjacências, o fenômeno chegou à cidade de Auburn, onde residimos, e à semelhança de outras localidades, esteve por um breve período confinado a uma única família. A primeira vez que os ruídos misteriosos foram ouvidos aqui se deu quando a filha mais nova do Sr. Fox esteve hospedada em nosso pensionato. Depois de seu retorno a Arcádia, os ruídos continuaram a ser ouvidos por algum tempo junto a pessoas que tinham privado dos fenômenos na presença da jovem Fox, e em poucos meses as manifestações se espalharam por diversas famílias nas quais gradualmente tem se desenvolvido. Dificilmente passa uma semana sem que recebamos a informação autêntica de um novo lugar onde essas ocorrências despontaram. Em relação à regularidade nas manifestações, temos informação de que em pelo menos seis famílias em Auburn os ruídos, uma vez iniciados, ainda não cessaram.

Em quase todos os lugares onde as manifestações apareceram, a princípio os sons apresentaram-se com intensidade bastante inferior àquela que se verifica em um núcleo regular.

Tornou-se uma ocorrência bastante comum dentro das famílias e nos encontros sociais, estarem falando de algum assunto relacionado com estas estranhas manifestações, e todos na sala ouvirem dois ou três ruídos diferentes, como se se tratasse da confirmação do que tivesse sido conversado. Essa é a forma como geralmente os ruídos começam em novos locais. É importante observar aqui, que as pessoas com considerável capacidade de investigação não ficam com medo de serem enganadas, pois sabem que esse tipo de sons não pode ser imitado. Pessoas que tiveram poucas experiências com esses fenômenos e que tenham imaginação exacerbada podem, às vezes, confundir outros sons e pensarem estar ouvindo os ruídos espirituais – o que jamais ocorre com pessoas menos imaginativas. Fazemos alusão a isso porque é possível que venham a afirmar que em muitos episódios há uma causa visível que produz os sons e que, portanto, as pessoas estariam sendo enganadas. Estamos cientes de que acusações desse tipo foram feitas por pessoas distanciadas das ocorrências, sem conhecimento ou relação direta com esse tipo de fatos.

Os mesmos sons estão sendo ouvidos em vários lugares dos quais temos conhecimento, em localidades deste condado. Na cidade de Sennett, cerca de dez quilômetros distante de Auburn, há um adolescente de doze anos de idade, com o nome de John Beaver, filho de Harmon Beaver, que ouve estes sons em ambiente fechado ou aberto, isoladamente ou acompanhado. Os sons surgiram pela primeira vez no meio da noite,

enquanto dormia sozinho, deixando-o bastante alarmado. Quando é solicitado, os sons apresentam-se mais fortes com ele do que com qualquer outra pessoa que já tenhamos presenciado, assemelhando-se ao golpe de um pesado martelo sobre a mesa, ou no chão ou em uma cerca, ou próximo de onde quer que ele esteja. O grau de inteligência manifestada no seu caso é o mesmo que se observa nos outros lugares. Este rapaz nunca foi magnetizado, e não parece ser suscetível ao magnetismo humano.

Nenhuma das jovens Fox mostrou-se capaz de obter esses sons estando completamente sozinhas, e a sua ocorrência se dá quando estão na companhia de qualquer outra pessoa, mas este garoto consegue obtê-los sem que outra pessoa esteja próxima, e mantém longas conversações com seu companheiro invisível. Na sua presença também ocorrem os fenômenos de movimentação de itens do mobiliário.

Algumas semanas atrás, uma jovem de dezesseis anos de idade, Harriet Bebee, estava na cidade e foi colocada em um estado magnético na companhia da Sra. Sarah Tamlin, a bem conhecida clarividente desta cidade. A jovem é também clarividente. Colocadas sob efeito da magnetização, os ruídos foram ouvidos, e elas explicaram como os espíritos os produzem. Quando em sono magnético, ocorre uma vibração simultânea aos ruídos, facilmente perceptível próxima à Srta. Harriet, semelhante a um choque elétrico, e respondendo a uma pergunta nossa, ela afirmou que quando um ruído era produzido, ela sentia como se o som percorresse por seu

corpo, o que não se dava quando ela era trazida de volta do estado sonambúlico para o estado normal. Ela reside a cerca de trinta quilômetros de Auburn, e tem ouvido os sons desde sua entrevista com a Sra. S. Tamlin.

Várias das pessoas em cuja presença esses sons são ouvidos costumam receber um leve choque, de modo que experimentam um pequeno tremor que leva a quem ignora os fatos a acusá-las de que esses pequenos abalos físicos que elas sofrem seriam a forma que empregam para produzir os ruídos. No caso do jovem de Sennett e das senhoritas Fox, não há nenhuma sensação de choques e nenhum movimento físico perceptível. Os mesmos sons são ouvidos em Skaneateles – temos disso certeza por pessoas daquele lugar e pelo jornal Democrat, publicado lá. Não temos prova pessoal dos fatos e não fazemos nenhuma declaração a respeito, além das referências aqui mencionadas.

Esses são alguns dos fatos que chegaram ao nosso conhecimento e são de propriedade coletiva da comunidade por serem casos abertos e públicos. Conhecemos numerosos casos de indivíduos que declaram ter com frequência ouvido os mesmos sons, mas não desejam incorrer no ridículo e no desprezo com que serão atacados se informarem abertamente a seus amigos sobre os fatos que conheceram por experiência própria. Entre eles há os que, pertencendo à igreja, sabem que seus amigos irão escarnecer deles e que a igreja os expulsará de sob sua proteção, fechando seus ouvidos e seus olhos para as evidências do que todos

têm ouvido falar há tanto tempo. Eles não se sentem dispostos a enfrentar as carantonhas de seus amigos pessoais e os anátemas de uma estrutura organizacional que assume ser pecaminoso investigar qualquer coisa nova, especialmente se for de natureza a perturbar algum princípio há muito tempo acalentado e que consideram verdadeiro apenas porque foi como seus pais e avós lhes ensinaram.

Isso é algo de que não nos receamos. Temos a gloriosa consciência de não colocarmos a reputação acima do caráter, especialmente quando tal reputação deve ser mantida à custa da verdade e de convicções honestas e conferida pela multidão vulgar que, rica ou pobre, dá valor às roupas e ao bolso de um homem, ou às suas convicções religiosas, apenas para se adequar à reputação deles.

Sabemos que esses fatos são estranhos, novos e maravilhosos para muitos, e que seu atual estágio de desenvolvimento desafia a filosofia e a teologia a explicarem as leis pelas quais são regidos. Sabendo disso, declaramos os fatos ao mundo, despreocupados com as zombarias dos que nada sabem do assunto, e pouco nos importando com as críticas dos que pretendem ser possuidores de grande sabedoria no conhecimento psicológico, ou daqueles que, sem essa pretensão, usam palavras vulgares e falsidade maliciosa como as únicas armas que têm à mão. Não duvidamos de que armas desse calibre serão empregadas por aqueles que, estando na vala da ignorância não deixarão de lançar mão da sua imundície, e que outros

empregarão armas de diferentes gradações, conforme suas posições.

Temos ainda a consciência de não estarmos presos a laços sectários e pensamos, sem ostentação, que isso faculta a liberdade de pensamento de quem a mantém. Não temos cadeados nos lábios: nenhum laço prende nosso intelecto a um círculo particular de pensamento.

Outra prova da ausência de conluio humano na produção dessas manifestações sonoras é o fato de que elas não se encontram confinadas a nenhum domicílio em particular, de modo que não se trata mais de uma "casa mal-assombrada", pois onde quer que estejam as pessoas com as condições físicas requeridas para as comunicações, lá os ruídos serão ouvidos, seja dentro de recintos ou até em locais descobertos. Isso exclui a ideia de artefatos que não poderiam ser levados tão rapidamente de uma casa para outra, ou de uma casa para um ambiente ao ar livre.

Há, sem dúvida, um desejo maior por presenciar fatos do que por ouvir explicações sobre o assunto. Mesmo assim, não deixaremos de seguir em frente apesar das muitas tentativas inúteis de argumentações contrárias e das calúnias das pessoas que tentam encobrir a verdade.

Vamos mostrar, no próximo capítulo, que na investigação pública do assunto, o selo da verdade foi estabelecido por declarações de pessoas que investigaram os ruídos misteriosos e a sua manifestação inteligente.

CAPÍTULO 6

A investigação pública no auditório Corinthian Hall, na cidade de Rochester

Antes de falarmos de um estranho fenômeno considerado por muitos como mais espetacular do que os ruídos misteriosos ou do que a inteligência que se manifesta pelo médium, daremos um relato das investigações públicas que foram realizadas na cidade de Rochester no mês de novembro de 1849.

Recebêramos uma convocação dos próprios espíritos para que organizássemos demonstrações voltadas para o grande público. Participávamos de um grupo com várias pessoas interessadas em obter informações sobre a lei que rege esta estranha forma de comunicação, e durante as investigações, a seguinte instrução foi comunicada por meio da recitação do alfabeto: "Vocês têm um dever a cumprir. Queremos que tornem este assunto mais público."

Como essa solicitação foi totalmente inesperada, as pessoas começaram a discutir as dificuldades, e observaram que a oposição e o ridículo que seriam reunidos contra qualquer um que tentasse realizar uma exposição pública sobre este assunto seria certamente esmagadora. A resposta que recebemos para as objeções foi esta: "Isso será ainda melhor – o triunfo de vocês seria maior".

Em resposta às perguntas feitas pela pessoa que os espíritos escolheram para discursar ao público na abertura do evento, o comunicador invisível deu as garantias mais positivas de que durante sua fala produziriam sons audíveis em todas as partes do Salão. Afirmou também que para silenciar todas as calúnias e estabelecer a verdade seria melhor ir adiante no assunto e enfrentar diretamente a opinião pública. Também foi instruído, pela mesma fonte, que isso prepararia o caminho para um desenvolvimento mais abrangente da comunicação espiritual, que ocorreria em um dia não muito distante.

Provavelmente, a noção mais completa dos procedimentos em Rochester pode ser transmitida ao leitor pela seguinte declaração redigida logo após as investigações terem ocorrido, e publicada no New York Weekly Tribune de 8 de dezembro de 1849:

“Duas semanas após termos começado a nos reunir com algumas pessoas que recebiam ditados de um comunicante invisível, recebemos uma mensagem que alertava sobre a importância de que o tema fosse amplamente divulgado e que havia chegado o momento de permitir-se ao grande público investigar tudo – e que se tratava de algo que acabaria por tornar-se conhecido de todos os homens, convocando-nos a que providenciássemos medidas imediatas que facultassem a investigação pública. Recebemos então instruções minuciosas dos espíritos, as quais foram total e rigorosamente seguidas. O objetivo central era proporcionar uma investigação pública com a finalidade

de limpar o nome daquelas pessoas que por dois anos vinham sendo acusadas de fraude e engodo.”

“Assim, na noite de 14 de novembro de 1849, uma palestra foi realizada no Corinthian Hall, na cidade de Rochester, quando se relatou toda a história do surgimento e difusão das manifestações. Enquanto se procedia esse relato ao público, ruídos foram ouvidos com bastante nitidez por todas as pessoas no Salão.”

“Após a palestra, uma primeira comissão foi escolhida pelo público, composta das seguintes pessoas: A. J. Combs, Daniel Marsh, Nathaniel Clarke, advogado, A. Judson e Edwin Jones.”

“Na noite do dia 15, estando novamente reunido o público no auditório, o relato da comissão foi, em resumo, o seguinte: Que, sem o conhecimento das pessoas em cuja presença ocorrem as manifestações, a comissão selecionou o Salão dos Filhos da Temperança como ambiente para as investigações que então foram realizadas na parte da manhã desse dia; que o som no chão perto de onde as duas senhoras estavam foi ouvido tão claramente como em outros lugares, e que parte da comissão ouviu os ruídos batendo na parede atrás deles; de que uma série de perguntas feitas foram respondidas em parte corretamente e em parte erradas; que no período da tarde eles foram para a casa de um cidadão comum, e os sons foram ouvidos do lado de fora junto à porta da frente, e depois de terem entrado foram ouvidas batidas na porta de um armário. Ao colocar a mão sobre a porta, sentia-se um leve tremor quando o ruído soava. Um dos integrantes da comissão colocou

uma das mãos sobre os pés das senhoras e outra mão no chão, e apesar dos pés não terem se movido, um tremor repetia-se no chão a cada som produzido na sala. Na calçada externa e no chão o mesmo som foi ouvido: uma espécie de duplo ruído, como um golpe e um rebote, eram distinguíveis. Quando as senhoras foram colocadas separadas a certa distância, nenhum som foi ouvido; mas quando uma terceira pessoa era interposta entre elas os sons eram ouvidos. As senhoras deram todas as oportunidades para a comissão examinar a causa dos ruídos, e submeteram-se a uma investigação aprofundada por uma comissão de senhoras. Todos concordaram que os sons foram ouvidos, mas não conseguiram absolutamente descobrir de que modo eles eram produzidos.”

“Depois do relato e alguma discussão sobre tópicos diversos, o público selecionou uma segunda comissão, composta por: Dr. H. H. Langworthy, juiz Frederick Whittlesey, D. C. McCallum, William Fisher, de Rochester, e o juiz A. P. Hascall, de Le Roy. Na apresentação do relatório desta comissão o público foi informado que a investigação se deu no escritório do chanceler Whittlesey, e eles ouviram o som no chão, na parede, e na porta; que as senhoras foram colocadas em posições diferentes e, assim como a primeira comissão, eles foram totalmente incapazes de dizer de onde o som provinha e como era produzido; que o Dr. Langworthy procedeu a exames com um estetoscópio para verificar se havia algum movimento dos pulmões, e não encontrou a menor diferença quando os sons foram

ouvidos; e não havia nenhuma possibilidade de serem feitos por ventriloquismo, como alguns supunham – e eles não poderiam ter sido feitos por algum maquinismo.”

“E mais uma vez, após este relatório, uma terceira comissão foi formada, a partir de pessoas que se opuseram, na reunião, a todas as pretensões de não haver nada além de um truque.”

“A terceira comissão foi composta por Dr. E. P. Langworthy, Dr. J. Gates, William Fitzhugh – advogado, W. L. Burtis e L. Kenyon. Esta comissão reuniu-se nas salas do Dr. Gates, no Rochester House, e nomeou uma comissão de senhoras, que encaminhou as jovens a um quarto, onde se despiram e seu vestuário foi examinado para se ter certeza de que não havia equipamentos com elas que poderiam produzir os sons. Quando ficaram satisfeitas quanto a este ponto, a comissão de senhoras tentou algumas outras experiências, tendo concedido às moças o seguinte certificado escrito: ‘Quando elas estavam de pé sobre travesseiros, com um lenço amarrado em torno do fundo de seus vestidos, apertado até os tornozelos, nós todas ouvimos nitidamente batidas na parede e no piso. Assinado: Sra. Stone, Sra. J. Gates, Senhorita M. P. Lawrence.’

“À noite, a terceira comissão, através do seu presidente, Dr. Langworthy, fez um relatório muito completo dos exames efetuados durante o dia. Relataram que os amigos das duas senhoras foram excluídos da sala de comissão, tendo o exame sido realizado apenas na presença da comissão de

cavalheiros e das senhoras escolhidas por eles. Não obstante toda essa precaução, estes sons foram ouvidos no chão e na parede quando as senhoras estavam de pé sobre grandes travesseiros de pluma, sem sapatos, e em outras várias posições; que foi procedida uma série de perguntas, e as respostas obtidas estavam em sua maioria corretas. Cada membro da comissão relatou separadamente sua concordância e corroborou as primeiras declarações.”

“Assim, por três dias de rigorosas investigações, com perspicácia, lealdade e ciência, as pessoas em cuja presença esses sons são ouvidos foram absolvidas das acusações de fraude.”

“Na sexta-feira à noite, dia 16, após a palestra, três integrantes da segunda comissão, a saber: juiz A.P. Hascall, D.C. Mc Callum e William Fisher, dirigiram-se para a casa de um cidadão e levaram adiante suas investigações. Havia cerca de vinte pessoas presentes. Os membros da comissão escreveram várias perguntas no papel, cujo significado era desconhecido das outras pessoas presentes, e elas foram respondidas corretamente. Perguntas feitas mentalmente foram respondidas com igual justeza, e eles se convenceram plenamente da presença de uma inteligência não visível.”

“Um dos integrantes da Comissão efetuou um teste colocando as senhoras de pé sobre uma placa de vidro, mas não obteve nenhum som; o mesmo experimento foi posteriormente tentado na presença de um grande número de pessoas e ocorreram sons tão

altos e nítidos como nos experimentos sem a placa de vidro.”

“Tais são os fatos no que diz respeito às investigações públicas, (que representam apenas uma pequena parte dessas ocorrências estranhas) com um resumo bastante condensado dos relatórios das comissões.”

“Assim se apresenta a questão nos dias atuais e, apesar de qualificar-se como um fenômeno notável, quer venha a desaparecer na atual geração ou com as pessoas que parecem ser os intermediários desta comunicação extraordinária, ou quer se trate do início de uma nova era de intercâmbio espiritual em todo o mundo, eis aí algo merecedor da atenção dos homens sérios e estudiosos.

E. W. CAPRON, Auburn, GEORGE WILLETS, Rochester
Rochester, nov. 22, 1849.”

Tendo um dos autores presenciado os fatos no Corinthian Hall, sua familiarização com todas as circunstâncias lhe permite fazer algumas declarações adicionais a respeito dos eventos que ocorreram durante a semana das investigações.

Cada um dos integrantes das três comissões, após o relatório de seu respectivo presidente, foi convidado a fazer um relatório individual e – o que é incomum quando uma questão duvidosa é investigada – todos concordaram com tudo o que está publicado no extrato acima.

Alguns integrantes das comissões fizeram relatórios minuciosos contendo perguntas respondidas

por meio de ruídos pelos espíritos, além de outras circunstâncias que foram observadas durante essas investigações.

Um membro da primeira comissão relatou ter feito a seguinte pergunta: "Quem deseja se comunicar comigo?" A resposta, obtida com a recitação do alfabeto, foi: "sua esposa vai falar". Demonstrando estranheza, deu a entender às pessoas presentes que ele nunca fora casado. Para usar sua própria expressão ao apresentar seu relatório público, ele "não leva nada a sério". Mais tarde, à noite, ele admitiu que havia perdido a esposa há algum tempo.

As comissões foram compostas por homens reconhecidamente confiáveis em investigações sobre assuntos que envolvem questões de risco de morte e propriedade. Duvidamos que algum cidadão do condado de Monroe se recusasse a submeter à justiça uma causa sua, mesmo que fosse julgado pela vida ou pela integridade física, a homens como aqueles que compuseram as comissões durante os três dias em que estiveram empenhados em tentar todas as maneiras de descobrir a causa desses sons, e ainda assim muitas pessoas persistem em denunciar, como se tolos fossem, até mesmo aqueles que, movidos por uma curiosidade natural, vão ouvir os ruídos misteriosos.

Aqueles que estavam presentes no Corinthian Hall e tiveram voz na designação dessas comissões, selecionados entre os melhores e mais confiáveis homens da cidade de Rochester, deveriam ser os últimos a clamar farsa ou conluio. Deveriam atentar para o fato

de que, ao fazer isso, impugnam as comissões por eles mesmos escolhidas e, indiretamente, acusam-lhes de serem ignorantes e incapazes de realizarem uma investigação imparcial ou de serem cúmplices de uma das imposturas mais bem-sucedidas, amplamente difundidas e por muito tempo continuadas que já se concretizaram nesta ou em qualquer outra comunidade. Esse assunto está se propagando há dois anos, tendo sido empregados todos os meios de investigação em círculos privados e nas comissões escolhidas em reuniões públicas, e todos falharam na tentativa de descobrir algum conluio, tornando indiscutíveis os seguintes fatos: que os sons são ouvidos em vários lugares e em repetidas ocasiões; que esses sons, embora se manifestem na presença de pessoas específicas, não são emitidos nem estão sob o controle delas, e que evidenciam um notável grau de inteligência. Esses fatos, na opinião daqueles que investigaram cuidadosamente, não são mais contestados.

CAPÍTULO 7

Mais uma prova da inteligência manifestada pelos ruídos misteriosos

Após as considerações desenvolvidas nos primeiros capítulos, supomos esteja o leitor preparado para conhecer relatos que evidenciam a inteligência manifestada nesses fenômenos. Pelo fato de que não se fizeram registros junto à grande massa de pessoas que visitaram círculos privados onde essas manifestações ocorrem há, com certeza, centenas de provas perdidas. Alguns episódios abrangem acontecimentos dos mais convincentes dentre os que se verificaram na presença de muitas famílias, mas não serão divulgados porque somente a elas dizem respeito. Algumas dessas provas, no entanto, podem ser aqui apresentadas.

Um dos fatos mais notáveis que demonstra a capacidade de premonição dos espíritos, captada por meio de ruídos, e do qual trazemos provas positivas, é o caso de nosso amigo George Willets, agora morador da cidade de Rochester. Ele nos forneceu a seguinte declaração, que transcrevemos aqui por inteiro:

“Caro amigo, E. W. Capron:

É com alguma relutância que forneço esta declaração. Não que eu tenha medo de dizer a verdade, mas porque o mundo, como o entendo, ainda não está pronto para aceitar tais verdades. O ridículo

provavelmente será lançado sobre mim; mas quando considero que só os ignorantes usam essa arma, talvez eu possa me dar o luxo de afirmar: “que venha a tempestade”. Todos os que me conhecem podem dizer se tenho ou não sido verdadeiro desde a minha juventude; e a linguagem mais franca que posso usar é dizer que as afirmações que presto a seguir são estrita e inteiramente verdadeiras.”

“No verão de 1848, concluí, pelo melhor julgamento que pude trazer em meu auxílio, que era melhor para a minha família nos transferirmos para algum lugar para os lados do oeste. Assim, fiz uma viagem de observação e encontrei uma área, no estado de Michigan, que me servia melhor do que todas as outras que visitei, pertencente a um cavalheiro que morava em Rochester, para onde me dirigi, em meu retorno, para, se possível, negociar com ele. Fiquei hospedado na casa do meu amigo e parente Isaac Post, e enquanto lá estive ele me contou de certos sons que estão sendo ouvidos na cidade; e que eles demonstravam inteligência e estariam sendo feitos ou por espíritos, ou por pessoas invisíveis para nós. Meu ceticismo sobre essas coisas despertou bem forte, mas aceitei seu convite e fui examinar o assunto. As pessoas com quem esses sons ocorriam eram totalmente desconhecidas para mim até então, e meu amigo teve o cuidado de não dizer a eles quem eu era nem de onde eu vinha. Nessa sessão perguntaram se havia alguma comunicação para mim, e a orientação dos ruídos era que três pessoas deveriam ser magnetizadas, duas das

quais estavam presentes, e a terceira foi chamada de uma família na vizinhança. Eu não sabia o nome de nenhuma pessoa presente, e também tinha certeza de que nenhuma delas me conhecia. Depois que as três pessoas foram colocadas no estado de clarividência, uma delas disse: 'Nós temos que ir para Michigan'. Então, as outras duas confirmaram que deveriam se dirigir ao centro-oeste por minha causa. Eles pareciam ter ido até lá e começaram a descrever lugares e coisas que eu tinha visitado nas minhas buscas por terrenos, e finalmente chegaram a um pedaço de terra que elas disseram ser o lugar que foram ver. Elas então descreveram o terreno do meu interesse com tanta precisão – aquele que me fez ir até Rochester para tentar negociar com o proprietário – que comecei a me perguntar quem poderia ter contado isso para elas. Todas elas, de comum acordo, disseram: 'Mas ele não deve ir para lá. O pai dele disse que é melhor ele não ir'. Enquanto elas diziam isso, surgiu um ruído alto perto de onde eu estava sentado e então mudei minha cadeira de lugar e fiquei afastado delas todas. Elas estavam falando muito de meu pai e do que ele estava pensando, como se o conhecessem, e a todo instante que o ruído se repetia, ocorria uma vibração no chão perto de mim. Então falaram que minha mãe estava dizendo que aquele não era o melhor lugar. Um som diferente começou a soar. Até então eu não tinha falado uma única palavra, mas encontrei gotas de suor escorrendo do meu rosto. Juntei coragem e pensei que iria acabar com aquela burla rapidamente. Eu disse: 'Como vocês

parecem conhecer meu pai e o que ele pensa de mim, talvez vocês possam me dizer o nome dele'. Elas ficaram olhando fixamente no vazio por um tempo, e então falaram lentamente as letras: 'Wi-l-l-i-a-m Wi-l-l-e-t-s'. A cada letra mencionada soava na sala aquele ruído alto que eu ouvira antes, acompanhado de uma vibração no chão, debaixo dos meus pés. Nunca fiquei tão surpreso em minha vida e disse involuntariamente: 'O que significa tudo isso?' Passaram a soletrar o alfabeto em voz alta e um ruído repetido ia marcando as letras pronunciadas, e assim formaram-se frases que afirmaram ser melhor que as jovens fossem retiradas do estado de clarividência, e então um som mais alto marcou as letras recitadas com a seguinte mensagem: 'Falarei com George e contarei tudo a ele'. A instrução acrescentou que para isso ocorrer, eu deveria me reunir com o Sr. Post, e uma garota de treze anos. O que posteriormente os ruídos me falaram deu-se na presença unicamente de meus amigos, Sr. e Sra. Post, eu mesmo, e a jovem mencionada. Como o que se segue é uma comunicação por ruídos que passou a dizer que era meu pai quem estava presente e falando comigo, direi que seu nome era realmente William Willets, membro da Sociedade dos Amigos, amplamente conhecido em Westbury, na ilha de Long Island, estado de Nova York, onde viveu até quase os sessenta anos de idade, e posteriormente em Skaneateles, condado de Onondaga, onde morreu em 1841. Três horas foram consumidas nessa primeira entrevista."

A cada opinião dada, ele afirmava que estava apenas me dando conselhos, mas nunca estabelecendo o que eu deveria fazer. Ele disse que não seria bom nós irmos para Michigan e apresentou várias razões, entre as quais que não nos sentiríamos à vontade nessa nova região, e que minha saúde não estaria à altura da tarefa de limpar novas terras; e previa que, se fôssemos, acabaríamos voltando em menor número do que antes. Então perguntei o que seria o melhor a fazer. A resposta foi: 'Venha para Rochester'. Respondi que não sabia de nenhuma atividade profissional para mim em Rochester. Os ruídos disseram: 'Eu te informarei de uma oportunidade quando você vier'. Perguntei se eu poderia saber agora. A resposta foi que não haveria nenhum negócio disponível até que eu viesse e que na ocasião apropriada eu seria avisado. Os ruídos então disseram que depois de um tempo seria melhor para eu comprar alguma terra. Eu perguntei onde. Os ruídos então soletraram o nome de um homem que ninguém presente conhecia, e disse que ele possuía cinquenta acres de terra em uma rua a certa distância do centro da cidade e que ele venderia uma parte. Perguntei o preço que seria pedido. Os ruídos foram ouvidos e contados por nós três: cento e cinquenta ruídos, que significavam a quantidade de dólares por acre que seria pedido. Os ruídos disseram que era melhor irmos conferir tudo no dia seguinte, e que não adiantaria procurar o tal homem antes das dez horas.

"De manhã, procurei no guia da cidade e lá encontrei o nome que fora soletrado para nós, e me

dirigi até sua residência às sete horas, e fui informado que ele tinha ido para uma parte distante da cidade, e não estaria em casa antes do meio-dia. Fomos então procurá-lo no local que nos foi informado que ele estava e não foi sem dificuldade que o encontramos, mas depois de conversar com ele cinco ou seis minutos, olhamos para o relógio e eram dez e sete. Essa pessoa disse que possuía cinquenta acres exatamente na rua que os ruídos ditaram e que se dispunha a vender uma parte. Quando perguntei o preço, ele me mostrou um mapa marcado com o preço de cada lote, e tomando o número de acres ditos pelos ruídos que eram o melhor para comprar e calculando a média do preço, era esse mesmo o preço que os sons nos disseram: cerca de seis centésimos de dólar por acre. Em seguida, fui para casa ver minha família, e ponderei sobre essas coisas estranhas. A ideia de que tudo se tratasse de farsa chegou a passar pela minha cabeça, mas eu tinha convicção de não estar procurando enganar a mim mesmo. Durante três meses pensei profundamente nessas coisas e isso me deteve de ir para o estado de Michigan. Concluí, que se tudo fosse uma farsa, eu faria bem ao mundo descobrindo. No dia primeiro de dezembro de 1848, mudei-me de Waterloo para Rochester. Poucos dias depois de chegar aqui, a garota mencionada veio até nossa casa, e falou que 'o espírito' havia dito para ela me procurar – com que propósito ela não sabia. Perguntamos do que se tratava, e pelo alfabeto veio esta mensagem: 'Eu te disse que se você viesse para Rochester, eu te diria onde você poderia

encontrar emprego: daqui a quatro dias eu te contarei. Nesse ínterim, o pessoal do antiescravismo vai realizar uma feira: por que você não vai ajudá-los?' Estávamos apenas em três pessoas naquele momento: minha esposa, a menina e eu. Os quatro dias se passaram, e de novo, sem solicitação e tendo eu esquecido da promessa do espírito, a garota voltou. Soletramos várias vezes o alfabeto e reunindo-se as letras apontadas pelos ruídos, a mensagem foi: 'Peça a William Wiley, Superintendente da Ferrovia Auburn-Rochester, amanhã às duas horas, em seu escritório, uma vaga de emprego, e você terá um emprego antes que esta semana acabe'. Isso foi na quinta-feira. Sendo eu um estranho para o Sr. Wiley, visitei o Sr. Post, falei-lhe das instruções espirituais e pedi que no dia seguinte ele fosse até lá comigo. Naquela noite, estando ele por acaso no armazém da ferrovia, perguntou se o Sr. Wiley se encontrava em casa, e foi informado de que ele estava em Boston e, por uma carta que acabaram de receber, sabiam que ele não estaria em casa até sexta-feira à noite. Os ruídos me falaram na quarta-feira para eu me inscrever na quinta-feira às duas horas. Quinta-feira a uma e meia da tarde, em vez de ir ao escritório da ferrovia, passei na casa onde fazíamos as conversações com esses ruídos e disse: 'Como é isso? Me disseram para encontrar William Wiley, mas ele está em Boston'. Os ruídos disseram: 'Vá para o escritório dele agora, ele está lá'. Chamei o Sr. Post e fui imediatamente até lá, e encontrei o Sr. Wiley em seu escritório. Ele disse que havia retornado mais cedo do que esperava quando

escreveu a carta. O Sr. Post disse que eu era parente dele e desejava emprego; e o Sr. Wiley respondeu que não tinha vaga e que não podia me dar nenhuma esperança. Retornamos sem entender nada, e então fui novamente até onde os ruídos eram ouvidos e perguntei: 'Como é isso? O Sr. Wiley não tem vaga de trabalho para mim!' A resposta foi: 'Você terá um lugar nos carros de um trem e vai saber antes do fim da semana'. No sábado, no final da tarde, encontrei o Sr. Post e ele perguntou se eu tinha ouvido alguma coisa do Sr. Wiley. Eu respondi: 'Nem uma palavra'. Às oito horas daquela mesma noite, o Sr. Post foi até minha casa e disse que o Sr. Wiley tinha acabado de entrar em sua farmácia afirmando que tinha uma vaga para mim e gostaria que eu fosse até seu escritório na segunda-feira de manhã. Como o Sr. Wiley não disse que lugar eu deveria preencher, perguntei novamente aos ruídos qual cargo seria; e eles disseram que era para ir como chefe da bagagem entre este Rochester e Auburn. Na manhã de domingo escrevi ao meu amigo James Truman, de Waterloo, informando que deveria passar por aquela cidade na segunda-feira seguinte, no cargo acima mencionado, antes mesmo do Sr. Wiley me dizer qual vaga eu iria preencher, e ele certamente pode confirmar este fato. Um mês depois de ter andado com os carros, soube que a pessoa cujo lugar eu ocupei havia feito coisas dignas de demissão, antes de eu ser instruído pelos espíritos a fazer o pedido de um emprego, o que não veio ao conhecimento do Sr. Wiley até a data em que recebi a nomeação. Todas essas coisas que acabo

de relatar eram conhecidas apenas por alguns amigos; mas agora você e o mundo ficam sabendo. Tenho muitas comunicações, transcritas a partir de ruídos na época em que foram recebidas, alegando serem enviadas por meu pai, todas das mais elevadas características, incitando-me à bondade, pureza e honestidade de coração, e sempre apontando para o progresso infinito do homem. Concluindo, posso dizer que examinei o assunto atentamente por um ano e meio, e tive suficientes oportunidades para fazer minhas observações, e estou preparado para dizer que, mesmo que os ruídos cessassem completamente hoje e nunca mais fossem ouvidos, eles exibiram um notável grau de inteligência e não foram feitos por ninguém visível para nós. (Assinado) George Willets.”

Assim, tudo o que lhe foi dito cumpriu-se ao pé da letra. E estas são apenas algumas das mais proeminentes entre as instruções recebidas por um mesmo indivíduo. Estes fatos podem ser comprovados, com nomes e datas de todos os envolvidos.

A declaração a seguir é extraída do jornal privado de E. W. Capron:

“No dia 23 de novembro de 1848, fui à cidade de Rochester a negócios. Eu já havia me decidido a tentar desvendar o mistério denominado ‘Ruídos de Rochester’ e eu não tinha dúvida, que se tivesse uma chance, eu teria astúcia suficiente para detectar o truque – como suspeitava de que se tratasse – ou descobrir a origem dos ruídos, se fosse desconhecida dos moradores

daquela casa. Um amigo meu, John Kedzie, de Rochester, que eu sabia ser cético em relação a essas ocorrências espetaculosas, me convidou para ir com ele ouvir os ruídos. Aceitei o convite com a intenção de desvendar algum truque – se o houvesse – e sem nenhuma expectativa quanto a receber alguma mensagem pessoal. Antes de ouvir as batidas, nos sentamos em torno de uma mesa. Assim que nos pusemos em silêncio, ouvi um ruído leve, diferente, no chão, que parecia vir diretamente do piso. Embora concluísse que esse som pudesse ser produzido por máquinas, não via motivo possível para aquela família se esforçar tanto para enganar as pessoas, pois elas não recebiam nada além de problemas em troca de seus aborrecimentos. Comecei a fazer algumas perguntas e elas foram respondidas de maneira muito direta e correta. Eu perguntei se poderiam dizer por ruídos quantos anos eu tinha e produziu-se exatamente a quantidade de batidas correspondentes à minha idade. De posse da minha caderneta de anotações escrevi perguntas ao invés de solicitá-las verbalmente: ‘Bata quatro vezes; bata uma vez; bata sete vezes;’ e, para cada solicitação minha sou o número correto de ruídos. Deixei de lado minhas anotações e comecei a fazer perguntas mentalmente e, como antes, as respostas foram produzidas corretamente.”

“Eu não aceitei a hipótese de que as pessoas ali pudessem ler meus pensamentos para então fazerem a quantidade de sons que eu mentalmente entabulara, e ainda é preciso levar em conta que o tipo de ruídos

produzidos correspondem a uma sonoridade que não é facilmente imitável. Supor que esse fosse o caso, tornaria o assunto um mistério ainda maior. Eu sabia que eles não podiam dar aquelas respostas, pois havia perguntas respondidas sobre as quais eles não tinham o menor conhecimento. Em outra ocasião, estando acompanhado de Isaac Post, de Rochester, procedi um experimento de contagem da seguinte maneira: apanhei pequenas conchas de água doce de uma cesta de cima da mesa, fechei minha mão e a deixei totalmente fora de vista, e perguntei quantas conchas havia na minha mão – responderam corretamente por meio de batidas. Como eu sabia quantas conchas havia em minha mão, resolvi testá-los de outra maneira para ver se havia a possibilidade de minha mente ter influenciado no número correto de batidas. Apanhei outro punhado de conchas sem contar o número, e ouvimos uma quantidade de ruídos que corresponderia à sua soma, após o que contei as conchas e verifiquei que a resposta estava correta. Então solicitei ao Sr. Post, que estava sentado próximo à mesa, para colocar a mão na cesta, retirar algumas conchas sem saber a quantidade, e passá-las para a minha mão, que eu imediatamente fechei e coloquei em uma posição em que ninguém pudesse ver, e o número também foi informado corretamente. Repetimos esse tipo de experimento algumas vezes, sem a menor falha em obter respostas corretas.”

Não havia como nos enganarem nesses testes. Eles não foram influenciados por nossas mentes, pois

não sabíamos quais seriam as respostas. Isso invalida a hipótese de que tudo é governado pelas mentes daqueles que fazem perguntas ou das outras pessoas presentes. As provas em que se obtêm respostas corretas para questões mentais são tão expressivas e consistentes quanto o próprio fenômeno da produção dos ruídos. Em outra ocasião, pessoas sentadas em torno de uma mesa conversavam, e quando silenciaram, sobreveio o sinal de cinco ruídos para solicitar que o alfabeto fosse soletrado, e uma frase foi ditada falando o nome de uma das pessoas do grupo e mencionando exatamente o que ela estava pensando. Certa vez, estando várias pessoas presentes à sala onde realizávamos a experimentação, alguém escreveu em um pedaço de papel para outra pessoa, algo sobre dois outros integrantes do grupo que, embora sem importância, eles não desejavam que os outros soubessem; mas como se o objetivo dos espíritos fosse convencer a todos do seu poder de desvendar pensamentos, o sinal foi dado requisitando a soletração do alfabeto, e o conteúdo do papel foi revelado. Casos semelhantes a esse e situações em que as pessoas solicitam respostas para perguntas mentais têm sido considerados fora de dúvida por aqueles que os experimentam.

Nos dias das apresentações públicas nas salas do Corinthian Hall de Rochester, ocorridas em novembro de 1849, os ruídos informaram sobre o caráter dos integrantes das comissões de investigação. Eles diziam que "tal homem (indicando seu nome) é um homem

sincero”; “este outro é muito cético e difícil de convencer” etc. Quando as investigações se encerraram, concluímos que fomos informados corretamente sobre a índole dos diferentes indivíduos que compuseram as comissões. Em determinada ocasião, durante as investigações, estávamos conversando sobre quanto seríamos ridicularizados por tentarmos expor esse assunto ao mundo e investigá-lo com justiça, e tivemos a seguinte frase soletrada para nós, supostamente pelo espírito de William Willets:

“Não desanimem, embora o caminho pareça nebuloso. Há uma nuvem brilhante um pouco além. Em breve o firmamento se tornará iluminado e aquelas pessoas que insultam e escandalizam este trabalho do Todo-Poderoso sairão, de cabeças baixas, dizendo: Investigamos e não provamos nada contra essas pessoas que insultamos; e continuamos na mesma ignorância de quando ouvimos esses ruídos pela primeira vez. Saibam que em todas as novas ciências sempre há algo a ser enfrentado, e quando as coisas mudam para melhor, você sabe o que conquistou; vocês sentirão que estão pisando em solo sagrado.”

Recentemente, o Reverendo A. H. Jarvis, relatou o seguinte a um grupo de pessoas reunidas em sua casa, entre as quais estava o Prof. Jones, um cavalheiro que ministrava uma série de palestras científicas em Rochester. Ele pertence à Igreja Nova Jerusalém, que segue a fé segundo Emanuel Swedenborg.

“Certa vez recebemos comunicações alegadamente enviadas por nosso filho que morrera dez anos antes. Ele nos pediu para cantarmos o hino intitulado 'Conselhos para buscar o Senhor'. Apanhei um livro de cânticos, e comecei a procurar o hino, quando soaram cinco ruídos em sucessão rápida solicitando a soletração do alfabeto e recebemos a frase 'não é esse'. Escolhi outro hino e ele novamente os ruídos afirmaram: 'não é esse'. Tínhamos quatro livros de cânticos na sala e não estava em nenhum deles. Eu estava indo para a minha biblioteca quando ele soletrou: 'É nesta sala, pegue o livrinho com uma capa vermelha'. Depois de muita pesquisa, o livro foi encontrado atrás de alguns ornamentos do altar que raramente eram usados. Havia nele um hino com título muito próximo ao que tinha sido solicitado e pensávamos tê-lo encontrado, quando fomos informados novamente de que não era esse. Procurando um pouco mais, encontramos um hino com exatamente o título nomeado e cantamos enquanto os ruídos bateram o tempo da música.”

Esta é uma prova de que a memória da vida terrena se mantém após a morte e esse era o tópico em discussão quando o Sr. Jarvis mencionou esses fatos. Podemos preencher páginas registrando fatos semelhantes aos anteriores, mas confiamos que ninguém exigirá mais do que está aqui apresentado como suficiente para provar a inteligência da fonte da qual esses sons emanam.

CAPÍTULO 8

Eles são bons ou maus espíritos?

Essa é a grande pergunta que repetidamente surge entre aqueles que, estando convencidos de que os sons são produzidos por espíritos de pessoas que viveram neste mundo visível, foram infelizmente ensinados a considerar sempre o mal como responsável por tudo o que represente algo que esteja acima da sua capacidade de investigação.

Os limites deste livro seriam pequenos para convencer essa classe de que eles forçaram equivocadamente a própria compreensão até ao ponto de quase desejarem provas de alguma fonte do mal para assim confirmarem ao mundo que sua teoria há tanto tempo acalentada está correta, e é esse o motivo que os faz rejeitarem os fatos contemporâneos que poderiam corrigi-los do equívoco em que incorreram. Existem exceções, e graças ao crescente desenvolvimento intelectual a que este século dá lugar, o número delas está aumentando. Muitos buscam sinceramente a verdade, e continuarão a investigar, apesar de todo o desdém e ameaças das seitas a que pertencem.

Não estamos dispostos a discutir as probabilidades de existência de um poder maligno em ação “nos últimos dias” que, se possível, “enganaria até os eleitos” – não temos tais apreensões. Não estamos constantemente procurando o mal, a fim de estabelecer algum dogma

nutrido por nós há longo tempo. Essa pode ser a razão pela qual não conseguimos encontrar tantas evidências do mal em anos de investigação, como alguns que o encontram em questão de minutos e outros que o afirmam sem nada terem examinado. Ao olhar para a história do desenvolvimento das várias artes e ciências, e aperfeiçoamentos no mundo moral, encontramos quase todas as descobertas importantes creditadas inicialmente ao diabo. Na opinião dos religiosos, toda revolução tem essa mesma origem. Seria de surpreender-se, então, se os ruídos misteriosos escapassem ao destino comum de interpretação de todos os outros fenômenos singulares.

Em quase todos os casos em que pessoas de forte caráter sectário investigaram o assunto, convenceram-se de que se trata de espíritos – mas, diabólicos! (Ezequiel XIV: 3-4). Por que essa conclusão? Primeiramente, porque está em desacordo com todas as suas opiniões preconcebidas – este é o motivo mais forte. Por outro lado, os espíritos não vêm falar sobre o nosso desejado futuro de um "bem-estar eterno"; eles dão abundantes conselhos para serem aplicados neste mundo e poucos para o próximo; não mandam as pessoas irem à igreja um dia da semana e passarem o tempo restante tentando acumular riquezas. É verdade que dão bons conselhos sobre moral, mas eles não mencionam as consequências dos vícios simplesmente como algo que irá nos colocar nas esferas inferiores do mundo espiritual. Curiosamente, estas são algumas das razões apresentadas, pretendidamente, como prova da

origem maligna desses espíritos. Alguns afirmam que, tendo estado no local onde esses sons e outras manifestações ocorrem, “tremem quando pensam o quão perto das garras do diabo estiveram”, tal se dando apenas por desistirem de tentar saber realmente do que se trata. Em outras palavras, eles procuravam o mal e julgavam tê-lo encontrado.

Outra razão sugerida por essa classe é que esperavam encontrar as manifestações espirituais ocorrendo unicamente na presença de membros das igrejas, mas vê-se que os espíritos desconsideram todas essas regras sectárias e tratam as diferentes pessoas da mesma maneira, sem fazer distinção. Para muitos, no entanto, a ocorrência de fenômenos espirituais perante pessoas leigas seria a prova mais forte da presença de maus espíritos, e por isso tais pessoas perseguem até mesmo aqueles que, pertencendo a instituições religiosas têm sido favorecidos pela presença dessas manifestações e os cobrem sob a designação humilhante de infieis. Mas, como fatos valem mais do que crenças antigas, e são também superiores às tantas suposições e especulações, passamos a apresentar algumas respostas que foram recebidas por meio de mensagens espirituais, para que se verifique se elas contêm mais mal do que bem. Muitas das mensagens trocadas nos círculos de experimentação são de natureza pessoal e não recebemos a autorização para publicação. Ainda assim, somos capazes de apresentar o suficiente para permitir que os leitores julguem em relação ao mal ou ao bem contido nessas comunicações. Entre os

numerosos fenômenos inteligentes que incluem previsões acertadas e instruções corretas, está o seguinte fato:

Um dia, quando estávamos à mesa de jantar, a instrução para um dos nossos familiares, recebida por recitação do alfabeto e ruídos, foi: "É melhor você ir ao depósito da ferrovia às três horas da tarde". Embora não entendesse ser necessário ir lá, ele seguiu a instrução e encontrou no depósito um amigo com o seu baú que ele não conseguiria transportar sozinho.

Em uma das minhas primeiras oportunidades de investigação, eu (E. E. Capron) tive a seguinte prova, que não continha nada de pernicioso, embora a instrução tratasse de "assuntos mundanos". Minha esposa, eu e uma amiga nossa constituímos um pequeno círculo em uma sala de escritório, e estávamos experimentando até uma hora tardia, próxima à meia-noite, quando sobreveio uma violenta tempestade. Era necessário irmos para outra parte da cidade, e era tão tarde que todos os transportes públicos haviam deixado sua posição habitual e ficamos sem saber como conseguir um transporte naquele momento.

A instrução, por meio do alfabeto, foi: "vá até a esquina e lá você encontrará um transporte". Eu fui até a esquina da rua, mas não vi nenhuma carruagem e comecei a pensar que tínhamos recebido uma instrução falsa, mas quando eu estava começando a retornar, uma carruagem subiu a rua e, sem eu falar, o condutor me chamou e perguntou se eu queria um transporte. É claro que eu o peguei e levei as damas para casa.

Em uma ocasião, um cavalheiro de Rochester estava em dívida com uma mulher que precisava muito do dinheiro. Os espíritos instruíram sua irmãzinha a dirigir-se a um local na rua em uma determinada hora do dia, onde ela encontraria o homem que pagaria três dólares a sua irmã. A menina não conhecia o homem que devia o dinheiro, mas seguiu as instruções. Na hora marcada, ela encontrou um homem que lhe disse: "Você é a garota que mora com a Sra. _____?" Ela respondeu afirmativamente. "Aqui estão três dólares que eu gostaria que você levasse para ela", disse o homem, que, entregando-lhe o dinheiro, passou adiante.

Certa vez, discutíamos o assunto de quão pouca confiança podia ser depositada nas instruções recebidas por meio dos sons, e tendo soado o sinal de cinco ruídos em sucessão, sentamos à mesa e, iniciamos as repetições da soletração do alfabeto, tendo recebido a seguinte mensagem:

"Atentem ao que diremos. Queremos que vocês reavaliem. Vocês duvidaram das nossas palavras. Chegará o tempo em que vocês olharão para trás e ficarão envergonhados do momento em que disseram: 'Não sei o que pensar – eles são maus espíritos – acho que é tudo mentira'. Não duvidem mais e mantenham sentimentos fraternais."

Essa conversa continuou enquanto a médium (a jovem), em cuja presença recebíamos as comunicações de ruídos, estava fora de casa visitando suas amigas,

para que ela não tivesse conhecimento de nossa conversa até que essa mensagem fosse divulgada.

A Sra. Rebecca Capron e a Sra. Sarah Tamlin estavam na casa do Sr. Tamlin sozinhas, quando uma batida começou e deu o sinal para o alfabeto (cinco ruídos em sucessão). Ao soletrá-lo, a seguinte frase foi escrita: "Sarah vai adoecer." Como ela estava aparentemente tão bem quanto de costume, elas ficaram um pouco surpresas, e a Sra. S. Tamlin disse: "Como assim? Estou muito doente?" A resposta foi: "Sim, muito doente, e é melhor Rebecca não ficar sozinha com você esta tarde". Isso aconteceu pela manhã. A Sra. R. Capron voltou para sua casa ao meio-dia e cerca de uma hora depois estava novamente na casa da Sra. S. Tamlin, que agora vomitava muito. Ela teve desmaios de longa duração durante toda a tarde e à noite. Toda vez que ela estava perto de desmaiar nós éramos avisados pelos ruídos, e algumas vezes era soletrado "cuidem dela". O mesmo guardião fiel nos disse qual remédio administrar, o que fazer; disse quando seria seguro uma parte dos cuidadores partir, tendo avisado a eles duas horas antes do momento de poderem sair; exatamente quantos ataques ela teria durante a noite; quando ela começaria a se recuperar e quando ficaria bem – e tudo foi cumprido à risca. As pessoas presentes que estiveram em parte ou todo o período em que essas instruções foram dadas eram a Sra. Rebecca M. C. Capron, Eliab W. Capron, a Sra. Mary Miller, a Srta. S. A. Bennet, todos de Auburn, condado de Cayuga, e a Srta. Mary H. Cooper, da cidade de

Williamson, condado de Wayne. Em muitos casos, foram dadas instruções aos doentes por esse agente invisível, que supostamente seria o espírito da mãe da Sra. S. Tamlin.

Pouco tempo depois, o Sr. Tamlin levantou-se antes de amanhecer, foi para o celeiro onde seus cavalos estavam guardados, deixando uma vela acesa na mesinha perto da cama. A Sra. S. Tamlin foi acordada do sono por uma batida forte na mesa de cabeceira. Ela olhou para o móvel e descobriu que uma faísca do pavio da vela havia caído sobre um papel que estava na mesinha e estava prestes a se comunicar com as cortinas da cama. O aviso oportuno salvou a casa e muito provavelmente a Sra. S. Tamlin de ser consumida pelas chamas.

Certa vez, a Sra. S. Tamlin estava na casa do Sr. G. B. Bennet. Eles foram instruídos a apagar as velas e pegar o violão. Eles fizeram isso e a corda vibrou duas ou três vezes quando pararam, e o sinal para o alfabeto soou, e, ao soletrarem as letras, foi recebida a seguinte mensagem: "Sarah vai desmaiar". Estava totalmente escuro na sala e não havia como alguém saber deste fato. Uma luz foi trazida, mas a Sra. S. Tamlin havia desmaiado antes de chegar. As seguintes pessoas estavam na sala e podem testemunhar a afirmação acima: Sra. R. M. C. Capron, Srta. Mary M. Bennet, Sra. Sarah A. Tamlin, S. N. Smith, dentista, Charles W. Bennet, G. S. Wilson e A.L. Dibble.

A declaração a seguir foi feita pela Sra. Sarah D. Fish, de Rochester que, em algumas ocasiões,

testemunhou essas manifestações em sua própria família. Benjamin Fish e sua família são conhecidos por não necessitarem de qualquer corroboração das declarações que qualquer um deles faz.

“Cuidei de uma amiga doente dois anos atrás, e quando tudo estava silencioso e somente eu estava acordada, e na sala não havia ninguém, exceto minha amiga doente, sentei-me ao lado do fogão, e surgiu um ruído forte e rápido no tampo de madeira ornamental sob a minha mão esquerda. Essa ocorrência na quietude da noite deixou-me apavorada, e dirigi-me imediatamente até a cama onde a pessoa doente estava deitada. Minha amiga acordara por causa daquele ruído e perguntou: ‘Que som foi esse?’ E pediu um pouco de água para beber. Depois de atendê-la, fui até o relógio e vi que eram 2 horas da madrugada. Eu estava exausta por ter dormido pouco e, tendo encostado minha cabeça na cadeira, caí no sono do qual fui despertada por um súbito ruído junto à minha mão direita no tapete. Corri imediatamente para ver o relógio, e eram duas e meia, exatamente o horário em que minha amiga deveria tomar seu remédio.”

Esta é apenas uma pequena parte do registro realizado por aqueles que anotam diariamente as ocorrências testemunhadas, mas são suficientes neste momento para mostrar que, se a causa é má, e o efeito tem-se revelado bom, e que se seu autor for o diabo, seu caráter é um pouco diferente do que a imaginação

dos homens fez com que se tornassem, e eles deveriam começar a corrigir seus relatos falsos.

Mas alguém afirmou: "As respostas espirituais que vocês recebem são contraditórias". Em parte, isto é verdade, pois realmente há respostas relacionadas a eventos futuros que se mostram discordantes com os fatos à medida que o tempo passa. Há várias razões que podem influenciar para produzir esta discrepância. Uma delas é que não conhecemos a lei que rege esta comunicação, e tudo é novo para nós, fazendo-nos sujeitos a erros. Outro motivo, em nossa opinião, é a interferência de espíritos ignorantes, que podem desconhecer com profundidade sobre o que estão falando. Nós nunca acreditamos na perfeição absoluta deste modo de comunicação. Muitos se precipitam em erro ao se deixarem levar por entusiasmo ou admiração, e acabam por considerar que por ser esse um meio de comunicação com os espíritos, é, portanto, uma fonte infalível de informação. As pessoas que assumem, de pronto, a infalibilidade das comunicações espirituais são as primeiras a reclassificá-las todas como más, quando se decepcionam devido a comunicações contraditórias. Não vemos razão para supor que, simplesmente por um homem ter passado para o estado de existência espiritual, imediatamente se torne no mais perfeito dos profetas, diferenciando-se totalmente de sua condição intelecto-moral anterior. É igualmente absurdo pretender-se que, porque um homem foi ignorante e degradado moralmente, irá, inevitavelmente colocar-se ainda mais baixo na escala dos seres quando deixa a

existência visível. Há, sem dúvida, espíritos que desejam atrair atenção sobre si e respondem perguntas, mas que são ignorantes demais para oferecerem instruções, estando mais propensos a misturar ideias erradas e certas. Não cremos que estes sejam totalmente viciosos; estes erros surgem devido à sua ignorância, e recebemos explicações de que eles progredirão para um estado de maior inteligência, pureza e felicidade semelhantes aos que se retiram do mundo em circunstâncias mais favoráveis. Emanuel Swedenborg diz que há espíritos muito ignorantes que acabam sendo atraídos, quando a intenção é evocar outros. Isso pode ocorrer. Estamos inclinados a pensar que assim é, pois já presenciamos tentativas de imitação do sinal que sempre recebemos quando chamamos por um amigo. Quase todas as pessoas que evocam frequentemente algum espírito em particular recebem um sinal pelo qual esse espírito faz-se conhecer. Este sinal é diferente para cada espírito, e embora seja frequentemente tentado, nunca é imitado com perfeição. Não achamos que haja perigo de alguém ser enganado por espíritos ignorantes quando a pessoa se familiariza com essas comunicações. O som feito por um espírito ignorante é bem diferente dos demais. Enquanto o som feito por espíritos inteligentes é claro e vivo, o som feito por ignorantes é baixo e abafado como o bater da mão em um tapete. Estamos confiantes de que, com a devida cautela e atenção, indivíduos inteligentes e com retidão moral obterão respostas corretas. Muito depende da mente e da disposição das pessoas no momento de fazer as

perguntas, pois como todo o Universo sujeita-se por afinidades, é necessário mente pura, pensamentos harmoniosos e um questionador calmo para se obter comunicações de espíritos de alta ordem.

Onde há um grande número de pessoas fazendo perguntas, elas tendem a se confundir e as respostas poderão vir embaralhadas. Certa vez, enquanto recebíamos uma mensagem de um espírito que dizia ser William Willets, que, em vida, foi membro da Sociedade dos Amigos (Quakers), ocorreu a soletração de uma palavra incorreta em uma frase e questionamos por que isso acontecera. A explicação do espírito foi: "Naquele instante todos vocês estavam pensando em outra palavra". Isso era verdade, mas ainda não conseguimos assimilar o funcionamento desse efeito. O espírito fez, então, a seguinte analogia: "É semelhante ao que ocorre quando você está conversando com um amigo e ele está pensando e falando sobre outra coisa, e então você fica confuso". Pode-se afirmar que, quando os espíritos se comunicam conosco, eles sabem que não estão livres da influência daqueles com quem entram em contato. Também há uma grande diferença na capacidade das pessoas em obter respostas. Alguns recebem respostas amplas e corretas para perguntas investigativas, enquanto outros não conseguem obter ao menos uma única. Por que essa diferença? Não sabemos dizer. Em geral, quando uma pessoa novata é levada ao círculo de experimentação, os integrantes o querem logo convencido, e, no entanto, os espíritos como se quisessem mostrar ao estranho e a todos os

componentes do grupo que nada está sob nosso controle, nenhum ruído é obtido. Alguém que não passou nem uma hora investigando, e que obteve respostas erradas, afirmou: "Eles provaram ser espíritos mentirosos". Talvez este argumento tenha sua utilidade. Se fosse esse o caso, também ficaria provado que todos os homens são mentirosos, porque ocasionalmente encontram-se pessoas mentirosas. A lógica é tão boa em um caso quanto no outro. Para todos os que acham conveniente acusar essas manifestações do mal, colocaríamos essa questão. Você já conheceu uma resposta dada, uma mensagem ou uma frase soletrada que tendia ao mal? Não conhecemos ninguém que tenha sido capaz de responder afirmativamente. Alguns responderão que "os maus espíritos agem assim para enganar com mais eficácia". Bem, insistimos que, desde que ajam de acordo com a bondade e a verdade, não podem ser considerados maus, conforme supõem alguns fanáticos crentes no diabo. Particularmente, não encontramos nada de alarmante nos ensinamentos teológicos desses espíritos. Outros, que seguem a teologia geral de Andrew Jackson Davis e Emanuel Swedenborg, afirmam ter encontrado. Eles geralmente usam o termo esferas superiores e inferiores em vez de Céu e Inferno. Dizem que todas as pessoas passam para uma condição superior à que ocupavam aqui, ao deixarem o corpo. Milhares de perguntas foram feitas sobre esses pontos e foram respondidas pelos espíritos de Emanuel Swedenborg, Frederica Hauffe (a vidente de Prevorst), George Fox, Galeno, William E. Channing,

Nathaniel P. Rogers, John Wesley, Samuel Wesley, Percy Bysshe Shelley, Prof. David P. Page e muitos outros. Talvez seja bom observar que muitas vezes quando esses espíritos estão se comunicando, o alfabeto é solicitado pelo sinal convencional de cinco ruídos em sucessão rápida, e algum dos nomes mencionados, ou outro, é soletrado indicando aquele espírito que deseja se comunicar. Muitas vezes, é um nome que ninguém do círculo tinha pensado. Eles geralmente passam mensagens úteis e interessantes. A seguir são apresentadas perguntas frequentes, e apresentamos as respostas conforme foram transmitidas. Poderíamos preencher todo um volume com perguntas e respostas.

Pergunta. Qual é a sua missão no mundo?

Resposta. Fazer o bem. Chegará o tempo em que nos comunicaremos universalmente.

P. Que benefício trará para a humanidade?

R. Podemos revelar verdades ao mundo – e os homens se tornarão mais harmoniosos e mais bem preparados para as esferas superiores. (ponto doutrinário: podemos revelar, e não; revelaremos verdades ao mundo; a revelação de verdades pelos espíritos superiores fica na dependência do trabalho dos encarnados. Nesse sentido, a contribuição de Kardec é ímpar.)

P. Eles podem emitir sons para todas as pessoas?

R. Não. Mas chegará o momento em que isto será possível.

P. Existe algum estado peculiar do corpo que facilita a comunicação com algumas pessoas do que outras?

(ponto doutrinário: AK reconhecerá que a faculdade mediúnica é orgânica.)

R. Sim.

Este é um relato breve dos pontos de vista teológicos recolhidos a partir dessa fonte. Tentamos dar o testemunho que possuímos, tocando a questão do bem e do mal, da verdade e da falsidade. Não pedimos a ninguém que veja isso como infalível, pelas razões anteriormente apontadas. Investigue com cuidado e, se você aprender mais sobre a origem desses sons do que nós, permita que o mundo se beneficie disso.

CAPÍTULO 9

Exibição de força física – movimentação de objetos – tocando instrumentos musicais

Chegamos agora a uma parte do assunto que, provavelmente, é ainda mais difícil de acreditar, e que tem merecido investigações ainda mais minuciosas do que tudo que narramos até aqui. Nós mesmos, quando presenciamos a primeira classe das manifestações denominada “ruídos misteriosos”, estávamos longe de admiti-los como verdadeiros. A princípio, também classificamos os relatos sobre movimentos de objetos como totalmente improváveis. Mas o destino nos reservava sermos convencidos por provas positivas. Se fatos contundentes não convencem a massa daqueles que não se deixam convencer facilmente, então somente a verdadeira filosofia de tais ocorrências, sendo descoberta e apresentada ao mundo, o fará. Esperamos que seja esse o caso.

Os fatos nos levam a admitir que existe um poder e uma vontade produzindo esses fenômenos – algo bastante evidente para todos aqueles que tiveram oportunidades adequadas de investigar o assunto. Nós, na presença de outras pessoas, testemunhamos várias vezes o movimento de mesas, cadeiras e outros objetos, com total ausência de um agente visível a movê-los. Não acreditamos que eles tenham sido movidos sem uma causa efetiva. Trata-se simplesmente de que o poder

que os movia permanecia intangível e imperceptível à nossa visão; convencemo-nos de que nenhuma pessoa ou maquinário produzia tais fenômenos. O movimento de objetos, assim como os ruídos, não era exclusivo de nenhuma sala ou casa em particular, mas apareciam em várias localidades. Nós os vivenciamos em nosso próprio lar quando duas ou três pessoas estavam presentes, além de nossos familiares, em momentos totalmente inesperados. Seria o auge do absurdo supor que nos sentaríamos com o objetivo de enganar a nós mesmos.

A seguir, trechos do jornal de propriedade de E. W. Capron. Os fenômenos registrados ocorreram na presença de várias testemunhas que estão dispostas a testemunhar os fatos se forem solicitadas. As ocorrências tiveram lugar na cidade de Auburn, condado de Cayuga, neste estado de Nova York.

"Tarde de quarta-feira, 20 de junho de 1849. Nenhuma das seis pessoas presentes pertence à família Fox. Os ruídos foram ouvidos em grande quantidade. Uma mesa moveu-se no chão sem que ninguém a estivesse tocando – moveu-se por cerca de meio metro e retornou, repetindo esse deslocamento em várias direções. Atendendo ao nosso pedido, a mesa (que era muito leve) foi mantida de tal forma fixada sobre o chão, que foi necessária toda a força de um homem para tirá-la dessa posição. Também seguramos a mesma mesa em um de seus lados, e solicitamos que, se possível, ela fosse afastada de nós; isto foi feito, e nossa força não foi suficiente para segurá-la. Tendo sido retirada a luz da sala (as pessoas estavam colocadas em posições

onde cada um saberia se algum outro se movesse), a toalha foi retirada da mesa e tendo sido muito corretamente dobrada, foi colocada debaixo dela, junto a um canto. Um chapéu que estava sobre a mesa encontrava-se agora virado sobre essa toalha, de uma maneira que quase o escondia de vista. A mesa foi então levantada do chão de um lado, e lá ficou de pé, embora tenhamos usado uma força considerável tentando empurrá-la para baixo.”

“Enquanto a mesa esteve naquela posição, ao colocarmos nossas mãos sobre ela sentíamos vibrações semelhantes ao que se dá sob a ação de uma bateria galvânica. As testemunhas presentes neste momento foram a Srta. Mary M. Bennett, H. D. Barron, Sra. Mary Miller, Srta. Amanda Hoskins, Sra. Sarah A. Tamlin e E. W. Capron.”

Esse efeito elétrico parece estar presente em quase todos os fenômenos espirituais. Toda batida que se ouve vem acompanhada de uma vibração, diferindo de modo peculiar da vibração produzida pela percussão de uma pancada. Não é incomum verem-se flashes elétricos brilhantes dentro de um quarto escuro, projetados na parede e em outros lugares. Nós, e todos os que se reúnem para conhecer essas demonstrações, com frequência sentimos uma mão ser colocada sobre nosso braço ou ombro, ou a cabeça, estando todos os participantes de mãos dadas. O contato dessas mãos invisíveis causa uma sensação de eletricidade onde toca e elas se mostram algo frias e úmidas, semelhantes às

mãos de pessoas que estão em sono magnético. Em geral, não se sente todo o peso dessa mão, e também não há a sensação de que seja constituída com todos os ossos, e seu toque é macio e suave, embora a nosso pedido altere sua temperatura e textura. Em um instante sua temperatura pode variar entre o frio do gelo ou o calor normal de uma mão de carne. Tão perfeitamente natural é o toque quando um braço é agarrado por essa mão invisível ou toca de qualquer outra maneira, que, embora todas as mãos na sala estejam enlaçadas, você tem dificuldade de acreditar que seja outra que não alguma delas. Mas a prova é positiva e as testemunhas são numerosas. Além disso, basta solicitar uma mudança do calor natural dessa mão para a frieza do gelo, e você sentirá a mudança sem a mão ser removida. É completamente alheio ao ser humano alterar a temperatura de seu corpo instantaneamente. Pegamos uma bíblia de bolso comum e a colocamos sobre a mesa com a alça colocada no laço, e aguardamos em silêncio o resultado. Logo ouvimos as folhas começarem a virar, e finalmente foi soletrado pelo alfabeto a frase – acenda a luz, e encontramos o livro aberto em algum capítulo específico, que geralmente tinha algo a dizer sobre espíritos. Também livros foram abertos e a poesia solicitada foi mostrada. Os fenômenos de puxar as roupas, manusear, mover mesas etc. geralmente ocorrem quando nenhum dos presentes estava pensando nesse tipo de ocorrência, de modo que suas vontades não influenciam na questão.

Continuamos nosso extrato do jornal:

“Domingo à noite, 7 de outubro de 1849. Esta noite fomos instruídos a irmos para o hall de entrada da residência e levamos o violão. O violão foi então tocado por mãos invisíveis e tão requintadamente, que a música parecia provir de algum lugar distante e não do instrumento próximo a nós. Assim, várias músicas foram tocadas, sem que nenhuma pessoa na sala soubesse tocar violão ou qualquer outro instrumento. As testemunhas presentes essa noite na casa do Sr. Bennet: Sra. Burton Straight, de Troy, condado de Bradford, Pensilvânia; Sra. G. B. Bennet, R. M. C. Capron, E. W. Capron e H. D. Barron, de Auburn.”

“Terça-feira à noite, 16 de outubro. Várias pessoas presentes à casa de D. C. Miller. Fomos orientados a levar o violão para uma sala escura e ele seria tocado. Assim o fizemos, e muitas músicas foram tocadas, e em posições tais que sabíamos que ninguém poderia fazê-lo se houvesse alguém presente que soubesse tocar violão, mas não havia ninguém que pudesse tocar uma melodia na luz, muito menos no escuro – o dono não estava presente. Além disso, os espíritos passaram a mudar livros e outros artigos para outras posições dentro da sala: uma caixa de papel foi retirada da mesa, e seu conteúdo foi colocado nas mãos de H. D. Barron; um pequeno livro foi retirado da mesma mesa e colocado nas mãos do mesmo indivíduo. Um dos integrantes do círculo tocou acidentalmente na mão de outro, que perguntou: “Alguém tocou minha mão? O alfabeto foi soletrado e a resposta foi: “Sim, Eliab tocou sua mão”. Portanto, como se pode depreender, mesmo estando

escuro, os espíritos presentes podem informar se alguém tentar um truque. Foi dito a uma das pessoas presentes para retirar seu anel. Ela o retirou e segurou-o em sua mão, e o anel sumiu. Ficamos aguardando até que veio a instrução para que trouxéssemos uma vela acesa. Verificamos que o anel se encontrava em uma faixa de cabelo presa ao avental da pessoa que estava sentada ao lado dela de tal maneira que elas estavam atadas. Isso ocorreu enquanto todos estávamos de mãos dadas, sem a menor possibilidade de que pudesse ter sido uma ação de algum dos indivíduos presentes. As testemunhas foram Justin Sturtevant e esposa, H. N. Thompson, Sra. Mary Miller, Eliab W. Capron, Sra. R. M. C. Capron, Sra. S. A. Tamlin, Amanda Hoskins, Henry D. Barron e Catharine Fox.”

“Sábado à noite, 20 de outubro. Esta noite havíamos pedido algumas manifestações diferentes, e nosso pedido foi atendido. Ouvimos os sons na parede, no escritório, na mesa, no chão e em outros lugares, tão barulhentos quanto o golpe de um martelo. A mesa foi movida ao redor da sala, e virada e voltada para trás. Dois homens do círculo se comprometeram a segurar uma cadeira, enquanto, a pedido deles, um espírito a movia, e apesar de terem exercido todas as suas forças, não conseguiam manter a cadeira em suas mãos. Quando nos sentamos junto à mesa, o pano foi removido para uma parte diferente da sala. Havia uma pessoa presente esta noite que suspeitava que o violão havia sido tocado algumas noites antes por algumas das pessoas presentes. A primeira mensagem que

recebemos esta noite, após soletrarmos o alfabeto, foi "A. acha que R. e C. tocaram o violão" (Amanda acha que Rebecca e Catharine tocaram o violão). Desse modo, os seus pensamentos foram expostos diante do grupo. Em outra reunião, outra pessoa foi informada de algo semelhante, embora ela nunca tivesse expressado a ninguém sobre o que estava pensando. Testemunham as mesmas pessoas da noite anterior, com exceção do Sr. e a Sra. Sturtevant."

Em uma dessas noites, foi expresso o desejo de que pudéssemos ver a mão que nos tocava. Ao olhar para a janela (a lua brilhando através da cortina), vimos uma mão que se movia de um lado para o outro perto do topo. Não vimos outras formas além da mão. Presenciamos ocorrências desse gênero e muitos afirmaram ver com nitidez, nessas formas, as características de pessoas que eles conheciam e que estavam mortas há vários anos. Em uma ocasião em que várias pessoas estavam presentes, o violão foi retirado das mãos de quem o segurava, foi afinado e começou a tocar enquanto passeava pela sala volitando acima de suas cabeças. Por quase duas horas continuou tocando e acompanhando o canto; e o violão era levado por esse poder invisível para diferentes partes da sala enquanto tocava. As testemunhas presentes neste momento foram James H. Bostwick – policial judicial, Srta. Sarah Bostwick, Sra. F. Smith, Henry D. Barron e R. M. C. Capron.

No dia 12 de janeiro de 1850, Henry D. Barron esteve na casa da família Fox em Rochester, em companhia de James J. Owen, morador daquela cidade. Estavam presentes a Sra. Fox e suas três filhas: Kate, Maggie e Leah. Sentadas em volta de uma mesa no período da tarde, a mesa moveu-se cerca de 30 centímetros. Elas então afastaram-se da mesa, e ela moveu-se para frente e para trás, várias vezes, quando ninguém a estava tocando. O Sr. Owen, em seguida, passou a escrever uma série de números sem que ninguém mais pudesse vê-los, e quando chegou àquele que correspondia à sua idade, souou um ruído na sala. Owen observou que não havia ninguém presente que soubesse sua idade e que a resposta estava correta. Da mesma maneira, a pedido de uma das pessoas presentes, foi informado corretamente o número correspondente aos meses do ano. No dia seguinte, (domingo), Henry D. Barron retornou à casa da família Fox. Depois que várias perguntas foram respondidas, um espírito, que alegou ser seu parente, produziu o sinal solicitando a soletração do alfabeto e enviou a seguinte frase: "Henry, quando você chegar em casa, Rebecca lhe entregará uma carta escrita por _____". Na manhã da terça-feira seguinte, ele chegou a Auburn e Rebecca lhe entregou uma carta, vinda de Nova York pelo correio e que chegou em Auburn no domingo – mesmo dia que ele ouviu a comunicação em Rochester. As pessoas presentes no momento em que essa comunicação espiritual foi recebida foram a Sra. Fox, sua filha Kate,

Isaac Post, de Rochester, e a pessoa a quem a comunicação foi dirigida.

Em uma ocasião, o violão foi tocado por músicos invisíveis e fomos instruídos a cantar várias músicas, entre as quais "Get off the Track" e "The Old Granite State". O violão tocou acompanhando as vozes. Enquanto o violão tocava, o Dr. H. Robinson passou a mão por todo o comprimento das cordas várias vezes a uma distância de não mais que uma polegada, para verificar se era possível que alguma das pessoas presentes estivesse tentando enganar, mas não encontrou nada e os sons não sofreram diferença enquanto ele manteve sua mão próxima das cordas. As seguintes pessoas estavam presentes nesta ocasião: Dr. H. Robinson, M. A. Hilman, Sr. Henry Sheffield, de Westerly, estado de Rhode Island, C. V. Woodward, Mary M. Bennet, Eliab W. Capron, E. A. Warden, P. M., Sra. E.A. Warden, Lucie Gardner, Rebecca M.C. Capron e G. S. Willson.

Não muito tempo depois, o juiz Hascall, da cidade de Le Roy, relatou a E. W. Capron um fato que testemunhou enquanto examinava esses fenômenos na companhia do Sr. Summerfield, advogado da mesma cidade, que ilustra o poder que os invisíveis têm para produzir os sons que quiserem. O juiz Hascall afirmou que eles estavam na casa da família Fox e foram para um quarto escuro. Eles solicitaram que os sons fossem feitos por uma banda de música marcial. Atendendo a seu pedido os sons foram produzidos de modo exuberante. O toque dos instrumentos e a batida pesada

do tambor-base foram perfeitamente imitados, junto com o som do rugido de canhões distantes. Tanto o Sr. Summerfield quanto o juiz Hascall concordaram em dizer que a coisa toda foi imitada com tanta veracidade e exatidão que o efeito produzido nos ouvintes foi do caráter mais emocionante.

No mês de novembro passado (1849), Elias J. Doty, da cidade de Macedônia, no condado de Wayne, estava na casa do Sr. Pierpont, de Rochester, onde duas irmãs que ouvem esses sons estavam presentes. Eles viram a mesa se mexer e ocorreram outras manifestações enquanto as jovens estavam na sala. Depois que eles deixaram a sala, o Sr. Doty estava de pé a alguns metros da mesa e outra pessoa ainda mais longe dela, quando afirmou que seria uma prova ainda maior para ele, se a mesa se movesse sem a presença das jovens. Enquanto ele dizia isso, a mesa afastou-se um pouco, havendo três pessoas na sala que não estavam próximas da mesa. Declaramos isso sob a autoridade do Sr. Doty, e ninguém que o conheça precisa de outras evidências.

Se pretendêssemos divulgar todos os casos dessas manifestações inusitadas que foram testemunhadas por nós e por outros, preencheríamos um grande volume. Mas aqui registramos o suficiente para convencer qualquer um que tem um mínimo de confiança na honestidade e inteligência de seus semelhantes, de que há algo que vale a pena o esforço de investigar. Se parecer estranho e irresponsável para a maioria das pessoas – se lhes parecer mesmo impossível – podemos

simpatizar com elas, pois nós mesmos, tendo lido todos esses relatos, de qualquer fonte, antiga ou moderna, sob qualquer nome, sagrado ou profano, inicialmente pensáramos que não seriam mais do que voos da imaginação, ou um conto para assustar os crédulos e animar os entusiasmados. Mas se a história de abrir portas da prisão para certas pessoas sem o auxílio de mãos humanas parecia impossível (Atos dos Apóstolos, 12: 1-19), não mais o é, pois estamos informados de fenômenos semelhantes ocorridos recentemente, nos quais houve o desbloqueio de portas e gavetas sem meios visíveis. Se o relato da caligrafia por uma grande mão nas paredes do rei Belsazar (Daniel 5:1-8) foi visto como "resultado simbólico de um sonho", agora podemos considerá-lo provável, pois sabemos que as paredes de nosso próprio quarto dão testemunho positivo do fato, de que isso não é impossível nos dias de hoje. Temos visto muitas coisas que podem ser explicadas por princípios naturais, que antes nos pareciam um "milagre" e, portanto, pensava-se que não tinham fundamento na natureza, pois fomos ensinados a acreditar e registros desse tipo caracterizariam milagres contrários às leis naturais. Nós acreditamos que o que agora foi chamado de milagre está perfeitamente de acordo com as leis da natureza e que, em algum dia no futuro – e talvez não estejamos muito distantes disso –, serão conhecidas pelo homem. Muitas coisas nos parecem razoáveis, das quais atualmente não podemos conhecer os fatos tangíveis; e muitos fatos são apresentados cujas causas talvez não possamos

discernir devido à limitação do nosso conhecimento atual. Mas continuaremos na busca e no esforço de fazer a nossa parte para encontrar as causas de todos os novos fenômenos espirituais que possam se apresentar, sem medo de ridicularizar as pessoas de entendimento simples e nem desprezar os sábios e instruídos.

APÊNDICE DOS AUTORES

Caro leitor, nós lhe trouxemos declarações completas de fatos extensamente apurados. Apresentamos ocorrências, não apenas no âmbito de nossa própria experiência, mas também vivenciados por outras pessoas. Nós lhe demos seus nomes e localidades, e o testemunho deles pode ser facilmente obtido se forem exigidas ainda mais provas. Os fatos são suficientemente abundantes para convencer qualquer um de que se trata de algo digno de ser investigado. As manifestações espirituais têm sido exaustivamente examinadas por milhares de pessoas e, no entanto, nenhum conluio ficou comprovado. Estamos ansiosos para que o mundo conheça toda a verdade em relação a esse assunto. Se é apenas um fenômeno ocasional que está destinado a desaparecer dentro de poucos anos, ainda assim vale a pena ser investigado. Se é realmente algo que está destinado a se espalhar ainda mais, como os fatos parecem indicar – se, na verdade, é um influxo do mundo dos espíritos para o nosso, será produtor que nos familiarizemos com as leis que governam e regulam essa comunicação. Quanto à estranheza dos fatos que relatamos, especialmente no que se refere a fenômenos de movimentação de objetos e ocorrências de instrumentos que tocam sem contato humano, afirmamos que tais ocorrências não podem ser consideradas mais estranhas do que seria para alguém

não familiarizado com as leis da natureza e a ação da atmosfera ou do vento, ver o chapéu de um homem subir de sua cabeça e girar no ar ou na rua. Essa pessoa dificilmente acreditaria na história, se lhe fosse contada, passando a exigir uma "prova positiva" sobre o assunto. Como muitas outras coisas novas e aparentemente estranhas, tais ocorrências foram repetidamente "contestadas", "desmentidas", "negadas" e "encerradas" por editoriais de jornais e redatores de cartas. Ainda, assim, os fenômenos subsistem e, longe de serem bloqueados, espalham-se continuamente. A quantidade de pessoas que presenciam essas manifestações é relativamente maior do que aquelas que estão dispostas a reconhecê-las publicamente, tão grande é o escárnio levantado sobre aqueles que, sentindo-se no dever de investigar, permitem ao mundo saber o que está acontecendo. Temos encontrado imensa oposição, como se estivéssemos fazendo esforços para construir uma nova seita, quando estamos, em realidade, apontando fatos para o mundo julgar, e reconhecemos ter permissão para denunciar que entre as tentativas de calúnia por meio de falsidades maliciosas a proeminência é dos jornais religiosos, e à frente destes está o Northern Christian Advocate desta cidade de Auburn, que declara que nenhuma pessoa respeitável investigou esses assuntos, embora o editor saiba muito bem que a igreja da qual ele é membro não tem escrúpulos em pedir regularmente apoio a muitos desses mesmos indivíduos. Os inquiridores honestos têm o nosso respeito. A manifestação dos espíritos é uma questão sobre a qual

uma pessoa tem o direito de ser cética. Mas os homens não têm o direito nem razão para acusar seus colegas investigadores que tiveram mais sorte do que eles mesmos. Muitos dizem: "Bem, se eu pudesse ir até lá, eu descobriria do que se trata". Nós mesmos estivemos nessa posição antes, pois nos considerávamos perfeitamente capazes de investigar porque pensávamos que a causa seria prosaica e fácil de descobrir. Foi necessário um ano inteiro de tentativas para nos convenceremos de que a amplitude de nosso conhecimento sobre as leis naturais não era suficiente para encontrar a causa de modo imediato.

A seguinte pergunta é feita com frequência: "Por que esses espíritos exigem um quarto escuro sempre que tocam instrumentos musicais?" Os espíritos respondem a isso dizendo que assumem uma forma tangível para produzir esses fenômenos, e que nós não estamos ainda preparados para esse tipo de experiências.

Outra pergunta que nos dirigem, é: "Como eles conseguem dar à mão espiritual uma forma visível e que conseguimos tocar?" Os espíritos responderam que eles usam os elementos constituintes da atmosfera para compor essa forma – o que está de acordo com as opiniões de Frederica Hauffe (a vidente de Prevorst). Conforme menciona a obra de Justinus Kerner, a vidente "achava que não era simples ato de superstição abrir a janela no momento da partida da alma, mas que isto lhe facilitava o desprendimento. Cria que havia no ar certos

princípios de que os espíritos se serviam para tornarem-se visíveis e se fazerem ouvir pelos mortais”.

Também notamos outra característica em conexão com esses fenômenos. É o fato de que quando essas manifestações estão prestes a ocorrer, os espíritos sempre nos direcionam para irmos para a parte da casa onde não se esteja cozinhando algo ao fogo nem onde haja uma lareira acesa, preferindo recintos onde há menos calor na sala. Noticiamos aqui este fato sem, contudo, pretendermos dar-lhe a explicação. Somente somos obrigados a ficar no escuro quando a demonstração a ser feita exige uma forma tangível.

Não nos solicitam que sigamos para o escuro quando se trate de mover uma mesa ou outro objeto, e isso é produzido à luz de velas ou à luz do dia e ninguém que esteja familiarizado com o assunto insiste que a escuridão é necessária para que estes fenômenos se produzam.

Perguntam-nos também, como um espírito pode produzir um som audível? Os espíritos dizem que produzem os sons por efeito de sua vontade. Perguntamos a vários clarividentes sobre esse assunto e todos concordam com isso. Colocamos um garoto, que não tinha conhecimento do assunto, e nem é dotado por um notável grau de inteligência, em um sono magnético, e voltamos sua atenção para essa questão. Ele era clarividente e disse que podia ver quem fazia os sons.

Perguntamos a ele como as pessoas pareciam.

Sua resposta foi: “Eles parecem leves – exatamente como gaze; eu posso ver através deles”.

Bem, como eles fazem os ruídos; eles batem na madeira? “Não! Eles não batem de jeito nenhum”. Depois de olhar atentamente por um tempo, ele disse: “Eles desejam que seja feito, e é feito onde eles quiserem”.

Essa era sua maneira simples de dizer o que outros clarividentes afirmaram em linguagem um pouco mais elaborada, mas que equivale à mesma coisa. Esta é a melhor explicação que conseguimos obter até agora. No caso das manifestações com o filho do Sr. Harmon Beaver, da cidade de Sennett, como informado anteriormente, o garoto nunca esteve sob a influência do magnetismo. É admitido que até agora os sons se mostram mais abundantes na presença de clarividentes. Tendo sido feita aos espíritos a pergunta sobre por que isso acontece, recebemos a seguinte resposta: “Os clarividentes entram em contato com os espíritos por meio do fluido nervoso ou elétrico, que é o meio de comunicação entre as pessoas daqui e os espíritos”.

Afirma-se que os espíritos – especialmente os bons, não se envolveriam na “pequena tarefa” de fazer ruídos ou mover objetos a pedido das pessoas. Deve-se lembrar que, no mundo, raciocinamos sensorialmente, e não há como a maioria das pessoas se convencer se não for pelos seus sentidos. Não é ilógico supor que os bons espíritos condescendam em nos dar todas as evidências necessárias sempre que eles tiverem um meio pelo qual possam agir de acordo com alguma lei conhecida por eles, mas ainda não descoberta por nós.

É algo que ocorre de forma quase que absoluta, o fato de que, quando uma pessoa começa a investigar esses assuntos, ela deseja presenciar o tipo de fenômeno que proporcione o maior testemunho possível aos seus sentidos. As pessoas em geral não querem se sentar e fazer perguntas a uma pessoa que não conheçam. Elas começam suspeitando e exigem todas as demonstrações possíveis que confirmem não estarem sendo enganadas. Se suas perguntas são respondidas corretamente, questionam: "Eles podem fazer isso, podem fazer aquilo? Eu quero ver isso e aquilo e depois poderei me convencer". Quando é feito o que pedem, ainda exigem outras formas de provas, e concentram suas energias na tentativa de encontrar algo novo para solicitarem.

Melhor será deixarmos que aqueles que estiverem muito alarmados com os "troles" – como jocosamente apelidam as manifestações, empreendam eles mesmos a investigação, e veremos se não incorrerão no mesmo lapso de fazer requisições descabidas. Se o fizerem, provavelmente pedirão informações sobre alguma especulação de ouro ou outra coisa que lhes seja mais importante do que saber se o homem existe ou não além desta vida visível. Em muitas ocasiões ficamos desgostosos com as perguntas feitas com o objetivo único de especular a respeito de modos de ganhar dinheiro. Não é de se admirar que as respostas obtidas sejam dadas em muitos casos "conforme a sua atitude idólatra" (Ezequiel, 14:4). Aqueles que são sinceros em seus interesses, formem um pequeno grupo, sentem-se

juntos e, sendo todos sinceros e verdadeiros, veremos se não obterão respostas em que possam confiar. Esse resultado tem sido obtido por todos aqueles que fizeram experiências com esse propósito. Nosso objetivo aqui é falar sobre fatos. Nós apenas nos desviamos incidentalmente para especular ou explicar. Afirmamos que os fenômenos relatados são produzidos por espíritos, porque achamos que essa é a conclusão mais razoável que podemos chegar no estágio atual do assunto. Se os sons e outras manifestações cessassem imediatamente, a prova permaneceria a mesma, a menos que uma prova positiva de algum outro meio fosse estabelecida como sendo a sua causa. Mesmo que outra fosse a causa dos ruídos misteriosos, movimentos de objetos e tantos outros fenômenos aqui relatados, sabemos que nossos fatos são bem atestados e que nossas declarações dos efeitos são verdadeiras e a única possibilidade de erro, se houvesse estaria na causa. Continuaremos a fazer esforços honestos para descobrir se existe outra causa além daquela a que atribuímos às manifestações e ficaremos satisfeitos em adquirir mais conhecimento sobre o assunto e colocá-lo diante do mundo como qualquer outro assunto, mesmo que refute nossa teoria atual. Desde a compilação do corpo deste trabalho, recebemos várias cartas e alguns artigos contendo testemunhos adicionais sobre o assunto, que damos ao leitor neste apêndice. A carta a seguir é do juiz Hascall, de Le Roy, que fazia parte de uma das comissões de investigação no Corinthian Hall, em Rochester, e que aproveitou o ensejo de investigar

desde aquela época, e cuja honestidade e poderes para uma investigação séria não serão colocados em questão por aqueles que têm algum conhecimento de sua pessoa. Ele é amplamente conhecido como um homem eminente em sua profissão e um cidadão honesto e sincero.

Le Roy, 13 de fevereiro de 1850.

Sr. E. W. Capron,

Prezado Senhor: – Acabo de receber seu telegrama, no qual você me solicita o envio de uma declaração do que testemunhei sobre o fenômeno conhecido como “Ruídos Misteriosos”. Eu ficaria satisfeito em lhe dar um relato particular de minhas investigações, tentando descobrir a causa dos sons misteriosos, mas outros compromissos impedem, e você deve se contentar com um esboço muito imperfeito deles. Como as comissões nomeadas em reuniões públicas no Corinthian Hall, para investigar e, se possível, detectar e denunciar o que muitos acreditavam ser algum artifício engenhoso cuja causa não conseguiram determinar, e as pessoas que deveriam estar presentes quando as batidas foram produzidas, desafiaram uma investigação mais aprofundada, resolvi investigar esse problema peculiar e resolvê-lo, se possível. Por conseguinte, acompanhado de várias pessoas, visitei a casa em que essas jovens damas residem, e nossos esforços foram coroados de êxito, com maior sucesso do que os da comissão cujas investigações em outros locais haviam precedido às

nossas. O experimento foi repetido nas residências de várias famílias altamente respeitáveis da cidade de Rochester, para as quais as moças foram convidadas, e as mesmas batidas foram ouvidas em diferentes lugares da sala ao mesmo tempo, e nossos esforços para detectar a causa nesses lugares foram infrutíferos. Entre as pessoas que se encontravam comigo nesta ocasião, estavam membros da profissão médica e jurídica, homens de ciência e habilidade, e falhamos inteiramente em descobrir alguma maquinaria ou qualquer meio pelo qual os sons e outras manifestações foram produzidas. Não entrarei em detalhes de tudo que testemunhei durante as investigações antes mencionadas, mas afirmo de modo geral que testemunhei muitos dos fenômenos mencionados no livreto que você publicou em Auburn. Atenciosamente, A.P. HASCALL.

Recebemos de John S. Clackner, de Ravenna, estado de Ohio, a autorização para publicar a seguinte declaração:

"A seu pedido, descreverei alguns fatos relacionados aos misteriosos agentes, ou seja, espíritos, no oeste do estado de Nova York, com os quais estive em contato antes da minha mudança para o estado de Ohio, e coloco-me à disposição para testemunhar, se for necessário. Omitirei dados e horários para atender à brevidade. Gostaria que se entendesse que nas comunicações que relatarei, quando afirmo que o espírito respondeu, fizeram-no por meio de ruídos

durante as várias recitações do alfabeto. Assim, evitarei a repetição inútil das palavras ruído e alfabeto.”

“Minha primeira entrevista com a Sra. Leah Fox-Fish ocorreu em sua residência na Rua Prospect, em Rochester. Éramos totalmente estranhos um ao outro, e ela supunha que eu fosse nascido nos Estados Unidos. Depois que entrei na casa, tive a expectativa de que o espírito lhe revelasse o meu nome, conforme eu soubera de outros casos. Ela disse: ‘Espírito, você conhece esse cavalheiro?’ Imediatamente após soarem ruídos fortes, ela perguntou: ‘Você dirá o nome dele pelo alfabeto?’ E uma batida confirmou. Durante a soletração do alfabeto ela era interrompida pelo espírito que, fazendo ruídos, apontava o meu nome após algumas das letras pronunciadas por ela. Ela reuniu as letras e falou o meu nome completo, o que foi confirmado pelo autor dos ruídos, com uma sequência de sons. Em uma noite posterior, não me foi permitido ficar na sala, e o espírito alegou, como motivo, o fato de que de eu haver cumprido meu compromisso de trazer comigo minha esposa e meu filho. A Sra. Leah pediu que me fosse permitido ficar; mas os ruídos soletraram: ‘Ele deve ir embora’. Depois de mais alguns questionamentos, ela me disse: ‘Você pode ficar’. Imediatamente soletrou o alfabeto e comunicaram: ‘Leah agiu errado, ele deve ir embora’. Pude conversar com os espíritos em outras ocasiões, mas nessa noite, eles resistiram e não disseram nada para mim. Certa vez, o espírito solicitou o uso do alfabeto e comunicou para uma das pessoas presentes: ‘M. fez errado’. M. respondeu: ‘Ora, espírito,

o que eu fiz de errado?’ ao que ele respondeu: ‘Você disse que eu enviei mensagem hoje de manhã, na casa de Andrew; mas eu apenas bati um único ruído’.”

“Em outra ocasião, as jovens vieram até minha casa para obter conselhos sobre assuntos domésticos. Propus a convocação de uma reunião de amigos para tratarmos sobre o assunto. Elas consentiram com a condição de que os espíritos concordassem com isso. Elas fizeram várias tentativas para obter uma resposta dos espíritos em vários lugares daquela sala, todas malsucedidas, até que, na parte da frente da casa, eles atenderam e contaram-lhes o motivo do silêncio em outros lugares: ‘É que havia bisbilhoteiros e inimigos atentos e poderiam ouvir. Isso encorajou nosso projeto e o sucesso corooou nossos esforços’.”

“Certa vez, foi solicitado que um homem presente estabelecesse os números de uma conta de somar e não deixasse ninguém ver as parcelas, a não ser ele mesmo. Ele, então, apontou para algumas figuras com números e pediu ao espírito para produzir as batidas equivalentes ao valor da soma, o que foi feito corretamente, da mesma forma que os alunos fazem na escola, mas com a diferença que deliberadamente o espírito fez soar todas as parcelas que constituíam a conta e também o total da adição. Eu poderia relatar muitas circunstâncias alusivas a esse agente misterioso. Mas uma apenas bastará, pois teve uma influência moral direta sobre um jovem que apresentei à família na qual esses sons são ouvidos. Seu nome não foi mencionado até o momento

em que o espírito desejou se comunicar com ele. Ele perguntou quem queria se comunicar com ele? A surpreendente resposta foi: 'George Fox, o primeiro Quaker'. O jovem perguntou: 'O que você quer me falar?' E o Espírito respondeu: 'Quero que você fique depois que os outros forem embora'. Passaram a noite obtendo respostas e batendo o tempo com a música, até que o espírito soletrou 'concluído'. Quando as pessoas começaram a se dispersar, cada um desejando boa noite ao espírito, o jovem estava indo embora, quando o espírito bateu no alfabeto e soletrou seu nome e lhe disse para ficar. O jovem perguntou quem queria se comunicar com ele, e ele respondeu: 'Sua irmã'. Ela estava morta há dezoito anos. Ele mostrou-se surpreso e perguntou se ela lhe responderia perguntas mentais, e foi respondido que sim. Ele fez muitas perguntas, pois podíamos ouvir os *raps* em resposta; mas não sabíamos a natureza de suas perguntas. A partir desse momento, uma mudança manifesta foi perceptível em sua conduta, se o mesmo continua, eu sou incapaz de dizer.

Respeitosamente,

John S. Clackner.

Ravenna, condado de Portage, estado de Ohio, 13 de fevereiro de 1850."

O próximo artigo, extraímos do jornal Excelsior, da cidade de Nova York, datado de 2 de fevereiro de 1850. O escritor é William H. McDonald, um dos editores e proprietários do Excelsior, que esteve em Rochester.

“Na semana passada, ao notarmos um trabalho recentemente impresso em Auburn tratando dos ruídos ouvidos em Rochester e em outros lugares, supostamente produzidos por agentes sobrenaturais, procedemos a algumas considerações sobre esses sons misteriosos. Embora, desde então, tenhamos recebido alguma luz perfeitamente confiável e autêntica sobre o assunto, após uma releitura do artigo, concluímos que não discordamos de nenhuma das opiniões ali expressas. Entendemos que ainda persistem dúvidas impedindo uma conclusão plena sobre as comunicações serem de origem espiritual. Mas muitas circunstâncias ligadas às ocorrências são inexplicáveis e maravilhosas, no âmbito das verificações a que tivemos acesso.”

“Desde nossa última edição, vimos no New York Tribune, copiado do noticioso Adrian Watch Tower, um extrato de uma carta escrita por Langworthy, que afirma serem falsas as manifestações e lança calúnias sobre o caráter das jovens damas, em cuja presença, as batidas são ouvidas, e fatos que estão em nossa posse nos levam a noticiar ao menos uma defesa parcial a favor delas. O Sr. Langworthy diz, por exemplo, que ‘em todas as ocasiões, sem uma única exceção, essas batidas surgiam sempre sob seus pés, e qualquer declaração que você possa ter lido, incompatível com isso, é uma descrição mentirosa’. Não obstante essa afirmação grave, o próprio indivíduo, na sentença seguinte, incorre em falsidade, pois ele diz: ‘Quando as batidas ocorriam nas portas e mesas, que causam uma vibração perceptível à mão, essas jovens sempre estavam

tocando nesses objetos com as costas de seus vestidos'. Uma contradição em termos, como qualquer um pode ver. Ele afirma: 'Tentamos outras experiências de natureza diferente, tudo isso fixou em nossa mente conclusivamente a convicção de que esse ruído misterioso estava intimamente conectado com as pessoas dessas jovens e colocamos as jovens em uma mesa e colocando nossas mãos sobre seus pés, as batidas pararam. Amarrando os vestidos em torno dos tornozelos com cordas, também não ocorreram ruídos. Mas éramos homens e, como as meninas estavam assustadas, não prosseguimos nessas investigações'."

"Ora, o testemunho de centenas de cidadãos respeitáveis mostra que tal declaração não tem nenhum valor. Na realidade, as jovens foram despidas por uma comissão de senhoras; outras vezes foram colocadas sobre travesseiros, os vestidos amarrados ao redor dos pés, e foram isoladas eletricamente ao serem colocadas sobre uma placa de vidro e ainda assim os ruídos foram ouvidos. Para prosseguir com o que soubemos sobre o assunto, deveremos apresentar tão confiável quanto às declarações do Sr. Langworthy, e mostrará ao público o outro lado da questão."

"Um dos proprietários deste jornal, durante uma viagem de negócios pela parte ocidental do estado de Nova York, passou por Rochester e, durante uma estada naquele de quatro dias nessa cidade, aproveitou a oportunidade e investigou a verdade dos relatórios que chegaram até ele em Nova York."

“Afirma-se que há muitas pessoas em cuja presença são ouvidos os ruídos, mas aqueles que atraíram a maior parte da atenção do público são as três filhas de um Sr. e Sra. Fox, pessoas respeitáveis, embora não ricas. A mãe e as filhas moram há alguns meses na cidade de Rochester, na rua Troupe, em um bairro perfeitamente respeitável, apesar da infame insinuação de Langworthy, que afirma ao contrário. A irmã mais velha, a Sra. Fish, é uma viúva e há muito tempo contribui em grande parte para o apoio de suas irmãs mais novas ensinando música. A segunda irmã tem cerca de dezesseis anos de idade, de nome Margaretta, e a caçula, Catharine, tem quatorze anos. Por desejo de uma dessas irmãs, as batidas são ouvidas.”

“Os sons variam desde um som metálico bem nítido até um som metálico abafado, semelhante a um ruído que se produzisse com os nós dos dedos em uma madeira coberta com um pano. Quando um único ruído é produzido, significa resposta afirmativa – o silêncio, em vez de dar consentimento, implica uma negativa. Quando é feita uma pergunta que não admite uma resposta com um simples sim ou não, a recitação do alfabeto é solicitada por um ruído específico. Para se escrever uma frase com letras, uma das senhoras começa a repetir o alfabeto e quando se menciona a letra desejada, o espírito faz soar um ruído. Dessa forma, embora, é claro, lentamente, longas frases são comunicadas.”

“No início desta semana, estando em Rochester, solicitamos e obtivemos uma entrevista com a Sra. Leah Fox e suas irmãs, durante as quais ouvimos as batidas. Antes das manifestações, fomos apresentados a dois senhores que haviam sido autorizados pelas damas a aliviá-las do incômodo constante resultante das multidões que cercavam a casa por motivos de curiosidade. Pretendíamos nos sentar à mesa e, após uma breve conversa sobre assuntos variados, um dos cavalheiros presentes perguntou à Sra. Leah Fox se os espíritos conversariam com o escritor. Nenhuma resposta. Foi perguntado, então, se os espíritos conversariam com os outros senhores na sala. Um ruído afirmativo foi ouvido. A Sra. Leah Fox perguntou então se os espíritos mostrariam de que maneira eles geralmente manifestavam sua presença e inteligência. Imediatamente uma série de batidas foi ouvida, com sons diferentes, leves e pesados, agora sobre a mesa diante de nós e novamente no chão, e em várias e distantes partes da sala. Foram feitas várias perguntas a respeito pelos senhores presentes, que foram respondidas corretamente. Antes de partir, solicitou-se à causa das batidas que respondesse perguntas sobre nós mesmos, e responderam sem erro a algumas perguntas, afirmando que eles se comunicariam mais livremente conosco em uma futura entrevista. Em seguida, nos despedimos e retornamos ao hotel.”

“Na manhã e na noite do dia seguinte, voltamos a visitá-las. De manhã, em uma sala muito iluminada, muitas perguntas eram feitas a nosso respeito e

respondidas corretamente, sem um momento de hesitação. É impossível que as respostas corretas para essas perguntas possam ser conhecidas por qualquer pessoa presente, por métodos comuns de obtenção de informações. Entre as questões estavam a idade de nós mesmos e da esposa, o número de filhos vivos e mortos, a idade, a saúde, as cartas que esperávamos, nosso sucesso nos negócios etc. – todas essas perguntas relacionadas ao passado, com uma exceção, e foram respondidas com perfeita correção. Uma mesa colocada na sala moveu-se sem nenhum agente visível (deve-se lembrar que era durante o dia e o apartamento estava bem iluminado) e apesar de todos os nossos esforços para mantê-la imóvel. Outras pessoas presentes disseram que receberam respostas corretas para interrogatórios relacionados a eles.”

“À noite, perguntas semelhantes foram feitas e respondidas. A pedido das irmãs, a mesa foi novamente movida para trás e para frente. A pedido de uma pessoa presente, as irmãs se levantaram a uma certa distância e a mesa foi movida contra elas com força suficiente para empurrar as três contra a parede. Duas velas acesas estavam sobre a mesa durante seu movimento. Também foi levantada do chão e, apesar de não ser pesada, foi, com um pedido feito para esse efeito, mantida no chão com tanta força que exigiu muito esforço para elevarmos uma extremidade dela.”

“Nas entrevistas realizadas com elas nos dois dias seguintes, muitas perguntas foram respondidas,

relacionadas a muitos outros senhores em nossa presença, e em todos os casos afirmaram terem sido respondidas corretamente. Em uma ocasião, sons próprios de carpintaria foram ouvidos aparentemente saindo da parede e da mesa. Serrar, aplainar, bater com um martelo foram perfeitamente imitados. Não mencionaríamos isso, sabendo que o ventriloquismo, muitas vezes, alcançou tais feitos, não fosse que, ao colocar a mão sobre a mesa, as vibrações do ruído pudessem ser perceptivelmente sentidos. Em outro momento, pegamos a mesa e, deixando uma perna descansar no chão, levantamos o canto oposto e a seguramos com as duas mãos, com a máxima força e, apesar de colocar a perna da mesa entre os joelhos, não impedia que vibrasse. Todos os incidentes no esboço escasso acima que vimos e ouvimos, e evitamos relacionar muitos outros, tanto por falta de espaço quanto porque podem ser explicados por princípios conhecidos. Também evitamos narrar muitas circunstâncias, mais surpreendentes, que estavam relacionadas a todos nós, em perfeita boa-fé, por pessoas críveis e respeitáveis, porque não éramos testemunhas oculares e auditivas das ocorrências. Em algum número futuro de nosso jornal poderemos voltar a atenção para este assunto novamente. Nessas declarações, tomamos o cuidado de não exagerar – não fazer representações de boatos. Como observado anteriormente, não fazemos nenhum esforço para apresentar uma solução para essas curiosas ocorrências,

deixando nossos leitores formarem suas próprias opiniões.”

“Desde que escrevemos o texto acima, vemos que o Sunday Times dá a seus leitores um resumo da carta caluniosa de Langworthy, com a conclusão superficial de que o documento encerra todo o assunto. Nossos leitores podem julgar se a estimativa está correta. Aproveitaremos uma ocasião futura para aludirmos novamente a este assunto.”

O jornal Rochester Daily Magnet publicou em 26 de fevereiro de 1850 um artigo sobre essa matéria. Ao apresentar o assunto ao público, o editor afirma:

“A questão é digna de investigação. Os senhores cujos nomes estão ligados às surpreendentes declarações não costumam se envolver em truques ou imposições, e os experimentos realizados são dignos dessa credibilidade que deveria seja dada a todas as novas doutrinas bem autenticadas. Leia-as com calma e com imparcialidade.”

“Aos Srs. Jervis, Willets, Jones e outros:

Senhores: – Como somos obrigados por uma autoridade que pensamos não termos o direito de desconsiderar, de tornar públicas as comunicações extraordinárias recentemente testemunhadas em minha residência, torna-se necessário noticiar a você e por você ao público, os fatos que deram origem à primeira

entrevista, na última sexta-feira. A novidade do assunto e o estado de espírito do público são tais, que me sinto estimulado a fazer isso, não apenas corretamente, mas o mais minuciosamente possível. As circunstâncias me colocaram em condições de testemunhar aquelas notáveis comunicações chamadas de 'Ruídos Misteriosos', desde que surgiram em Rochester no verão de 1848. Após os testes mais severos, sob uma variedade de circunstâncias e em vários lugares, por cerca de um ano, evidências incontestáveis dirigidas a meus sentidos reformularam meu ceticismo, e me convenceram totalmente de que não são produzidos por agentes humanos. E como eles professam emanar de inteligências invisíveis denominadas espíritos, eu não me permiti a liberdade de atribuí-las a qualquer outra fonte, pelo menos até que alguma outra origem pudesse ser detectada. Na esperança de obter mais alguma luz sobre o assunto misterioso, propus a um membro da minha família, suscetível à influência magnética, ser colocado em um estado de clarividência e ver o que poderia ser apresentado em relação a ele. Ela condescendeu e, para esse fim, foi magnetizada na noite do dia 12, e sem a presença de outras pessoas. As perguntas e respostas foram as seguintes:

Perg. Você vê alguma coisa?

Resp. Eu vejo uma pessoa que eu não conheço. Ele não é possessivo na aparência, mas é muito elevado em sua posição, em uma atitude de reflexão, e está ocupado.

P. O que ele está fazendo?

R. Ele está preparando o trabalho para você.

P. Qual é a natureza do trabalho?

R. Ele está estabelecendo uma linha de comunicação.

P. Pergunte a ele: 'É possível obter comunicações entre dois pontos distantes por meio dessas batidas?'

R. 'Com certeza', diz ele.

P. Você pode saber quem é esse estranho?

R. Benjamin (e depois de uma pausa) Franklin.

P. Você pediria que ele lhe dê algum sinal pelo qual possamos saber que é realmente Benjamin Franklin?"

"Após um silêncio de um ou dois minutos, um choque violento em sua pessoa me induziu apressadamente a perguntar:

P. Qual é o problema – você está despertando da magnetização?

R. Não, você queria um sinal, e eu disse a ele que se fosse o Dr. Franklin, poderia me eletrificar, e ele o fez.

P. Isso te machucou?

R. Não. Sinto-me melhor – minha cabeça está mais clara – posso ver com mais clareza.

P. Pergunte a ele onde poderíamos testar as comunicações simultâneas entre dois pontos distantes.

R. Ele diz: 'Em sua própria casa'.

P. Podemos colaborar de alguma forma?

R. Ele diz: 'chame duas daquelas jovens em torno de quem há tanta agitação em sua cidade, coloque-as em partes extremas de duas salas e você (ou seja, ela mesma) será colocada no mesmo estado em que você está agora, e eu vou me comunicar com você'.

P. Quem mais pode estar presente?

R. Sr. Jervis, e alguns outros que se familiarizaram com esse assunto.

P. Ele vai nos dizer quando devemos nos reunir?

R. Ele diz: 'Consulte a conveniência dos interessados e eu serei informado a respeito'.

P. Há mais instruções a serem dadas neste momento?

R. Esse é o fim da conversação."

"De acordo com o acima exposto, a entrevista na sexta-feira dia 15 foi convocada, você e outras pessoas notificadas, e a presença das duas jovens, Margaretta e Catharine Fox, para as quais, por motivos de prudência, os fatos mencionados acima e suas preliminares foram omitidos.

Respeitosamente,
N. DRAPER."

"De acordo com a notificação, conforme indicado acima, nós, abaixo-assinados, estivemos na casa do Sr. Draper na sexta-feira, 15 de novembro, por volta das 4 horas da tarde. Solicitamos instruções e fomos respondidos pelo alfabeto: 'Draper deve ser magnetizado'. Através das batidas, as duas jovens foram orientadas a se retirar para outro quarto. As instruções indicavam que o Sr. Jervis, a Sra. Fox e Catharine Fox fossem colocados em uma sala ao lado oposto da casa, e para o Sr. Jervis, fazer anotações. Margaretta Fox deveria ficar com o grupo na sala, e o Sr. Draper faria anotações. Isso foi feito. Os sons foram ouvidos nas duas salas, pelos dois grupos, exatamente semelhantes

aos sons que normalmente ocorrem no escritório do telégrafo.”

“Pergunta ao clarividente: o que significa esse ruído, diferente de qualquer outro som ouvido antes?

Resposta: Ele está testando as baterias.”

“O sinal para o alfabeto foi ouvido e, ao soletrarem as letras, foi transcrito: ‘Ela deve ser desmagnetizada em dez minutos’. Um relógio foi colocado sobre a mesa, depois de anotar a hora e encoberto, e a pergunta foi feita, se poderíamos ter um sinal sonoro na hora exata, e foi respondido afirmativamente. No momento preciso ouviu-se um sinal. Foi feita a pergunta: ‘Quem deve desmagnetizá-la?’ mas imediatamente ela foi despertada com um aparente choque elétrico.”

“Nesse momento havia muita interrupção por pessoas que entravam nos dois quartos. Foi solicitado mais instruções ao espírito, e a resposta foi por alfabeto: ‘As coisas não estão como eu instruí, portanto vocês não podem prosseguir neste momento’. Deveria haver apenas quatro pessoas em cada quarto. O Sr. Jervis e seus acompanhantes entraram na sala, e suas anotações eram as seguintes: ‘As coisas não estão como eu instruí, portanto vocês não podem prosseguir neste momento’.

P: Podemos ter outra oportunidade?

R: Se eu definir a hora e o nome dos acompanhantes, não haverá falhas.

P. A nomeação pode ser feita agora? A resposta foi afirmativa.”

“As seguintes pessoas foram nomeadas pelo alfabeto: Sr. Jervis, Sr. Jones, Sr. Drapes, Sr. Willets, Sra. Jervis, Sra. Draper, Sra. Brown, Sra. Fox, Margaretta Fox e Catharine Fox.

P. Podemos saber a hora?

R. Próxima quarta-feira 16 horas.

P. O lugar?

R. Aqui.”

“No dia marcado, 20 de fevereiro (de 1850), as pessoas mencionadas acima se reuniram; alguns acompanhantes estavam atrasados e, assim que fomos autorizados a iniciar, foi feita esta pergunta:

P. Quais são as instruções de Benjamin Franklin?

R. Rápido, magnetize primeiro a Sra. Draper.”

“Feito isso, ela imediatamente disse: Ele diz que estamos atrasados, mas ele nos perdoará desta vez; não aceitará atrasos da próxima vez.”

“O grupo foi dividido em dois: Sr. Jervis, Sr. Jones, Sra. Fox, Sra. Brown e Catharine Fox em um aposento reformado, com duas portas fechadas entre eles. A Sra. Draper, a Sra. Jervis, o Sr. Draper, o Sr. Willets e Margaretta Fox permaneceram na sala. Sons extraordinariamente altos eram ouvidos em cada sala por qualquer grupo, como antes, parecendo os sons do telégrafo. Eles eram tão incomuns que a srta. Fox ficou alarmada e disse: 'O que tudo isso significa?' A Sra.

Draper, enquanto seu rosto mostrava quanto estava animada, respondeu: 'Ele está experimentando as baterias'. Logo houve o sinal para o alfabeto e a seguinte comunicação foi escrita para o grupo da sala: 'Agora estou pronto, meus amigos. Haverá grandes mudanças no século XIX. Coisas que agora parecem obscuras e misteriosas para vocês serão esclarecidas diante de sua vista. Mistérios serão revelados. O mundo será iluminado. Eu assino meu nome Benjamin Franklin. Não entrem no outro quarto'."

"Depois de esperar alguns minutos, o Sr. Jervis entrou na sala, dizendo que era orientado pelos sons que vinham e compararam as notas. Eles leem da seguinte maneira:

P. Estamos bem?

R. Afirmativamente, sinal para alfabeto, e o seguinte foi escrito. 'Haverá grandes mudanças no século XIX. Coisas que agora parecem sombrias e misteriosas para você serão esclarecidas diante de sua vista. Mistérios serão revelados. O mundo será iluminado, assino meu nome Benjamin Franklin. Entre na sala e compare as anotações', o Sr. Jervis retornou a seu grupo e, tendo o alfabeto escrito, 'agora todos entrem na sala'. As notas foram então comparadas na presença de todo o grupo.

P. Há mais alguma coisa do doutor Franklin?

R. Acho que testei o suficiente para este dia.

P. Não será melhor manter esse assunto em sigilo?

R. Não, eles devem ser publicados.

P. Em que papel?

R. No Democrata ou no Magnet.

P. Quem deve prepará-lo para publicação?

R. George Willets.”

“A hora e o local foram designados para o mesmo grupo reunir-se novamente com outras duas pessoas. Assinamos nossos nomes como testemunhas dos fatos relatados. Se o nosso testemunho não é credível, acuse e rejeite-o. Mas se é admissível, entregue-o ao público – juiz e jurados – e informe-os de que não reivindicamos nenhum interesse além do seu veredito. Reverendo Asahel Jervis, Nathaniel Draper, Edward Jones, George Willets, Rachel Draper, Mary Jervis, Mary Brown, Margaret Fox.

Rochester, 23 de fevereiro de 1850.”

Além dos nomes mencionados ao longo de nosso livro, inserimos os seguintes, os quais testemunharam esses fenômenos. Nós não os consultamos para conhecer suas opiniões, deixando que eles a formulem se necessário.

AUBURN

Caleb Hopping, Philip W. Miller, James Congden, B. Sheldon, Calvin Whitwood, D. D. T. Benedict, G. W. Hyatt, E. H. Baxter, Thurlow W. Brown – Editor do jornal Cayuga Chief, William Woodward – advogado, Charles Coventry, Lansingh Briggs – médico, Rev. John M. Austin, B. F. Hall – advogado, T. Y. How Jr. – advogado, Rev. W. Ayrault, Jay L. Doty, EM Newcomb, J. Wesley Smith, Charles D. Tallman, John C. Ivison, juiz J. P.

Hulbert – advogado, Henry A. Hawes, H. H. Bostwick, David Barr, John Dodge.

ROCHESTER

John E. Robinson, A. Reynolds, H. L. Winants – Editor do jornal Daily Magnet, John W. Hurn, Isaac Butts, E. .. A. Marsh, Frederick Douglass – Editor da North Star, F. Rew, Schuyler Moses, Thomas Emerson, Rev. H. W. Lee, E.B. Elwood, Dr. H. Halsted, Justice Moore – Chefe de Polícia, A. S. Clackner, Henry Bush, R. G. Murry, Benjamin Fish, G. W. Clarke, T.B. Andrews.

VÁRIAS LOCALIDADES

Edward Wheeler e família, Miles S. Griswold, de Fleming. Vincent Kenyon, J. Bispo Partelo, Alfred Hawk, E. D. Stoddard, Rev. Orrin Abbott, C. M. Abbott, de Kellgsville. Sr. e Sra. Orrin Hatch, de Skaneateles. E. B. Decker e família, Sr. e Sra. L. N. Fowler, Professor Silas Jones, de Nova York. Sra. Dr. Backus, de Brooklyn. Richard Mott, Sra. F. Otis, C. Van Anden, de Buffalo. David W. Wyatt, de Troy. H. R. Park, de Scott. Rev. Theophilus Fisk, James Sellers Jr., Rev. C. Chauncey Burr, de Filadélfia, estado da Pensilvânia, Oliver Johnson – editor do jornal Bugle Antiescravagista Bugle, de Salem, estado de Ohio. John S. Mott, de Battle Creek, estado de Michigan. Professor H. E. V. R. Lewis, de Tecumseh, estado de Michigan. James B. Cooper, de Adamsville, estado de Michigan. Edward F. Underhill, de Saint Louis, estado do Missouri. James Johonnot, editor do jornal Literary Union, R. S. Corning – advogado, Dr. H. Joslin, Eli Link,

de Siracuse. Milton Arnold, de Scipio. Dr. I. Grant, Cortland. Diácono O. Hale e família; de Greece, C. W. Clapp, Sra. CG Hamblin, James Sawyer, de Port Byron. Thomas McClintock e família, George Prior, S. W. Lundy, Dr. Reuben Eves, de Waterloo. Dr. S. Carpenter, de Macedônia. William C. Cooper, de Williamson. Albert S. Gould, de Ithaca. George W. Eggleston, de São Francisco, estado da Califórnia. J. C. Baker. Rev. Benjamin Phillips, de Salina.

ADENDO DO TRADUTOR

Alinharemos pontos doutrinários do Espiritismo junto às variadas temáticas presentes no prefácio e nos capítulos da obra História das comunicações espirituais no estado de Nova York. Antes, porém, vamos trazer informes sobre os autores da obra.

Traços biográficos de E. W. Capron

Desde jovem, Eliab Wilkinson Capron (1820-1892) tornou-se um comentarista político e editor de jornais, engajado nas justas causas de seu tempo. Aos 20 anos de idade, seus escritos sobre questões políticas já estavam presentes nos jornais abolicionistas The Liberator (Boston), The National Anti-Slavery Standard (Nova York), The North Star (Rochester), e The National Era (Washington), tornando-o uma figura conhecida regionalmente na década de 1840.

Capron mostrou que somente permaneceria vinculado a grupos de reformadores que se mantivessem fieis aos princípios que defendessem. Assim é que, aos 24 anos de idade, demonstrando grande independência e seriedade no seu modo de pensar e agir, desfilou-se da comunidade Hicksite Quaker da cidade de Farmington, no condado de Ontario, estado de Nova York, insatisfeito com a atitude passiva dessa instituição frente à escravidão dos negros. Desde 1827 a dissidência deflagrada pelo dirigente

Quaker Elias Hicks fizera surgir um novo ramo ligado à extremada defesa do abolicionismo, entre outras questões. Mas em 1830, com a morte de seu líder, o ramo Hicksite esmoreceu nesse propósito. Em sua carta de desfiliação, Capron escreveu: "Vocês se curvam ao sentimento perverso e corrupto que despreza o negro por uma questão de casta, e estão levantando sua voz contra aqueles que imploram por sua libertação, negligenciando aliar-se aos que estão trabalhando pacífica e ardorosamente para efetivar sua emancipação".

Capron alegou que os membros da Sociedade de Reuniões Mensais dos Quakers de Farmington fizeram muito pouco para resistir ao envolvimento econômico e político que favorecia a manutenção da escravidão, além de proibirem, no âmbito de suas reuniões, discussões sobre questões filosóficas e sociais e os males da escravidão.

Capron casou-se com a ativista Rebecca May Cooper em 1844. Foram morar na cidade de Rochester em 1845, transferindo-se posteriormente para a cidade de Auburn, acompanhando de perto o surgimento de grupos privados de experimentação mediúcnica a partir de 1849.

E. W. Capron foi editor dos jornais: The Auburn National Reformer (Auburn) e The Republican (Nova York), The Providence Mirror (Providence), The Chester County Times (West Chester), The Daily Bulletin e The Weekly Epitomist, (Williamsport) e The Herald and Democrat (Oneonta).

Capron foi também um ativista pelo sufrágio das mulheres, registrando sua presença no encontro anual de 1870, na cidade da Filadélfia, organizado pela Associação da Pensilvânia pelo Voto Feminino, cooperando intensamente como editor na divulgação de artigos a favor dessa causa. (1)

Traços biográficos de H. D. Barron

Nascido em 10 de abril de 1833, o jovem Henry Danforth Barron contava não mais que 16 anos de idade quando colaborou com Capron na produção do livro dedicado à historicidade das ocorrências dos ruídos espirituais no estado de Nova York, cuja primeira edição foi publicada em janeiro de 1850. A essa época, o jovem Barron figurava como tesoureiro da Sociedade Frenológica de Auburn, na qual Capron e sua esposa Rebecca May Cooper Capron eram o secretário e a bibliotecária. (2)

Em 1851, Capron e Barron mudam-se para a cidade de Waukesha, no recém-formado estado do Wisconsin, após associarem-se a Edward H. Baxter e D. D. T. Benedict na aquisição do jornal Waukesha Democrat. (3)

Mantendo-se apoiado profissionalmente como carteiro e tipógrafo, Barron concluiu o curso de Direito e é admitido na Ordem dos Advogados em 1857. Em 1862 foi eleito deputado para a Assembleia Legislativa de Wisconsin, e de 1869 a 1871 trabalhou como auditor do Tesouro dos Estados Unidos. Foi também senador e juiz distrital. (5)

Apesar de ter participado de importantes momentos na fase dos primeiros dois anos do estabelecimento do Espiritualismo, não há, além de sua colaboração na edição desta obra, nenhum registro de outras atuações de Barron relacionados a esta causa. (4)

Comentários ao Prefácio

O termo espiritualismo

Os autores referem-se ao termo espiritualismo para designar os esforços dos pioneiros na defesa da existência da vida após a morte, sustentada nas experiências de comunicabilidade dos espíritos nos círculos privados de experimentação.

O termo spiritualism fez sua incursão no idioma inglês no ano de 1749, conforme revela o dicionário Merriam-Webster, em sua versão online. O livro *Man a Machine*, tradução de original em francês publicada no ano de 1749, registra a presença dessa palavra: "I reduce to two the systems of philosophy which deal with man's soul. The first and older system is materialism; the second is spiritualism", que assim se pode ler em português: "Os sistemas filosóficos concernentes à alma humana estão reduzidos a apenas dois. O primeiro e mais antigo é o sistema do materialismo; o segundo é o espiritualismo". (5)

Personalidades flageladas pela intolerância religiosa

Os autores citam os personagens que, devido às suas posições religiosas renovadoras, foram perseguidos e mortos em diferentes períodos históricos.

Yan Huss (1369-1415), queimado na fogueira

Célebre pensador e sacerdote da Boêmia (depois Tchecoslováquia e atualmente República Tcheca), foi um dos principais precursores da reforma protestante. Denunciou a falsidade do alto clero católico e criticou a prática da venda das indulgências, caracterizada pelo perdão de pecados aos fiéis que adquiriam documentos específicos para esse fim. Excomungado em 1410, foi queimado vivo em 6 de julho de 1415. O leitor encontrará na narrativa histórica *Os Luminares Tchechos*, de autoria do Espírito John Wilmot Rochester, psicografada pela médium russa Wera Krijanowskaia, uma obra repleta de informações sobre esse importante personagem do período do despertar da consciência nacional tcheca. (6)

Jerônimo de Praga (1379-1416), queimado na fogueira

Principal discípulo de Yan Huss, foi perseguido por suas posições nacionalistas e por defender as teses de reforma da igreja católica. Foi queimado vivo em 30 de maio de 1416.

John Rogers (1500-1555), queimado na fogueira

Foi um dos tradutores da Bíblia, do grego para o inglês. Mudou-se da Inglaterra para a Alemanha, aprendeu o idioma alemão, estudou os escritos de

Martinho Lutero, desenvolveu profunda amizade com Felipe Melanchton, um dos mais importantes líderes da reforma protestante, e assumiu posição de superintendente de uma igreja luterana. Retornando à Inglaterra em 1548, passou a exortar o povo a se precaver contra o papado católico e a idolatria, tendo sido por isso preso e morto na fogueira em 1555. (7)

Os Quakers, mortos em Massachusetts

Constituem um movimento religioso criado por George Fox (1624-1691), rebelado contra a igreja anglicana. Estabelecidos como um novo credo na Inglaterra, dispensaram-se do emprego de liturgias e pregações, baseando-se unicamente na demorada manutenção do silêncio nas reuniões, aguardando sempre a fala eventual dos crentes inspirados. Tais exercitações provocaram descontroladas manifestações mediúnicas em muitos dos integrantes da Sociedade dos Amigos, e em 1652 o apelido jocoso quaker, equivalente a treme-treme em português, tornou-se a denominação popular atribuída aos seus profitentes.

Os quakers não pegavam em armas e, portanto, não aceitavam guerrear pelo seu país. Devido à sua doutrina libertária, foram perseguidos e mortos pela Igreja Anglicana e pelo Imperador Carlos II, deflagrando-se uma longa migração para as colônias inglesas do Novo Mundo, as quais, posteriormente, formarão os Estados Unidos da América. Na cidade de Boston, pertencente à colônia teocrática e puritana de Massachusetts, os quakers ingleses William Robinson e

Marmaduke Stevenson foram enforcados em 1659, por retornarem após terem sido expulsos. No ano seguinte, uma mulher quaker, Mary Dyer foi enforcada nessa mesma cidade, por desafiar repetidamente a lei que baniu os quakers. (8)

Os Batistas, chicoteados em Massachusetts

Em 1651, Obadiah Holmes e dois amigos batistas fizeram uma viagem missionária para a cidade de Boston, e tendo realizado um serviço religioso na casa de um homem idoso, foram presos e considerados culpados por um tribunal. Amigos pagaram as multas dos dois amigos, mas Holmes recusou-se a que pagassem a sua multa. O magistrado sentenciou Obadiah Holmes a 30 chicotadas, uma para cada libra que ele devia. Holmes proclamou: "Eu bendigo a Deus, sou considerado digno de sofrer pelo nome de Jesus". Enquanto lhe eram aplicados os açoites, Holmes provocou um debate com um dos magistrados puritanos, e afirmou: "Devo sofrer pela Palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo". A surra recebida pelo líder batista foi transformada em uma causa internacional célebre após um batista seguir para a Inglaterra e publicar um livro no qual inseriu uma carta de Obadiah Holmes descrevendo suas chicotadas. (9)

Comentários ao Capítulo 1

A fundamentação teórica iniciada por Capron e Barron em 1850 é caracterizada pela objetividade das hipóteses iniciais, nascidas nas questões dirigidas aos

espíritos e nas respostas obtidas por meio de ruídos encadeados com a soletração do alfabeto.

Não ao sobrenatural

Os autores repudiam “as expressões baseadas na existência de algo sobrenatural” e advogam a importância de que outros estudiosos venham a contribuir para uma “explicação natural e completa dos vários fenômenos”. Capron publicará em 1855 sua segunda obra focada nos núcleos de experimentação e que abrange o período pioneiro desde 1848 até 1855, revelando o surgimento de um círculo privado na casa da família Benedict, o qual tendo por médium a Sra. Ann Benedict, somente admitia comunicações de espíritos que confirmassem a fé no segundo advento de Cristo, o que atraiu a presença de espíritos que se identificaram como Paulo Apóstolo e outros apóstolos, mártires cristãos e profetas do Antigo Testamento, e assumiram a denominação de Círculo de Auburn ou Movimento Apostólico de Auburn. Capron afirma que, além da ortografia do nome dos apóstolos apresentar-se errada, “as interpretações eram notáveis apenas por seus conteúdos fracos e pueris”, cujos escritos “foram orientados a serem publicados em grande número, e os membros do círculo foram informados que eles produziram uma grande convulsão no mundo teológico, teriam uma venda imensa e não representariam nenhum prejuízo pecuniário, mas um grande lucro para os editores; tudo isso se provou um erro, pois a teologia do mundo resistiu ao choque, as vendas foram muito

limitadas, os editores perderam quase todo o dinheiro investido e, finalmente, a publicação foi interrompida antes que o dízimo da obra, inicialmente distribuído, fosse totalmente cumprido.” Após o lançamento de sua segunda obra, não se encontram outros registros da atuação de Capron no movimento espiritualista até a data de seu desenlace em 1892. (10)

Na França, a partir de 1855, o prof. Rivail frequentará dois grupos de experimentação dos fenômenos do intercâmbio mediúnico, nascidos sob o influxo do modelo dos círculos espiritualistas norte-americanos exportados para a Europa. Empregando metodicamente e com regularidade à conversação com os espíritos, Kardec obtém as explicações aguardadas pelos espiritualistas, ao firmar a gênese das manifestações espirituais na existência do perispírito: “Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do envoltório fluídico que os reveste”. (12)

Comentários ao Capítulo 2

Moravam três filhas com o casal Fox?

Os autores noticiam uma síntese dos eventos inaugurais do movimento espiritualista. Tomando por base o livro primordial Ruídos misteriosos ouvidos na casa de John D. Fox em Hydesville, faremos uma pequena correção ao texto de Capron e Barron: não moravam três filhas com o casal Fox por ocasião das manifestações iniciadas em seu lar, em 31 de março de 1848. A declaração da Sra. Fox, primeira das vinte e

duas entrevistas colhidas por Ebenezer E. Lewis, informa a presença de duas filhas:

“A família dormia num único quarto e todos ouvimos o ruído. Algumas noites estávamos em quatro pessoas; outras vezes, em cinco. As minhas filhas, que dormiam na outra cama no mesmo quarto, ao ouvirem o ruído tentaram fazer um som parecido estalando os dedos. A minha filha mais nova de 12 anos resolveu fazer sons com as mãos. No mesmo instante que ela fazia um ruído, ora estalando os dedos, ora batendo palmas, acontecia uma repetição do ruído no quarto. Era sempre o mesmo tipo de pancadas, só que agora elas aconteciam repetindo o mesmo número de sons que minha filha mais nova fazia. Quando ela parava, o ruído também ficava em silêncio. Minha outra filha de 15 anos resolveu experimentar de brincadeira, e batendo palmas disse: Agora faça como eu faço – conte um, dois, três, quatro! Os sons que ela produziu foram repetidos pelos ruídos e tínhamos certeza de que alguém estava respondendo para ela, pois reproduzia todas as palmas que ela batia. Ela não tornou a fazer a experiência porque ficou muito assustada.” (19)

A neta do casal Fox

A quinta pessoa mencionada pela Sra. Fox pode ser sua neta Lizzie. Recorreremos ao livro autobiográfico de Leah Fox, que empreendera viagem, ao final do mês de abril de 1848, de Rochester a Hydesville, fazendo-se acompanhar de duas amigas, com o objetivo de ver de perto o que estava ocorrendo na casa de seus pais:

“Eu e as senhoras que me acompanhavam ficamos por cerca de duas semanas em Hydesville, quando concluímos em levar Katie e minha filha Lizzie em nosso retorno para Rochester, pois nossa mãe pensava que Katie era perseguida pelos ruídos e esperávamos que separando Maggie e Katie poderíamos acabar com as perturbações das batidas.” (20)

O fato de Lizzie, de 19 anos, não estar presente na noite de 31 de março, quando os fenômenos atraíram muitos vizinhos, pode significar que ela estava residindo com seu tio David Fox na antiga casa da família, localizada a quatro quilômetros do loteamento no qual residiam seus avós.

O criador do método do alfabeto

Sabemos que a sra. Margaret Fox iniciou as conversações com o espírito batedor, solicitando que ele produzisse um ruído para respostas afirmativas. Muitas das três centenas de pessoas que visitaram o lar da família Fox durante uma semana tiveram oportunidade de lançar perguntas ao visitante invisível que se comunicava por meio de batidas na madeira. Capron e Barron transcrevem da obra de Ebenezer E. Lewis, o momento em que William Duesler, um dos vizinhos dos Fox, estabelece um segundo procedimento para a conversação: a cada letra do alfabeto soletrada em voz alta, Duesler pergunta ao espírito do caixeiro-viajante: Esta é a inicial do seu nome? Ao chegar na letra C, obteve-se um forte ruído como resposta; reiniciada a soletração do alfabeto, solicitando agora informação da

letra inicial do sobrenome, ocorreu um ruído após a letra B: o espírito se chamava C. B. Ainda no mês de abril de 1848, Leah Fox, hospedada na casa de seu irmão durante a visita a seus familiares, presencia o momento em que David Fox emprega o procedimento de Duesler e obtém o nome completo do caixeiro-viajante: Charles B. Rosma, conforme será registrado pelo escritor Robert Dale Owen, que visitou a região rural em 1860 e manteve longas conversações com os Fox. (23)

Em junho de 1848, em Rochester, Leah Fox tem o seu lar assolado por distúrbios espirituais e solicita o apoio de amigos, entre eles Isaac Post, ao qual reporta ter presenciado o momento em que seu irmão obtém o nome do espírito batedor por meio do emprego do método da soletração do alfabeto. Isaac Post sugere que Leah faça uso desse procedimento na tentativa de descobrir o que os espíritos desejam. O bom resultado obtido leva à formação de um núcleo com reuniões semanais na casa do Sr. Post, e todos os demais círculos de experimentação que surgirão em Rochester e em outras cidades aprenderão a utilizar esse método. (21)

O primeiro círculo do Espiritualismo moderno

O casal Isaac Post e Amy Kirby Post convidou R. D. Jones e John E. Robinson para reuniões em seu lar e, com a presença da médium de ruídos Leah Fox, formou o primeiro círculo do Espiritualismo moderno em junho de 1848. A participação do casal Post em várias causas sociais como a abolição da escravidão e os direitos das mulheres motivou a preservação da sua

correspondência para a posteridade, o que inclui as mensagens trocadas sobre o tema do espiritualismo. Em carta dirigida à sua esposa Amy Kirby, datada de 10 de outubro de 1868, Isaac Post menciona o endereço em que o referido círculo de experimentações se reunia: "Quem poderia pensar, tanto tempo se passou desde nosso primeiro contato com os Ruídos de Rochester em nossa casa na Rua Sophia nº 36 – e agora os seus profíctes contam-se aos milhões". (24)

Comentários ao Capítulo 3

Os médiuns de efeitos físicos

A narrativa sobre as perturbações ocorridas na Inglaterra em 1716 aponta que as filhas do Sr. Wesley estavam dormindo, suavam e tinham tremores, efeitos comuns aos médiuns de efeitos físicos devido à perda de ectoplasma ou força vital. Uma descrição semelhante é relatada com relação ao servidor Robert Brown.

Allan Kardec classifica os médiuns convulsivos: "Ficam num estado de sobre-excitação quase febril. A mão e algumas vezes todo o corpo se lhes agitam num tremor que é impossível dominar. A causa primária desse fato está sem dúvida na organização, mas também depende muito da natureza dos espíritos que por eles se comunicam. Os bons e benévolos produzem sempre uma impressão suave e agradável; os maus, ao contrário, produzem-na penosa. É preciso que esses médiuns só raramente se sirvam de sua faculdade mediúnica, cujo uso frequente lhes poderia afetar o sistema nervoso". (13)

O aquecedor de metal

A narrativa de John Wesley faz alusão a um aquecedor de metal (warming pan) que começou a tremer. Trata-se de um aquecedor de cama, semelhante a uma frigideira moderna, que, retirado do forno à lenha, aquecia as camas no inverno. (25)

A oração de um coração sincero

Podemos encontrar na iniciativa de Nancy, um dos efeitos da oração feita com unção: orando ajoelhada na escada, pede e é atendida no sentido de que não seja importunada espiritualmente. O mesmo se dá com a mãe de John Wesley que, ao tomar conhecimento dos fatos dos ruídos perturbadores em seu lar, “orou fervorosamente pedindo para que não a importunasse no seu quarto quando estivesse dormindo – e nunca foi perturbada”.

Nesse sentido, instrui o Espírito Joanna de Ângelis, em obra espírita:

“Como não existem violências contra as Leis Universais, nem privilégios para uns indivíduos em detrimento de outros, quem ora e procura situar-se em equilíbrio direciona ondas mentais que alcançam as regiões felizes da espiritualidade, despertando amor e interesse dos guias espirituais, que acorrem pressurosos para auxiliá-lo.” (26)

Justino Kerner e a vidente de Prevorst

A médium Frederica Hauffe é mencionada em alguns capítulos da obra de Capron e Barron, e também no Apêndice. Para nos familiarizarmos com as ocorrências em torno da personagem conhecida como "a vidente de Prevorst", reproduzimos, a seguir, trecho de tese acadêmica sobre o espiritualismo, de autoria da Prof.^a Dr.^a Eliane Moura Silva:

"Uma das personagens mais conhecidas da primeira metade do século XIX foi a Vidente de Prevorst estudada em 1829 pelo Dr. Justinus Kerner. O nome desta visionária era Frederica Hauffe, nascida em 1801 perto da cidade de Lowenstein no Wurttemberg . Desde criança demonstrava uma extrema sensibilidade para a percepção de certos fenômenos e visões "sobrenaturais". Quando adulta, começou a sofrer de um mal estranho: febres, estados de inconsciência e de catalepsia, espasmos, delírios. Junto com estas fortes crises ela afirmava estar vendo pessoas mortas, conversava com elas e era assediada por um sem número de espíritos. Neste processo, seu estado de saúde agravou-se. Todos os tratamentos, fossem magnéticos, homeopáticos ou exorcismos espirituais, revelaram completa ineficácia. (Fonte e comentário constantes do texto original: Kerner, J. A Vidente de Prevorst, Matão, O Clarim, 1979, pp. 26-8. Este livro foi publicado em alemão, pela primeira vez, em 1829 com grande sucesso em seis edições sucessivas ao longo do século XIX. O Dr. Kerner e colaboradores publicaram periódicos até 1853. Ele tornou-se um médico e cientista de nomeada reputação.)

“Em começo de 1826, Dr. Kerner, médico-chefe em Weisberg foi chamado a atendê-la, sem sucesso. Os espasmos aumentavam, desinteria e suores noturnos a consumiam, o escorbuto já havia feito perder os dentes. Neste estado de fraqueza total, tornara-se insensível e indiferente a tudo e a todos e foi levada para tratamento na casa do próprio Dr. Kerner. As observações deste médico são muito expressivas:”

“Era sensível a quaisquer emanções fluídicas, do que não duvidamos, principalmente das provenientes de metais, plantas, homens ou animais. As substâncias imponderáveis, tanto quanto as diferentes cores do prisma produziam-lhe efeitos sensíveis. Sentia influências elétricas de que não temos a menor consciência. E o que é quase incrível, possuía a noção do sobrenatural ou o conhecimento por inspiração do que um homem houvesse escrito (....).”

“Muitos anos antes de ter sido confiada aos meus cuidados, a terra, o ar, tudo o que aí respira, sem excetuar a espécie humana, não existia para ela. Aspirava a muito mais do que alimentos, outra atmosfera que o planeta não podia lhe oferecer. Vivia quase em estado de espírito e já pertencia ao mundo dos espíritos. Fazia parte do Além e já estava meio morta.” (A Vidente de Prevorst, pp. 101-3.)

“Aos seus poderes proféticos, premonitórios acrescentavam-se contatos constantes com os mortos. A visão dos espíritos era acompanhada de diálogos, contatos, recados para os vivos sobre a existência espiritual e instruções ou preces para os mortos. A

vidente descrevia as dimensões do Além de onde vinham os espíritos e os efeitos dos contatos entre ambos:"

"Vi Espíritos, e sobretudo os obscuros, acolherem minhas palavras com unção, e se tornaram logo brilhantes, mas isto me enfraquecia. Os espíritos felizes me fortificavam e proporcionavam sensações inteiramente diversas dos outros."

"Notei que os espíritos felizes tinham tanta dificuldade em responder às questões relativas aos interesses terrenos quanto os maus em tratar das questões espirituais. Os primeiros não pertencem mais à Terra, os segundos não conhecem ainda o Céu (...)."

"Vêm a mim principalmente os espíritos de graus inferiores, da região média, que pertencem à nossa atmosfera; o termo região média é impróprio, seria melhor dizer – morada forçada. São os espíritos que aqui permanecem por atração do mundo ou ligação a ele, os que não acreditam em redenção ou ainda os que, no momento da morte, ficam perturbados por suas ocupações terrenas, as quais os impedem de voar para regiões superiores."

"Encontram-se nas regiões médias muitos espíritos não condenados, mas que ainda não podem ser colocados entre os santos. Os espíritos purificados ocupam os mais altos graus; os de grau inferior ainda estão expostos ao mal, o que não acontece nos graus superiores: aí gozam para sempre da felicidade celeste e da pureza dos santos." (A Vidente de Prevorst, pp. 105-6.).

“De acordo com a história da vidente, durante sua presença, produziam-se ruídos, objetos moviam-se, desapareciam ou apareciam, seu corpo e o de pessoas que estavam próximas flutuavam no ar ou na água. Os relatos de Frederica Hauffe revelam uma curiosa mistura de misticismo, cristianismo, crenças em poderes dos amuletos, dos números e dos elementos naturais.”

“Após a sua morte em 5 de agosto de 1829, o corpo da vidente passou por autópsia e o médico legista, Dr. Hoff, descreveu seu cérebro como perfeito e bem conformado, são e normalmente desenvolvido, sem doenças na medula espinhal ou nos nervos. O caso de Prevorst foi estudado por um outro médico, o Dr. Eschenmayer, professor de Filosofia e Medicina na universidade de Tübingen, que publicou, junto com Kerner, entre 1831 e 1834, cinco volumes intitulados de *Jornal de Prevorst além do trabalho "Mistérios da Vida Interior explicados pela história da Vidente de Prevorst"*, em 1830. O caso de Prevorst suscitou muitas investigações e publicações filosóficas sobre a vidente, as relações com o mundo dos espíritos e a vida magnética. (27)

Comentários ao Capítulo 4

Lei de causa e efeito

Os autores fundamentam suas convicções com raciocínios bastante lógicos, afirmando que “nada pode existir sem uma causa”; entendem também que a lei natural “deve ser um princípio a ser admitido quando se investiga esse assunto”. Na pessoa de E. W. Capron, a

doutrina do novo espiritualismo ensaiava alguns passos muito acertados na direção de uma compreensão filosófica das manifestações espirituais. Allan Kardec, estudando esses fenômenos em Paris, vai empregar a mesma base para suas interpretações: “Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”. (28)

Emanuel Swedenborg é citado

É recomendável indicar ao leitor, o opúsculo Swedenborg, uma análise crítica, de autoria de Hermínio Correa de Miranda, que nos oferece uma visão esclarecedora sobre os extensos escritos do vidente sueco. Autor de livros sobre regressão de memória, cristianismo, mediunidade e reencarnação, Hermínio analisa os conceitos precursores da fundamentação dos fenômenos mediúnicos divulgados por Swedenborg, e atribui a ele excessiva boa-fé e uma mediunidade eivada de um “componente anímico bem maior do que seria desejável”, como exemplifica a seguinte passagem dos escritos do vidente sueco:

“Quando eu estava em silêncio e em recolhimento, meu espírito como que ficava deslumbrado, em êxtase, e eu via claramente uma imagem à minha frente, que me falava e ditava o que eu deveria escrever. Por vezes, minha imaginação se misturava a isso.”

Hermínio assinala: “Em suma: Swedenborg dispunha de faculdades mediúnicas (vidência, audiência, psicografia), às quais se misturava forte componente anímico, como ele mesmo o admite, com toda clareza.

São estas, por conseguinte, as condições que presidiram à elaboração das doutrinas contidas nos volumosos escritos do vidente sueco". (29)

Comentários ao Capítulo 5

Vimos que A. H. Jervis exalta a preponderância do telégrafo de Deus sobre o telégrafo de Morse. Em 1838, Samuel Morse descobriu como converter impulsos elétricos em sinais gráficos, ensejando a transmissão de mensagens codificadas por um fio. A primeira linha telegráfica foi instalada em 1843, após aprovação de crédito do Congresso dos Estados Unidos, iniciando, assim a transmissão dos telegramas. O livro *O pequeno laboratório de Deus* nos permite reconhecer a presença divina nas descobertas científicas, pois seu autor, Hermínio Miranda apresenta um homem que, sendo filho de escravos, contrariou todos os prognósticos e dedicou-se soberbamente aos estudos, criou um laboratório onde conversava com Deus buscando compreender melhor flores, sementes e plantas, e alcançou o objetivo de ajudar seus semelhantes e revolucionar a botânica. (30)

A replicação do fenômeno motivada por conversações

Os autores informam que a deflagração de ruídos espirituais em novos locais ocorria após as pessoas conversarem distraidamente sobre o palpitante tema das manifestações, resultando nos efeitos de uma evocação provocada pelo acionamento da lei referida anteriormente na mesma obra (Capítulo 4): "os espíritos fora do corpo físico podem se comunicar com os

espíritos encarnados, pela infusão de seus pensamentos de acordo com as leis de simpatia espiritual”.

Todo tipo de conversação exerce atração irresistível sobre espíritos com gostos e tendências semelhantes, e Allan Kardec instrui para os cuidados referentes a tais situações:

“(…) que a tais evocações não se prestem, sob fundamento algum, se perceberem um fim de simples curiosidade.” (14)

O magnetismo e os magnetizadores

Termos derivados da palavra ‘magnetismo’ estão presentes nas falas de pessoas das mais diversas classes sociais em um total de 24 ocorrências neste livro, incluindo citações dos jornais Univercoelum e o Rochester Daily Magnet, numa clara demonstração de que o magnetismo provocado e a clarividência resultante dessa aplicação eram de conhecimento popular.

O desenvolvimento das experiências europeias de magnetismo animal aportou nos Estados Unidos por Charles Poyen, médico francês que para lá se transferiu no ano de 1834. Em 1836 iniciou um ciclo de palestras sobre o tema do mesmerismo, e que, efetuando demonstrações públicas fez escola e seus alunos colaboraram decisivamente para a disseminação das práticas magnéticas de cura nas cidades de Boston, Rhode Island, Nova Inglaterra e Nova York. (31)

Comentários ao Capítulo 6

O pioneiro escolhido pelos espíritos

Os autores informam que os espíritos responderam “às perguntas feitas pela pessoa que os espíritos escolheram para discursar ao público na abertura do evento”.

O livro autobiográfico de Ann Leah Underhill – uma das irmãs Fox – informa que essa pessoa foi E. W. Capron:

“Foi nessa ocasião que os espíritos abordaram novamente o assunto de uma investigação pública. Instruções foram dadas para que todo o assunto fosse tornado público. Em seguida, eles detalharam seu plano em uma longa comunicação. Eles nos disseram o que esperavam de nós: ‘Vocês têm um dever a cumprir. Queremos que tornem o assunto mais público’.”

“A isso, o Sr. Capron respondeu que nada além do maior ridículo seria lançado sobre todos os que se engajassem em tal empreendimento. A seguinte mensagem veio imediatamente em resposta: ‘Isso será muito melhor. Seu triunfo será muito maior’.”

“Disseram a Eliab Capron e a George Willets que queriam reuniões com o objetivo de divulgar ao público essa grande verdade, mas nossos amigos responderam que tinham famílias para sustentar e que era de todo inconveniente apresentar amplamente um assunto que os tornava tão decididamente impopulares perante a opinião pública reinante. Os espíritos então instruíram que deveríamos realizar reuniões em diferentes casas particulares, nas quais ocorreriam manifestações perante pessoas descrentes. Essas reuniões foram

realizadas nas residências dos Srs. Willets, Post, Granger e outros. (...)”

“Todo esse procedimento, conforme nos informaram, era para nos convencer de que eles poderiam bater com força suficiente para serem ouvidos em um salão público.” (22)

As exigências do público pagante

A apresentação pública no Corinthian Hall se estendeu de 14 a 17 de novembro de 1849, mas somente na primeira noite ocorreu a produção de ruídos perante o público, durante a palestra proferida por Eliab Capron, não sendo repetida nas três noites subsequentes, que se destinaram à apresentação de relatórios das comissões de investigação. Esta circunstância pode ter surpreendido o público presente, pois a publicação antecipada nos jornais locais não especificava a produção de ruídos apenas no dia inaugural:

“Maravilhoso fenômeno no Corinthian Hall, nesta quarta-feira, 14 de novembro – Os cidadãos de Rochester terão a oportunidade de ouvirem uma completa explicação sobre a natureza e a história dos ‘ruídos misteriosos’, que se supõe serem sobrenaturais, e que têm causado muita agitação nesta cidade e em outros lugares nos últimos dois anos. As instruções gerais dos procedimentos a serem trazidos ao público foram dadas por esses ‘misteriosos agentes’, que prometem oferecer ao público uma demonstração ao

vivo dos ruídos para provar que não são controlados por seres humanos. Espera-se que os cidadãos de Rochester aproveitem esta oportunidade de investigarem toda a questão, e vejam se aqueles que estão empenhados em apresentá-la ao público estão sendo enganados ou enganando, ou se realmente não são os responsáveis por estas manifestações verdadeiramente maravilhosas. Depois da palestra, um comitê de cinco pessoas deverá ser escolhido pela audiência com a tarefa de selecionar uma sala conveniente e respeitável para realizar no dia seguinte exames detalhados das manifestações e proceder à noite a leitura de um relatório conclusivo sobre a possibilidade de fraude. Venha e investigue!" (11)

Na noite do dia 15 de novembro deu-se a leitura do relatório da comissão de investigação, informando não ter verificado a ocorrência de fraude nos exames procedidos durante o dia. O público pagante protesta e elege mais duas comissões de investigação que apresentarão conclusões semelhantes nas noites dos dias 16 e 17 de novembro sem, contudo, receberem crédito. De qualquer modo, os pioneiros do espiritualismo alcançaram o sucesso pretendido, conseguindo que alguns jornais publicassem o relato de aprovação das três comissões.

O teste da placa de vidro

O teste realizado por um dos integrantes das comissões de investigação "colocando as senhoras de pé sobre uma placa de vidro" teve por objetivo eliminar,

com o material isolante, a possibilidade de que algum artefato produtor de corrente elétrica estivesse sendo empregado na produção dos ruídos.

A palavra médium no espiritualismo norte-americano

O dicionário Merriam-Webster informa que a palavra 'medium' pertence originalmente ao latim, e foi introduzida na língua inglesa a partir do ano de 1589, com o significado de 'algo em posição intermediária'. (32)

A partir de 1848, o movimento espiritualista percebeu a exigibilidade da presença de determinadas pessoas para a ocorrência da fenomenologia investigada, e passou a afirmar que as pessoas sem as quais os fenômenos de ruídos não ocorriam eram médiuns do fenômeno. O emprego constante dessa expressão acabou por estabelecer essa acepção específica. Em 1851, nos Estados Unidos, a nova acepção para a palavra médium já estava plenamente assumida. O escritor Charles Wyllys Elliott registra a entrevista com a Sra. Margaret Rutan Smith Fox em 1º de maio de 1851. Ao referir-se à nora da Sra. Fox, casada com David Fox, Elliott informa:

'Conforme ela afirmou, sua nora foi por certo tempo médium, de acordo com a denominação que agora tem sido adotada, mas ela perdeu esse dom.' (33)

O estudioso John Worth Edmonds nos mostra a plena identificação da palavra médium com seu novo significado:

'No dia 7 de maio de 1851, estive em uma reunião com cerca de 8 a 10 pessoas. Um dos médiuns presentes me disse que eu deveria publicar uma declaração do que eu havia testemunhado ali.' (34)

Ao lançar o livro O Espiritismo na sua expressão mais simples, em 1862, Allan Kardec reconhece que a palavra médium já existia antes do surgimento do espiritismo:

Nos Estados Unidos da América, por volta de 1848, a atenção pública foi atraída para diversos fenômenos estranhos, que consistiam em ruídos, pancadas e movimentos de objetos, sem causa conhecida. Muitas vezes esses fenômenos se produziam espontaneamente, com persistência e intensidade singulares; mas, também se observou que ocorriam mais particularmente sob a influência de certas pessoas, que foram designadas pelo nome de médiuns e que, de algum modo, os podiam provocar à vontade, o que permitia a repetição das experiências. (35)

Comentários ao Capítulo 7

Os autores responsabilizam a ausência de anotações das ocorrências testemunhadas pela "grande massa de pessoas que visitaram círculos privados onde essas manifestações ocorrem" pela perda de um grande número de provas que arregimentariam a construção do conhecimento dos fatos na defesa contra os opositores. Contudo a publicação dessa queixa no livro de Capron e Barron não será suficiente para despertar uma consciência colaborativa entre os pioneiros das várias

idades norte-americanas onde o fenômeno eclodiu. A exigibilidade de que os experimentadores daqueles tempos reconhecessem a importância de seus registros para a formação da progressividade da ciência espiritualista não será diferente daquela evidenciada por Allan Kardec em relação ao que se espera dos espíritos:

“A instrução espírita não abrange apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos. Incumbe-lhe a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas, a comprovação do que é possível e do que não o é; em suma, a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da ciência. Ora, fora erro acreditar-se que os fatos se limitam aos fenômenos extraordinários; que só são dignos de atenção os que mais fortemente impressionam os sentidos. A cada passo, eles ressaltam das comunicações inteligentes e de forma a não merecerem desprezados por homens que se reúnem para estudar.”
(15)

Comentários ao Capítulo 8

Os autores fazem referência ao trecho bíblico do profeta Ezequiel XIV: 3-4, sem, contudo, apresentar o referido trecho. Apresentamos a sua reprodução mais extensamente (Ezequiel XIV:1-4):

“Então vieram a mim alguns homens dos anciãos de Israel, e se assentaram diante de mim. E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, estes homens deram lugar aos seus ídolos e puseram o tropeço da sua maldade diante da sua face; devo eu de

alguma maneira ser interrogado por eles? Portanto fala com eles, e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Qualquer homem da casa de Israel que der lugar no seu coração aos seus ídolos, e puser o tropeço da sua maldade diante da sua face, e vier ao profeta, eu, o Senhor, lhe responderei nisso conforme a multidão dos seus ídolos.” (36)

O profeta Ezequiel recebe alguns israelitas que o vêm consultar mediunicamente, e o espírito protetor da raça dos hebreus – Yaweh – manifesta-se à percepção do médium, informando-lhe que aqueles homens não estavam em condições morais de alcançarem as instruções espirituais que buscavam porque suas iniquidades atraíam uma nuvem de espíritos doentios, os quais inevitavelmente interfeririam em qualquer intercâmbio celestial e, por isso, as mensagens espirituais proviriam “da multidão dos seus ídolos” e não dos espíritos superiores. Acrescentemos que a expressão “filho do homem” com a qual Yaweh dirigiu-se ao médium ocorre 93 vezes no livro de Ezequiel. (37)

Em sua obra O Evangelho Gnóstico de Tomé, (38) Hermínio Miranda considera a viabilidade da expressão filho do homem classificar aquele que já cumpriu uma preliminar na direção do estado de pureza e sabedoria, equivalente, no Espiritismo, àquele que efetivou sua transformação moral e está diariamente empregando esforços para conter suas más inclinações. (39)

A citação de Ezequiel por Capron e Barron pretendeu rejeitar a opinião daqueles que, baseando-se nela, afirmavam que somente espíritos diabólicos

entram em comunicação espiritual com os homens – o que, como vimos não é o caso, pois o espírito Yaweh deixa bem claro que os maus espíritos somente se comunicam porque são atraídos a contragosto pela péssima moral dos interrogantes.

A gradação moral dos comunicantes espirituais

Os autores analisam aspectos da gradação moral dos comunicantes. A menção dos autores aos espíritos ignorantes “que podem desconhecer com profundidade sobre o que estão falando” caracteriza o início do levantamento de hipóteses auxiliares, tão necessárias para a compreensão das ocorrências, e notoriamente alcançada em uma fase em que ainda não havia, entre os espiritualistas norte-americanos a presença dos médiuns escreventes, ficando a obtenção de demoradas conversações adstritas ao lento método da soletração do alfabeto.

Comentários ao Capítulo 9

A bateria galvânica

Os autores comparam as vibrações percebidas na mesa levantada do chão por ação espiritual, àquelas produzidas por uma bateria galvânica.

Também conhecida como pilha voltaica, a bateria galvânica foi descoberta de Alessandro Volta, no ano 1800. Destacamos a seguir, uma explicação sobre as vibrações produzidas por essas pilhas, encontrada em livro datado do ano de 1858:

“Muito barulho foi feito há alguns anos, sobre o novo método de desenvolvimento da eletricidade por indução magnética. Sabia-se que quando um ímã é colocado dentro de uma bobina de fio, isolado por estar coberto por um fio de seda, o fio assume um caráter polar, inverso em relação àquele que ocorre no ímã, e que se o circuito magnético e o da bobina forem fechados ao mesmo tempo, uma corrente formada no último leva a um sentido oposto ao do primeiro. O conhecimento deste fato deu origem à construção de máquinas baseadas no princípio magnético, e uma grande variedade tem sido produzida. Algumas são construídas com armaduras que, devido à passagem da corrente elétrica, vibram produzindo um tremor que é tanto maior quanto mais poderosos são os ímãs empregados.” (40)

Contribuição dos grupos pioneiros

A obra de Capron e Barron é a primeira publicação em livro que detalha as ações dos pioneiros do espiritualismo nos anos de 1848 e 1849, embora suas atenções estejam concentradas exclusivamente ao estado de Nova York, no qual as manifestações de espíritos por ruídos se iniciaram. Notícias presentes na obra *The Spiritualist and Journal of Psychological Science*, editada em 1875, resgatam a informação da existência de um círculo espiritualista na cidade de Nova Orleans, pertencente ao estado da Luisiana, que terá influência direta na exportação do modelo norte-americano de experimentações para Paris, a partir de

1849, quando uma de suas integrantes, Madame d'Abnour, retorna à França e fomenta a criação de um grupo de experimentadores. (41)

Hipolyte Leon Denizard Rivail participará, a partir de 1855, de dois diferentes grupos de experimentação mediúnica existentes em Paris, introduzindo estudos sérios dentro de um modelo de investigação que utilizou desde de um amplo programa de questões dirigidas aos comunicantes espirituais, reunindo, ordenando e classificando as respostas obtidas na direção de um rumo até então imprevisto: a vinculação das manifestações espirituais ao processo de entendimento da existência humana como oportunidade de progresso moral e intelectual do espírito eterno, a ser alcançado em múltiplas reencarnações, ensejo do qual resulta o lançamento de uma nova doutrina: o Espiritismo. (42)

Não aos milagres

Capron e Barron afirmam:

“Nós acreditamos que o que agora foi chamado de milagre está perfeitamente de acordo com as leis da natureza e que, em algum dia no futuro – e talvez não estejamos muito distantes disso –, serão conhecidas pelo homem”.

Allan Kardec obterá essas explicações a partir de conversações mantidas com espíritos por meio de médiuns psicógrafos, submetendo-lhes perguntas antecipadamente preparadas:

“Na sua acepção primitiva e pela sua etimologia, o termo milagre significa coisa extraordinária, coisa admirável de se ver. Mas como tantas outras, essa palavra se afastou do seu sentido originário e hoje, por milagre, se entende (segundo a Academia) um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza. (...) Nosso fim é, unicamente, demonstrar que os fenômenos espíritas, por mais extraordinários que sejam, de maneira alguma derogam essas leis, que nenhum caráter tem de miraculosos, do mesmo modo que não são maravilhosos, ou sobrenaturais. O milagre não se explica: os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam racionalissimamente.” (16)

Comentários ao Apêndice dos Autores

Os autores afirmam que:

“Os clarividentes entram em contato com os espíritos através do fluido nervoso ou elétrico, que é o meio de comunicação entre espíritos encarnados e desencarnados”.

Vamos visitar outra obra escrita nesse período de formação inicial do espiritualismo norte-americano, cujo autor, Thomas White, pretende que o cérebro produz nutrientes que alimentam o corpo espiritual:

“O oxigênio não é magnetismo animal, mas faz, com a eletricidade, o mesmo que os alimentos fazem em benefício dos nossos corpos.

“O sangue penetra nos pulmões, onde recebe o oxigênio à medida que o retiramos da atmosfera. O oxigênio é então transportado pelo sangue até o

cérebro, onde sofre uma ação química e é transformado em fluido nervoso. Assim, a relação entre cérebro, fluido nervoso e alma, é a mesma que o sangue tem com o corpo. O sangue contém em si todo o material necessário para constituir os ossos, os músculos etc. O fluido nervoso contém dentro de si o requisito material necessário para alimentar o organismo da alma – o corpo espiritual – portanto, a alma é uma corporificação vitalizada de eletricidade, já que nossos corpos são encarnações vitalizadas de matéria.” (43)

Um volume inteiro com perguntas e respostas

Os autores afirmam ter realizado grande número de questões dirigidas aos espíritos, ao ponto de que, se quisessem, poderiam “preencher todo um volume com perguntas e respostas (...)”. Efetivamente o movimento espiritualista teria avançado bastante se o tivessem feito. Mas quem realizará esse intento a partir de 1855 é o prof. Rivail, ao adotar na França o mesmo procedimento de observar fatos e deduzir pontos doutrinários e contando com a colaboração de espíritos comunicantes e vários médiuns, sob o pseudônimo de Allan Kardec, mostra que determinado tipo de fluido exarado por alguns médiuns são parte imprescindível à produção de certos fenômenos. Em O Livro dos Médiuns, encontramos a pergunta dirigida por Kardec ao Espírito São Luís:

– Como pode um espírito produzir o movimento de um corpo sólido?

– “Combinando uma parte do fluido universal com o fluido, próprio àquele efeito, que o médium emite.” (17)

Ainda em O Livro dos Médiuns, Allan Kardec refere o fluido nervoso:

“Esse segundo invólucro da alma, ou perispírito, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos.” (18)

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

(1) One Hundred Signers Project, acessado em 05/03/2022

<https://www.100signersproject.com/signer-profiles/signer-96-ew-capron-the-wandering-spiritualist>

(2) WALDIE, A. The American Phrenological Journal and Miscellany. New York: Fowlers and Wells, 1849, p. 352

(3) Blog Chasing Down Emma, acessado em 09/07/2022
<http://ehbritten.blogspot.com/2014/02/notes-on-mountain-cove-3-henry-d-barron.html>

(4) Wisconsin Historical Society, acessado em 05/03/2022

<https://www.wisconsinhistory.org/Records/Article/CS5203>

(5) Marquis d'Argens. Man a Machine, translated from the French of the arquis d'Argens or rather from "L'Homme machine" by Julien Offray de la Mettrie. Translation: Jean Batiste Boyer. W. Owen, London, 1749, p. 85

(6) ROCHESTER, John Wilmot. Os Luminares Tchecos. Tradução de Victor Selin. 4 ed. Catanduva: Boa Nova, 2005

(7) Enciclopedia Britannica acessado em 04/11/2022)

<https://www.britannica.com/biography/John-Rogers-English-religious-reformer>

- (8) This Day in History, acessado em 05/05/2022
<https://www.history.com/this-day-in-history/quakers-executed-for-religious-beliefs>
- (9) Blog do Grupo de Pesquisa sobre História e Memória dos Batistas, acessado em 09/11/2022
<https://www.igrejabatista.net/blog/obadiah-holmes-o-martir-batista>
- (10) CAPRON, E.W. Modern Spiritualism: its facts and fanaticisms. New York: Bela Marsh, 1855
- (11) CAPRON, E. W. Modern Spiritualism, its facts and fanaticisms its consistencies and contradictions, p. 90. Boston: Bela Marsh,1855
- (12) KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, item 9. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB
- (13) KARDEC, Allan, O Livro dos Médiuns, item 194, 4º, tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB)
- (14) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, item 273. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB
- (15) Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, Cap. 19, item 328
- (16) KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, item 15.
- (17) Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, cap. IV, Item 74, questão VIII
- (18) Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, Item 54

(19) LEWIS, E. E. Ruídos misteriosos ouvidos na casa de John D. Fox em Hydesville. Rochester: The Power Press of Shepard & Reed, 1848

http://www.ebookespirita.org/ebook_espirita_gratis.htm acessado em 25/05/2022

(20) UNDERHILL, Ann Leah Fox. The Missing Link of Modern Spiritualism. New York: Thomas R. Knox & CO., 1885, p. 32

(21) UNDERHILL, Ann Leah Fox. The Missing Link of Modern Spiritualism. New York: Thomas R. Knox & CO., 1885, p. 48

(22) UNDERHILL, Ann Leah Fox. The Missing Link of Modern Spiritualism. New York: Thomas R. Knox & CO., 1885, p. 60-62

(23) OWEN, Robert Dale. Footfalls on the Boundary of Another World. Philadelphia: J. B. Lippincott & CO. 1860, p. 292

(24) WESLEY, P. D.; UZELAC, C. P., William Cooper Nell: Nineteenth-Century African American Abolitionist, Historian, Integrationist, Selected Writings from 1832-1874. Baltimore: Black Classic Press, 2002, p. 23

(25) The Met Museum, acessado em 22/05/2022
<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/9726>

(26) ÂNGELIS, Joanna de (espírito). Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Lições para a felicidade. 3. ed.

Salvador, BA: Livr. Espírita Alvorada. 2003. Cap. "Acasos felizes". p. 75.

(27) SILVA, E. M. Reflexões teóricas e históricas sobre o Espiritualismo entre 1850-1930. Departamento de História, IFCH-UNICAMP, 1997

<https://www.unicamp.br/~elmoura/O%20Espiritualismo%20nos%20S%20E9c.%20XIX%20e%20XX.doc>

acessado em 07/05/2022

(28) Kardec, Allan, Revista Espírita jan 1859, tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB

(29) MIRANDA, Hermínio de Correa. Swedenborg, uma análise crítica. Rio de Janeiro: CELD. 2005

(30) MIRANDA, Hermínio. O pequeno laboratório de Deus. São Paulo: Editora 3 de outubro, 2010

(31) BARREIROS, Bruno. Pluralismo e dissensão: o magnetismo animal em debate no Portugal de meados de Oitocentos. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 27. N.2, abr.-jun. 2020, p. 503-521

(32) Dicionário Merriam Webster, acesso em 10/05/2022

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/medium#h1>

(33) ELLIOTT, C. W. Mysteries and Glimpses of the Supernatural. New York, Harpers & Brothers, 1852, p. 119

(34) EDMONDS, J. W.; DEXTER, G. T. Spiritualism, Partridge and Brittan Editors, New York, 1853, p.25

(35) KARDEC, Allan. O Espiritismo na sua expressão mais simples e outros opúsculos de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2006

(36) A Bíblia – bilíngue, acessado em 28/07/2022
<https://www.transcripture.com/portuguese-alemao-ezequiel-14.html>

(37) RUEDA, Eduardo. O "filho do homem: a expressão na literatura judaica antiga e cristã primitiva. Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP
<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/download/976/988/2339> acessado em 28/07/2022

(38) MIRANDA, Hermínio. O Evangelho Gnóstico de Tomé, Os três patamares da evolução. São Paulo: Lachâtre, 1995

(39) KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, cap XVII, Sede perfeitos. Rio de Janeiro: FEB

(40) KOST, J. The elements of Materia Medica and Therapeutics, Cincinnati: Moore, Wilstach, Keys & CO., 1858, p. 536-37

(41) The Spiritualist and Journal of Psychological Science, n. 155, (vol. VII – n. 7), 13 de agosto de 1875, Londres.

(<https://deriv.nls.uk/dcn23/1371/6935/137169354.23.pdf> acessado em 04/04/2022

(42) BRITTEN, Emma Hardinge. Nineteenth century miracles. Nova York: Lovell & Co, 1884

(43) WHITE, Thomas. An Essay on Spiritualism. St. Clairsville, Ohio: Balsley, 1855, p. 18